Maria Glória Dittrich
Talita Garcia
Fernanda Analú Marcolla
Ricardo Vianna Hoffmann
Organizadores

EDUCAÇÃO E CULTURA SOB OLHARES DIVERSOS

Bagai

EDUCAÇÃO E CULTURA

Sob olhares diversos

Bagai

AVALIAÇÃO, PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram avaliados por pares e indicados para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Alice Gabriela Benevides CRB-1/318548

E26 1.ed.	Educação e Cultura sob olhares diversos [livro eletrônico] / organizadores Maria Glória Dittrich. [et al.]. – 1. ed. – Curitiba-PR, Editora Bagai, 2024, 165p.
	Disponível em www.editorabagai.com.br
	Outros organizadores: Talita Garcia. Fernanda Analú Marcolla. Ricardo Vianna Hoffmann.
	Bibliografia.
	ISBN: 978-65-5368-508-6
	1. Literatura. 2. Cultura. 3. Educação.
	I. Dittrich, Maria Glória. II. Garcia, Talita. III. Marcolla, Fernanda Analú. IV. Hoffmann, Ricardo Vianna.
05-2024/97	CDD 800

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura: Cultura; Educação. 800

https://doi.org/10.37008/978-65-5368-508-6.26.11.24

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia da Editora BAGAI por qualquer processo, meio ou forma, especialmente por sistemas gráficos (impressão), fonográficos, microfilmicos, fotográficos, videográficos, reprográficos, entre outros. A violação dos direitos autorais é passível de punição como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal) com pena de multa e prisão, busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Este livro foi composto pela Editora Bagai.

www.editorabagai.com.br
/editorabagai
/editorabagai
contato@editorabagai.com.br

Maria Glória Dittrich
Talita Garcia
Fernanda Analú Marcolla
Ricardo Vianna Hoffmann
Organizadores

EDUCAÇÃO E CULTURA

Sob olhares diversos

Bagai

1.ª Edição – *Copyright*© 2024 dos autores.
Direitos de Edição Reservados à Editora Bagai.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).
As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

Editor-Chefe	Prof. Dr. Cleber Bianchessi
Revisão	Os autores
Diagramação	Luciano Popadiuk
Capa	Maria Glória Dittrich

Conselho Editorial

Dr. Adilson Tadeu Basquerote – UNIDAVI
Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOESC
Dra. Andréa Cristina Marques de Araújo - CESUPA
Dra. Andréia de Bem Machado – UFSC
Dra. Andressa Graziele Brandt – IFC - UFSC
Dr. Antonio Xavier Tomo - UPM - MOÇAMBIQUE
Dra. Camila Cunico – UFPB
Dr. Carlos Alberto Ferreira – UTAD - PORTUGAL
Dr. Carlos Luís Pereira – UFES
Dr. Claudino Borges – UNIPIAGET – CABO VERDE
Dr. Cledione Jacinto de Freitas – UFMS
Dra. Clélia Peretti - PUCPR
Dra. Daniela Mendes V da Silva – SEEDUCRJ
Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL
Dra. Denise Rocha – UFU
Dra. Elisa Maria Pinheiro de Souza – UEPA
Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC
Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima - UFPI
Dr. Ernane Rosa Martins – IFG
Dra. Flavia Gaze Bonfim – UFF
Dr. Francisco Javier Cortazar Rodríguez - Universidad Guadalajara – MÉXICO
Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes – UENP
Dr. Hélder Rodrigues Maiunga - ISCED-HUILA - ANGOLA
Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC
Dra. Helisamara Mota Guedes – UFVJM
Dr. Humberto Costa – UFPR
Dra. Isabel Maria Esteves da Silva Ferreira – IPPortalegre - PORTUGAL
Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira – PUC-SP
Dr. João Paulo Roberti Junior – UFRR
Dr. Joao Roberto de Souza Silva - UPM
Dr. Jorge Carvalho Brandão – UFC
Dr. Jose Manuel Salum Tome, PhD – UCT - Chile
Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA
Dr. Juan Martín Ceballos Almeraya - CUIM-MÉXICO
Dr. Juliano Milton Kruger - IFAM
Dra. Karina de Araújo Dias – SME/PMF
Dra. Larissa Warnavin – UNINTER
Dr. Lucas Lenin Resende de Assis - UFLA
Dr. Luciano Luz Gonzaga – SEEDUCRJ
Dra. Luísa Maria Serrano de Carvalho - Instituto Politécnico de Portalegre/CIEP-UE - POR
Dr. Luiz M B Rocha Menezes – IFTM
Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra - UFPB
Dr. Marciel Lohmann – UEL
Dr. Márcio de Oliveira – UFAM
Dr. Marcos A. da Silveira – UFPR
Dra. María Caridad Bestard González - UCF-CUBA
Dra. Maria Lucia Costa de Moura – UNIP
Dra. Marta Alexandra Gonçalves Nogueira - IPLEIRIA - PORTUGAL
Dra. Nadja Regina Sousa Magalhães – FOPPE-UFSC/UFPel
Dr. Nicola Andrian - Associação EnARS, ITÁLIA
Dra. Patricia de Oliveira - IF BAIANO
Dr. Paulo Roberto Barbosa – FATEC-SP
Dr. Porfirio Pinto – CIDH - PORTUGAL
Dr. Rogério Makino – UNEMAT
Dr. Reiner Hildebrandt-Stramann - Technische Universität Braunschweig - ALEMANHA
Dr. Reginaldo Peixoto – UEMS
Dr. Ricardo Cauica Ferreira - UNITEL - ANGOLA
Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto – UNICENTRO
Dra. Rozane Zaionz - SME/SEED
Dr. Stelio João Rodrigues - UNIVERSIDAD DE LA HABANA - CUBA
Dra. Sueli da Silva Aquino - FIPAR
Dr. Tiago Tendai Chingore - UNILICUNGO – MOÇAMBIQUE
Dr. Thiago Perez Bernardes de Moraes – UNIANDRADE/UK-ARGENTINA
Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández – UCLV e CUM – CUBA
Dra. Vanessa Freitag de Araújo – UEM
Dr. Walmir Fernandes Pereira – FLSHEP - FRANÇA
Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT
Dr. Yoisell López Bestard- SEDUCRS

APRESENTAÇÃO

Nos dias atuais, a geopolítica nas dinâmicas da governança global apresenta demandas inusitadas sobre os modos de vida e da forma de habitar no mundo, logo, refletir sobre educação e cultura na contemporaneidade é significativo para compreender e enfrentar os desafios da sociedade.

A educação, em sua essência, é um processo educante, transformador, em que o ser humano vive para humanescer, tornando-se pessoa profunda que busca sentido na sua maneira de ser – sentir, pensar, agir e conviver em um universo multi e intercultural globalizado. É fundamental considerar que o tema educação e cultura tem um fulcro central de princípio: o respeito à dignidade da pessoa humana dentro de identidades culturais e conhecimentos paradigmáticos que atravessam formas de pensar e de agir na política, na economia e no desenvolvimento social. Como afirma Paulo Freire (1996), não há saber mais, nem saber menos: há saberes diferentes. Esta afirmação destaca a importância de uma educação que valorize a pluralidade de experiências culturais, reconhecendo a diversidade como elemento essencial para o aprendizado.

Na era globalizada e digital, a cultura e a educação estão intrinsecamente ligadas, especialmente à medida que as interações entre pessoas de diferentes contextos culturais se tornam mais frequentes. Segundo Edgar Morin (2000), a educação deve promover uma cabeça bem-feita, e não uma cabeça bem-cheia, sugerindo que a formação intelectual deve ser crítica e reflexiva, de modo a oportunizar processos de formação que promovam a criatividade do ser humano para saber pensar o real vivido na "alegria ou no sofrimento", como dizia Frankl. Nessa visão, cultura e educação se constituem um elo de organização e estruturação, para a formação de cidadãos capazes de compreender e respeitar a complexidade cultural do mundo, em constantes mudanças que aparecem no cotidiano na forma de informações e notícias líquidas remetentes às várias dimensões do viver.

O debate entre educação e cultura também deve levar em consideração a herança de exclusão e desigualdade que marca a história do

Brasil. Como Anísio Teixeira (1957) observa, a educação é o processo pelo qual a cultura é transmitida, mas, ao mesmo tempo, é a ferramenta para a criação de novas culturas. Nesse sentido, a educação deve ser um espaço de emancipação, promovendo novas formas de pensar e agir que rompam com paradigmas excludentes e construam uma sociedade mais justa.

Além disso, Zygmunt Bauman (2007) destaca a imprevisibilidade do futuro ao afirmar que a educação hoje enfrenta o desafio de preparar os jovens para um mundo que não podemos prever. Esta reflexão reforça a importância de uma educação que desenvolva não apenas competências técnicas, mas também habilidades interpessoais e éticas, capazes de promover uma convivência harmoniosa em um ambiente culturalmente diverso.

A cultura, enquanto expressão das vivências coletivas, deve ser parte central do processo educativo. Paulo Freire, em seu pensamento transformador, afirmou que a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo (Freire, 1997). Sob essa perspectiva, o debate sobre a interseção entre educação e cultura se torna ainda mais relevante, uma vez que ambos são forças que moldam os sujeitos e as sociedades.

A coletânea "Educação e Cultura", organizada pela Academia de Letras do Brasil de Brusque, reúne uma série de reflexões que exploram essa temática a partir de múltiplas perspectivas, abrangendo diferentes contextos históricos e culturais. Cada texto, de forma única, contribui para o entendimento das interações entre educação e cultura, refletindo os desafios e as possibilidades de transformação na contemporaneidade.

Maria Glória Dittrich, titular da cadeira nº 06 da Academia de Letras do Brasil de Brusque, oferece uma reflexão profunda sobre a relação entre educação, cultura e o ato de cuidar. O texto destaca a importância de integrar o cuidado como valor fundamental na prática educacional, promovendo um desenvolvimento humano integral, que vai além da mera instrução acadêmica, abraçando a formação ética e a valorização do respeito à dignidade da pessoa humana em uma sociedade inter e transcultural.

Os autores Fernanda Analú Marcolla e Rogério Ristow, titulares das cadeiras nº 03 e nº 12, respectivamente, exploram as raízes históricas e simbólicas da justiça no Antigo Egito, através de uma análise cultural do papiro *O Julgamento de Osíris*. Este estudo oferece um olhar detalhado sobre as práticas culturais e as concepções de justiça dessa civilização, traçando paralelos com as reflexões atuais sobre justiça e educação na formação das sociedades.

Gilberto Rau, titular da cadeira nº 04, aborda de forma crítica os desafios que a educação e a cultura enfrentam no século XXI, propondo uma reflexão sobre as mudanças necessárias para que essas áreas possam contribuir para uma sociedade mais justa e humanitária. O autor utiliza a perspectiva de um "observador externo" para analisar as tensões e oportunidades existentes na busca por uma sociedade mais equitativa.

Fernanda Analú Marcolla e Ricardo Vianna Hoffmann, titulares das cadeiras nº 03 e nº 16, conduzem uma análise crítica da música "*Another Brick in the Wall*" de Pink Floyd, discutindo como a obra se apresenta como uma poderosa crítica ao sistema educacional tradicional. O estudo destaca a relevância da música como uma ferramenta de crítica social e educacional que questiona a padronização e a opressão dos sistemas escolares contemporâneos.

Talita Garcia, titular da cadeira nº 09, apresenta o programa Alunos no Legislativo, da Câmara Municipal de Brusque, iniciativa institucional que promove a disseminação de conhecimentos sobre o Poder Legislativo como meio de contribuir para a formação cidadã de estudantes do Ensino Fundamental. Seu texto analisa o alcance da iniciativa principalmente sob a ótica da comunicação pública e suas potencialidades para incentivar o engajamento democrático e o exercício da cidadania ativa desde cedo.

Maria Teresinha Debatin, titular da cadeira nº 08, reflete sobre o caráter emancipatório da educação e da cultura, enfatizando como o conhecimento pode libertar os indivíduos das amarras sociais e culturais que os prendem. Seu texto ressalta a importância de uma educação que seja um instrumento de alforria intelectual e social, promovendo a autonomia e a liberdade.

Aldo Maes dos Anjos, titular da cadeira nº 19, utiliza a linguagem dos quadrinhos para discutir a interseção entre educação e cultura. Em

uma abordagem inovadora, o autor explora como essa forma de arte visual pode ser utilizada como ferramenta educacional, tornando conceitos complexos mais acessíveis e atraentes para um público mais amplo.

Marcos Eugênio Welter, titular da cadeira nº 02, narra suas experiências culturais vividas ao redor do mundo, através de um olhar sobre as diferentes formas de celebração de aniversários. O texto oferece uma reflexão sobre as diversidades culturais, destacando como essas celebrações refletem valores e tradições locais, proporcionando uma maior compreensão das múltiplas identidades que compõem a sociedade global.

Essa coletânea da Academia de Letras do Brasil de Brusque criação e expressão de pensamento de cada autor, não apenas enriquece o debate sobre educação e cultura, mas também oferece múltiplas perspectivas sobre como essas áreas se entrelaçam e moldam a sociedade contemporânea que se mobiliza no movimento de rede transcultural. Cada autor responsável por suas ideias contribui de maneira única para esse diálogo, ressaltando a importância de uma educação que oportunize o saber pensar de forma criativa, crítica, reflexiva e culturalmente solidária e corresponsável.

Brusque, 21 de outubro de 2024.

Fernanda Analú Marcolla
Talita Garcia
Maria Glória Dittrich
Ricardo Vianna Hoffmann

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e o mundo moderno**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957.

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO, CULTURA E SABER CUIDAR 11
Maria Glória Dittrich

SIMBOLOGIA DA JUSTIÇA NO ANTIGO EGITO: ANÁLISE CULTURAL DO PAPIRO "O JULGAMENTO DE OSÍRIS" 25
Fernanda Analú Marcolla | Rogério Ristow

EM BUSCA DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E HUMANITÁRIA: DESAFIOS EDUCACIONAIS E CULTURAIS NO SÉCULO XXI SOB A ÓTICA DE UM OBSERVADOR EXTERNO 39
Gilberto Rau

A FUNÇÃO DA MÚSICA NA CRÍTICA EDUCACIONAL: UM ESTUDO DE "*ANOTHER BRICK IN THE WALL*" DE PINK FLOYD 69
Fernanda Analú Marcolla | Ricardo Vianna Hoffmann

ALUNOS NO LEGISLATIVO: A COMUNICAÇÃO PÚBLICA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA NA CÂMARA MUNICIPAL DE BRUSQUE 85
Talita Garcia

EDUCAÇÃO E CULTURA: SABERES QUE ALFORRIAM 109
Maria Teresinha Debatin

EDUCAÇÃO E CULTURA (EM QUADRINHOS) 121
Aldo Maes dos Anjos

PERRENGUES E ANIVERSÁRIOS MUNDO AFORA 131
Marcos Eugênio Welter

SOBRE OS AUTORES 157

ÍNDICE REMISSIVO 163

COLETÂNEA IMORTAIS
ACADEMIA DE LETRAS DO BRASIL – BRUSQUE

[1]

O cultivo do intelecto é o maior bem e a mais pura felicidade do homem.

(Aristóteles)

A felicidade de sua vida depende da qualidade de seus pensamentos.

(Marco Aurélio)

Quando não somos mais capazes de mudar a situação, somos desafiados a mudar a nós mesmos.

(Viktor Frankl)

[1] Obra: "O nascimento do ser cósmico". Autora: Maria Glória Dittrich. Técnica: óleo sobre tela. Data: 1995.

EDUCAÇÃO, CULTURA E SABER CUIDAR

Maria Glória Dittrich[1]

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a educação é marcada por diversos avanços na inovação tecnológica que oportunizam rapidez e diversidades de informações e conhecimentos, metodologias, ilustrações, imagens e ferramentas de acessibilidade internacional etc. No entanto, a educação também está marcada por grandes conflitos no que diz respeito ao saber cuidar do ser humano diante de suas amplas necessidades, multidimensionais, e que afetam os processos de formação escolar nos seus vários níveis de estruturação e organização.

Como fazer relações criativas e saudáveis entre profissionais da educação e os discentes, que, muitas vezes, chegam às universidades altamente estressados, ansiosos e sem ânimo para viver? O que dizer sobre essa situação no campo da cultura e que sem dúvida impacta nas relações educativas no dia a dia? O que dizer sobre seres humanos circulando pelos corredores universitários e salas de aula e que se apresentam cansados e afirmam não terem concentração, nem foco para entender os discursos de professores, bem como fazer leituras indicadas para o estudo? O que dizer sobre o fenômeno do suicídio ocorrido no campo de universidades? Afinal, que tempo é esse que a educação e a cultura estão em crise existencial? Será que a crise é de valores, de princípios, de conceitos, de saberes, de modos de ser e de habitar no mundo? Quem já não percebeu os clamores do ser humano por cuidado frente a dor, a fome, o abandono, o vazio psíquico, o desamor, a violência de toda ordem que acontecem diariamente em fatos, atos e circunstâncias do viver social?

Ao circular no campus universitário, o fenômeno do olhar manifesta-se à consciência do ser humano que ensina e aprende. Tal fenômeno surge como um estupor inusitado, registrando o movimento de seres humanos que vão e que vem nos corredores, calçadas e jardins da uni-

[1] Titular da cadeira nº 06 na Academia de Letras do Brasil de Brusque.

versidade em busca do conhecimento. Henry Bergson (1982), filósofo francês, entendida que o olhar registra estados imediatos da consciência que acontecem no cotidiano, como a passagem de um filme rápido e que embora as cenas passam sem se deter, podem trazer um sentido para o ser humano que percebe de acordo com a intencionalidade que dirigiu o seu olhar.

Na corrida diária, no campus universitário, docentes, discentes pesquisadores e gestores expressam nas relações acadêmicas movimentos corporais com diversas linguagens marcadas por uma certa apatia que se mostra nos olhares perdidos e, por vezes, vidrados, esvaziados de algo que não se sabe o que é, mas que atravessam tempo-espaço na convivência imediata na educação e da cultura em que estão inseridos nas sus crenças e valores.

A cotidianidade da vida na educação erguida numa racionalidade positivista, mecanicista e altamente pragmática está se mostrando em fatos, atos e circunstâncias que beiram o inusitado, o não previsível, a insegurança, a incerteza e a provisoriedade da informação e do conhecimento. Tais emergências colocam em xeque o princípio ético do saber cuidar na educação – o respeito e o amor à sabedoria e ao ser humano aprendente em busca da verdade, na construção de um conhecimento aprofundado, denso, coerente e pertinente ao objeto investigado. Será que a educação está sabendo cuidar psicopedagogicamente do discente para descobrirem o sentido do conhecimento para a vida?

A velocidade com que as demandas de ensino disciplinares em múltiplas atividades acontece obrigam o ser humano a realizar suas reflexões e produções de forma superficial, utilizando-se de cópias muitas vezes equivocadas. Não será isso um sinal grave na cultura pedagógica da formação? Já dizia Platão (1996) que a cópia da cópia, na construção do conhecimento sobre algo do mundo real, torna-se mera opinião (*doxa*); logo, carece de um entendimento explicitado em ideias (*noesis)* na conjugação de intelecto e emoção, razão e vontade, que trazem um sentido do porquê das coisas. O conhecimento processado no ato pedagógico da aprendizagem necessita desabrochar em um sentido próprio de aplicação na consciência do aprendente, em relação aos seus problemas, gostos e vontade de ser e fazer no conviver.

Como promover uma cultura educacional promotora de consciências que despertem amor à sabedoria e respeito à dignidade da pessoa humana e da vida como um todo complexo? Como vencer a cultura do ativismo educacional para a superficialidade do ensino e da produção do conhecimento? Em que consiste uma cultura educacional aberta ao saber cuidar do ser humano nas suas dores e sofrimentos, no sentido de ir superando-se pela criatividade, como uma maneira de ser e conviver no aprender a aprender com respeito a si, ao outro, a cultura e a natureza? Como saber cuidar do ser humano nas práticas educativas promovendo-o na inserção e percepção do conhecimento humanístico e científico-tecnológico para tornar-se capaz de criar soluções para problemas da sociedade, tendo em vista o bem viver para a qualidade de felicidade? O que fazer na educação para cuidar do ser humano no despertar de sua consciência, para descobrir o sentido do conhecimento para sua vida? Estas são perguntas que sacodem a consciência docente e as políticas públicas em educação e cultura numa sociedade de perfil consumista e em crise de valores e princípios morais e éticos.

Os desafios econômicos, políticos, sociais, ecológicos e culturais, muitas vezes, tornam-se verdadeiros "abismos" expropriadores da energia vital-cognitiva do ser humano e ofuscam o seu olhar diante dos fenômenos existenciais que implicam no aprender a aprender no mundo, em busca de um bem viver.

O ser humano na sociedade tecnológica parece que ficou insensível e embrutecido, acelerado e mecânico no seu sentir-pensar e conviver. Percebe-se que sua regulação comportamental está dirigida por modismos da impactante comunicação virtual e de cultura de massa em rede, que, por um lado tecnologicamente, oferece uma riqueza de informações e conhecimentos, e, por outro, encaminha a mente da pessoa para viciar-se na informação rápida, descartável, com artifícios de imagens convincentes e com uma estética prazerosa de cor, som, palavras, movimentos etc. Esse fenômeno tem levado a pessoa a descentralizar sua autopercepção para viver um processo de compulsão no consumo do controle da comunicação nas redes sociais. Não parece ser isso grave?

Viver uma cultura de massa é, de alguma maneira, entrar no jogo da coesão e opacidade do conhecimento, com uma diversidade de expressões culturais que nem sempre mostram os fatos, atos e circunstâncias

de como são no real vivido. Afirma Bauman (2008), que é preciso deixar claro que, em uma sociedade de consumidores, os vínculos humanos tendem a estar mediados pelo mercado de consumo, o sentimento de pertencimento não se alcança dentro dos padrões ditados pela forma de consumir e possuir bens, sejam conceitos ou coisas. Com efeito, esta ideia de Bauman aponta uma forma de pensar na tônica imposta do acolher e do mover-se no embalo de narrativas, conceitos e princípios que nem sempre proporcionam uma cultura dirigida à valoração do ser no mundo *(Dasein),* no respeito à dignidade da pessoa humana, corpo-criante sagrado, capaz de descobrir-se nos seus verdadeiros sentimentos e pensamentos, que os qualificam para um viver com sentido de ser no mundo.

A base material-espiritual da existência humana, dentro da sociedade cultural marcada pelo consumo compulsivo de tecnologias, está fragilizada. O ser humano contemporâneo arrasta dentro de si resquícios fortes de pensamentos marcados pelas dualidades corpo e alma, matéria e espírito, emoção e razão, finitude e infinitude, certo e errado defendidos desde Platão até o apogeu da consagração do antropocentrismo da razão moderna e da pluralidade de pensamentos e modismos pós-moderno.

Na educação moderna, o ser humano por um lado oportunizou o desabrochar da sua capacidade de criar conhecimento, criar ciência, mas, por outro lado abafou e objetificou, sobretudo, a sua dimensão espiritual-criativa. No entanto, na leitura do cotidiano de vida, percebe-se que, quando uma cultura entra em crise, o ser humano vive uma experiência de retornar para si mesmo, em busca do culto à sua espiritualidade natural que remete à necessidade de reconhecimento de seu ser profundo. Então, ele se faz a pergunta: Quem sou eu mesmo? Qual o sentido de minha existência? Em que a educação e a cultura estão colaborando para resolver os problemas de minha vida?

Nesse percurso existencial, o ser humano sente que algo precisa ser descoberto, desvelado, e que diz respeito a vontade de saber o sentido de vida que está enraizado nas profundezas de seu ser. Para Frankl (2001), esse é um desejo, espiritual-intelectual, permanente no ser humano, e emerge especialmente quando o ser humano vive a dor (sofrimento), o amor, ou na emergência de sua criatividade no mundo. Estes caminhos implicam busca de conhecimento com sentido para a vida e que faz a diferença para ele.

Diante das crises geopolíticas emergidas de ameaças de guerra, da vida e da morte, das doenças e da saúde e dos desastres ambientais, o ser humano, no seu corpo-criante como um todo vivo, sente-se atravessado por pensamentos e sentimentos que lhe causam dores e sofrimentos, mas também força e esperança. Logo, o objetivo deste texto é apresentar uma reflexão, fenomenológica e transdisciplinar, sobre cultura educativa e o saber cuidar do ser humano que busca descobrir um sentido do conhecimento para sua vida.

1 O SER HUMANO – CORPO-CRIANTE E CULTURA EDUCATIVA

Neste milênio, as demandas humanas nos suspiros de uma globalização cultural, ou cultura global, acenderam o foco de mudanças educacionais que apontam e anunciam a necessidade de relações educativas permeadas por um saber e fazer dinâmicos e criativos, que ofereçam autoridade de conhecimento, para saber acolher o ser humano dentro de um conviver de amorosidade criativa, no respeito e corresponsabilidade para com a vida.

A cultura global é um projeto da modernidade. Segundo Santos (2002, p.47), "acredita-se que a intensificação dramática de fluxos transfronteiriços de bens, capital de trabalho, pessoas, ideias e informações originou convergências, isomorfismos e hibridações, moda, hábitos alimentares ou consumo cultural de massas." No entanto, o que se percebe é que existe uma alta complexidade na base estrutural e organizacional deste fenômeno e que ainda carece de força condutora para uma efetiva cultura global. Até porque, não se pode deixar de considerar que cultura é um processo dinâmico, que ocorre entre o individual territorialmente localizado, com suas peculiaridades, e o coletivo que vai se estruturando nos locais individualizados da cultura. De acordo com esse entendimento, Santos (2002, p. 47) afirma que "a cultura é, por definição, um processo social construído sobre a intercepção entre o universal e o particular".

Há vários modos de conceituar cultura. Lançando um olhar mais amplo, pode-se dizer que a cultura expressa e dinamiza o modo de viver, de pensar, e de se organizar de um povo, inteligente e sensível, que é

capaz de criar e transformar o meio onde habita, de acordo com seus valores morais, costumes e princípios simbólicos psicoespirituais, como também sua cosmovisão.

A cultura ensina o ser humano a estruturar seus modos de vida e a humanizar-se educacionalmente nas relações sociais, políticas, econômicas e ambientais. Com efeito, cultura e educação são manifestações humanas interconectadas, constitutivas e constituintes da formação humana.

Segundo Dittrich (2010), uma cultura educativa emerge alinhada ao "grito" de um fenômeno humano - a espiritualidade natural do ser humano, corpo-criante, sagrado, criado a imagem e semelhança de Deus na busca de sabedoria e o sentido do viver como uma *dynamis* vital, única e subjetiva. Confirmando esta ideia Tillich (1972, p. 63) diz: "no homem nada é ´meramente biológico` como nada é ´meramente espiritual. Cada célula de seu corpo participa de sua liberdade e espiritualidade e cada ato de sua criatividade espiritual se nutre de sua dinâmica vital".

A visão de Tillich aponta para a necessidade de entender a espiritualidade humana e a sua relação com a cultura na educação a partir da própria criatividade do ser humano, como manifestação da vida em processo sensível e inteligível em um corpo humano que em sua natureza é criante. Neste sentido, quando se pensa educação como processos culturais no sentir-pensar-criar-fazer e conviver no aprender, toca-se na necessidade de compreender o ser humano como um ser de cuidado - corpo-criante no mundo em busca de sentido de vida.

O fenômeno do saber cuidar na cultura e na educação tem origem ontológica. Ele está na constituição da existência do ser humano. O saber cuidar é essencial como força manifestante da vida do ser humano na dedicação a si e ao outro, na ternura, na devoção, no sentimento, na compaixão e na corresponsabilidade. Dentro dessa visão, o saber cuidar remete para um tipo de consciência na educação. Essa consciência transcende a razão instrumental, analítico-funcional e utilitarista. Não é que o ser humano não precise deste tipo de consciência na educação, mas, quando se fala na cultura educativa que processualmente vai constituindo a existência humana no caminho do amor à sabedoria, o saber cuidar implica em um mundo de valores e de virtudes que emergem de uma inteligência sensível, cordial, amorosa e de respeito às singularidades do ser humano.

O processo de saber cuidar dentro de uma cultura educativa toma uma postura nas relações sociais em que o conhecimento é fruto de inteligência e de amor. Com efeito, o ser humano, um todo orgânico vivo multidimensional (biopsicoespiritual, sociocultural, político-econômico e ambiental), encontra suas raízes antropológicas em uma cultura educativa que vai muito além das convenções políticas e dos processos regulatórios legais. Aqui o entendimento alcança o respeito incondicional ao princípio da dignidade da pessoa humana. Nas relações educativas, se não houver o respeito e o amor no encanto da sabedoria para ensinar e aprender, atos, fatos e circunstâncias que implicam educar se esvaziam e se perde o sentido do conhecimento para a vida.

Nessa cultura educativa, o ser humano coloca-se como um corpo-criante em sintonia com o outro, com a cultura e a natureza ampliando sua consciência para um cuidado de si e do outro. Ele torna-se um centro holo-irradiador, complexo, para um viver saudável no aprender e saber respeitar diferentes formas de pensar e de ser no mundo, e isso implica amorosidade para com a vida sua e do outro, mesmo. (Boff, 2012) Ele, na sua subjetividade, exerce a criatividade como uma maneira própria de aprender a aprender o conhecimento, dando sentido para ele nas intra, inter e transrelações culturais compartilhadas em diferentes saberes e linguagens.

A cultura, como manifestação do *modus vivendi* do ser humano, estrutura-se na educação em vivências educativas e terapêuticas. Os processos criativos e críticos no aprender a pensar e fazer podem se manifestar em expressões filosóficas, humanísticas, científicas, tecnológicas, técnicas e de arte espontânea, cujo fim é expandir o conhecimento do ser humano sobre ele mesmo, a cultura, a natureza e Deus. Logo, a vivência educativa humanizadora é terapêutica, pois ela estrutura-se na dinâmica básica do ser humano – *o páthos,* que é o sentimento educativo do saber cuidar na lógica do coração para conectar a razão e a vontade.

Embora se reconheça que a cultura global perpassa uma sociedade na qual, na maioria das vezes, processos educativos são "líquidos", competitivos e mecânicos e entorpecem a criatividade humana, mas ainda assim, há esperança para a elevação de uma cultura educativa para vencer a dor do conformismo e da repetição do conhecimento em fragmentos, que nem sempre traz soluções para os problemas do cotidiano.

O ser humano na corrida de um viver social, competitivo e consumista, sente nos ombros o peso de uma existência construída culturalmente a partir do endeusamento da razão que o tornou, dentro de uma lógica de mercado produtivo, um ser "máquina" pensante, reprodutivista na maioria das vezes. Será essa uma das causas da crise existencial na educação?

Esse processo educativo e cultural causou um conflito existencial – o da separatividade entre a sua intuição e razão, a sua emoção-sentimento e ação. Afirma Maturana (1997, p. 19) que "vivemos numa cultura que contrapõe emoção e razão como se tratasse de dimensões antagônicas do espaço psíquico; falamos como se o emocional negasse o racional e dissemos que o racional define o humano." Esta percepção do biólogo e epistemólogo Maturana impacta o pensar contemporâneo educacional, e surge então a questão: por que será que as teorias pedagógicas não resolvem esse problema da fragmentação da emoção e da razão no trato dos processos de ensino-aprendizagem-convivência? O que fica, por vezes, percebido é o distanciamento entre o discurso docente (teórico) e o seu saber cuidar discente nas diversas vivências na cultura escolar.

Existe uma necessidade emergente de que no fluxo de uma cultura universitária educativa busque-se vencer os dualismos racionalizantes e aprisionadores da forma de sentir-pensar, de fazer e conviver. No fluxo educacional é preciso compreender que o ser humano, na sua natureza onto-psico-antropológica, se caracteriza um ser criativo, sensível-racional. O fenômeno de sua criatividade é condição *sine qua non* para promover ações educativas que estruturam, no seu bojo didático pedagógico, o saber cuidar do ser aprendente na descoberta do sentido do conhecimento e sua aplicação na vida.

Na base das vivências, na educação e na cultura está a criatividade do ser humano. Ela é como um fluir da seiva divina que brota das profundezas do ser humano e perpassa o seu pensar-sentir e o seu agir no mundo (sua existência), possibilitando a estruturação de uma maneira de ser, no despertar do desejo de realizar seus objetivos e um deles é encontrar sentido de vida.

A cultura é a expressão da criatividade humana e encerra em si alta complexidade. Ela constitui-se de uma rede de tecituras de saberes, de gostos, de princípios éticos e morais, crenças, tipos de línguas

e linguagens, modos de viver e habitar. A cultura, como produção da engenhosidade criativa do ser humano, apresenta registros de símbolos e signos que estruturam linguagens culturais, as quais são referenciais significantes, para a construção de uma educação para a vida.

Pessoas deste tempo tecnológico da informação, nas vivências universitárias, estão acordando, com muita vivacidade, para uma nova cultura educativa nas relações. O que se percebe é que diante de necessidades biológicas, psicoespirituais, sociais e ambientais o ser humano carece de afeto, de amor no acolhimento de sua fala como manifestação legítima de uma pessoa de dignidade, profunda espiritual, e que "na sua totalidade enquanto ser que penetra, que decide, que tem identidade, que tem subjetividade, é sujeito" (Boff; Betto, 1999).

Ele como sujeito é antes de tudo um corpo-criante, que tem uma estrutura e uma organização que o constituem como capaz de pensar, de sentir e de agir de forma dinâmica por si, fora de si e para si (Dittrich, 2021). Para Maturana (1997), a estrutura é constituída por componentes biológicos que formam as moléculas, as células, os órgãos, os ossos, os membros do corpo que formam a base para um sistema de interconexões e relações entre os seus próprios componentes. A organização diz respeito à dinâmica de determinação das configurações das relações entre os elementos que constituem a estrutura específica de cada corpo-criante humano (Dittrich, 2010). A estrutura e a organização do corpo-criante se interdependem porque são permanentemente alimentadas pela energia vital, que dinamiza os processos vital-cognitivos que constituem a criatividade e a maneira de se mostrar no mundo; logo, de aprender e de conviver dentro de uma cultura educativa.

Na educação e na cultura universitária, o ser humano quer sentir-se pertencido no respeito à dignidade de sua pessoa humana, subjetiva, singular e com diversidades nas formas de ser e de conviver. Nessa visão é pertinente entender que na cultura educacional se está mexendo com a vida, logo é preciso saber cuidar nos processos de convivência. O ser humano, por ser corpo-criante, tem autonomia de se auto fazer constantemente, causando mudanças contínuas em si e fora de si, para a preservação da própria vida (Dittrich, 2001; 2010).

Na cultura educativa, essas mudanças contínuas encerram uma complexidade nos modos de ser, de ensinar e de aprender no conviver,

gerando a construção de inter e transrelações de saberes com significados que serão dinamizados pela criatividade e espiritualidade natural dos seres humanos. Aqui o entendimento do fenômeno da espiritualidade natural está além da visão de uma espiritualidade religiosa institucionalizada.

A espiritualidade natural é fundante da natureza humana e está ligada ao cerne da energia vital, criativa, do ser humano, por isso, encerra algo de sagrado, ligado ao amor, à criatividade, à transcendência no modo de ser e no desejo e vontade de descobrir sentido de vida por meio do conhecimento seja no caminho do amor, do sofrimento ou do trabalho.

Dentro dessa ideia, a espiritualidade natural é concebida na educação como um processo de desenvolvimento no qual o ser humano se realiza na busca por sua transcendência e superação de seus próprios limites, mais do que materiais, espirituais. Ele busca encontrar e saciar a vontade de desvelar nas suas vivências um sentido de vida.

Frankl (2001), na sua "logoterapia", mostrou que o ser humano tem uma dimensão noética – a pessoa profunda espiritual. Nessa dimensão existe algo espiritual – que toca a consciência da pessoa como uma presença ignorada de Deus, e que emerge no ser e no conviver com uma força de vontade de sentido de vida, seja no amor ou no sofrimento. Com efeito, a missão educacional e cultural do ser humano, até a morte, é percorrer o caminho do amor ou da dor e descobrir com sabedoria respostas para os seus problemas cotidianos.

Segundo Maturana, (2002), é o amor vital que conecta a razão, a emoção e o agir. A energia do amor vital potencializa a procriação e a força para a coragem de poder ser para saber cuidar na convivência. Na educação, o amor é fundamento biológico para que surja o ser humano na sua maneira de ser diante do outro, consigo mesmo e com a natureza.

Dentro da neurociência, a cardioenergética vem mostrar que o amor é uma energia vital, emocional, que constitui as células do coração humano e tem poder de cura. Fortalece este argumento Servan Schreiber (2004. p. 181), dizendo: "O cérebro emocional é, [...], feito para enviar e receber mensagens no canal do afeto, a expressão exterior de nossas emoções." Tal comunicação desempenha papel importante na forma de educar e de aprender dentro de uma cultura que colabora para a construção da identidade do ser humano e de seu caráter.

Nas vivências educativas, o amor é uma energia natural, espiritual, que potencializa a força biopsicossocial do ser humano para o fenômeno da aprendizagem e seus significados. Essa energia natural, criante, se manifesta na cultura educativa com sinais, símbolos e outros significantes de linguagens múltiplas, que expressam o movimento da *autopoiese* (fazer-se) do ser humano nas relações culturais e educativas nos seus modos de pensar, de sentir e de conviver.

As relações culturais educativas nas vivências do saber cuidar estruturam-se no movimento de ordem centrípeta e centrífuga da energia vital e cognitiva dos seres humanos, pois vida e conhecimento não se separam. Na ordem centrípeta, o corpo-criante do ser humano atua para a estruturação e reafirmação do ser em si mesmo, em todos os níveis (biopsicoespiritual). Na ordem centrífuga, o corpo- criante vive sob o impulso da expansão, do crescimento e a exteriorização do seu ser no mundo, diante das amplas relações que estabelece a cultura (Fontcuberta, 1992; Dittrich, 2010b).

Este movimento estruturante de interioridade e exterioridade faz o ser humano no saber cuidar educativo, por meio de linguagens carregadas de significados, ir percebendo, agindo e tomando consciência de si diante do outro. É nas vivências educativas autênticas que o ser humano vai dinamizando o seu pensar, seus sentimentos, suas escolhas, suas vontades. Ele vai tornando-se uma pessoa capaz de autoafirmação, mas ao mesmo tempo capaz de ir além de si mesmo, abrindo-se para o outro que o desafia a encontrar sentido de vida. Para Dittrich (2010), esse processo é legítimo, pois o ser humano vai reconhecendo-se como uma pessoa que tem imaginações criativas legítimas que caracterizam a sua forma de ser no mundo, assim como ele é e está *(dasein)*.

Reforçando a ideia, a cultura educativa no saber cuidar necessita considerar que o amor é a base de existência do ser humano, e é a emocionalidade básica em sua identidade sistêmica, como ser pessoa de dignidade vivendo sua espiritualidade natural.

O conceito de espiritualidade natural, enquanto processo de desenvolvimento e realização do ser humano, compreendendo esse a partir da busca pela transcendência e superação dos próprios limites, ou seja, um movimento natural de vivência e significação do mundo, abre espaço para, a partir da dimensão espiritual, compreender o fenômeno da vivên-

cia educativa como um processo cultural do humanescer – expressão legítima da existência. (Meireles; Dittrich, 2021).

As vivências educativas remetem e implicam no saber cuidar do humano para ele conhecer e viver o fenômeno do humanescer como experiência sua de profundidade nos processos de aprender no e pelo amor à sabedoria como caminho de descoberta do sentido das coisas e dos fatos existenciais. O humanescer na cultura e na educação é viver a criatividade livre, que é espiritual e que estrutura o pensar-sentir na maneira de ser, de se comportar, de fazer escolhas e de saber cuidar de si e do outro, na busca de um viver saudável, respeitoso e corresponsável para com a vida.

Essa complexa ideia ilumina uma possível base ontopsicoantropológica, para ser considerada na projeção de uma cultura educativa que sabe educar, cuidando do ser humano para ser ele mesmo, formando uma identidade autêntica, amorosa e criativa nos processos de aprendizagens de saberes e modos de ser e um conviver solidário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste texto trazem, mais do que explicações, possibilidades de novos questionamentos sobre educação, saúde e o processo do saber cuidar do ser humano nos tempos contemporâneos.

Que tempos são esses? Vive-se uma crise geopolítica e cultural com variantes diferentes do que foi no passado como o medo da fome, da guerra, da pobreza e das doenças. Grandes potencias econômicas e governamentais investem forte na ciência, na educação, na saúde, nas tecnologias de comunicação e de controle sócio, político-econômico e cultural, visando alcançar o tão sonhado bem-estar social, já preconizado na abertura do mundo moderno para o fortalecimento das nações. Porém, a pergunta é: o que aconteceu mesmo que, até hoje, o ser humano encontra-se frágil em sua segurança pessoal e familiar e seu bem-estar para a qualidade de felicidade estar em crise pelo fracasso do esvaziamento de objetivos de vida? Por que ainda não se alcançou uma gestão político-sociocultural que assegure o bem-estar individual?

A gestão política nas instituições públicas deveria promover e assegurar uma cultura de paz e de elevada cultura no humanescer nas

relações. Segundo, (Harari, 2016), "homens de negócios deveriam estimular a prosperidade, e aos estudiosos caberia estudar a natureza – não para uma glória maior de um rei" ou de uma nação, mas para que se possa usufruir de uma vida mais feliz e saudável.

Na certeza de que o pensamento transforma o real e ele se transmuta em ideia, e esta cria a cultura e organiza a educação em fatos, atos, criação, conhecimento, arte, tecnologia e circunstâncias relacionais, vislumbra-se um caminho histórico de luz e paz para o humanescer no saber cuidar de si e do outro universalmente. O grande devir da história da educação e da cultura implica mudanças permanentes. Por isso, vale muito pensar e agir no bem, no belo, na justiça, seja nos caminhos do amor, do sofrimento ou da criatividade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida de consumo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2008.

BERGSON, Henry. **La energía espiritual**. Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1982.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DITTRICH, Maria Glória. **Natureza e criatividade, espiritualidade e cura**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

DITTRICH, Maria Glória. **Natureza e criatividade**: O ensino da arte pictórica. Itajaí: Univali, 2001.

DITTRICH, Maria Glória. La creatividade desde la teoria del cuerpo-creante. *In* TORRE, Saturnino de la; MAURA, Maria Antonia Pujol. **Creatividad e innovación**. Enseñar e investigar com otra conciencia. Homenaje a Edgar Morin. Dr. Honoris Causa por la Universidad de Barcelona. Madrid: Editorial Universitas, 2010b.

DITTRICH, Maria Glória.; PAHL, Carolina.; MELLER, Vanderlea. **Fundamentos sobre o ser humano e a espiritualidade natural na educação.** Humanidade e Inovação, v.8, n.43, p. 288, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/WIN10/Downloads/5874-Texto%20do%20artigo-18665-1-10-20210813%20(2).pdf. Acesso em: 02 ago. 23.

FONTCUBERTA, Antônio Blay. **La personalidad creadora**. Técnicas psicológica interior. Barcelona, Ediciones Indigo, 1992.

FRANKL, Viktor. **Ante el vacío existencial:** hacia una humanización de la psicoterapia. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001.

HARARI, Yoval Noah. **Homo Deus**. Uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MATURANA, Humberto. **Emociones y lenguaje en educación y política.** Santiago: JC Sáez Editor, 1997.

MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: do humano**. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MEIRELES, Marcos Vinicius da Costa; DITTRICH, Maria Glória. A contribuição da espiritualidade natural para a saúde em tempos de crise. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 19, n. 60, p. 1184 -1201, set./dez. 2021.

SANTOS, Boventura de Souza. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHREIBER, David. **Curar –** stress, a ansiedade e a depressão sem medicamentos e psicanálise**.** São Paulo: Sá Editora, 2004.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. Tradução: Eglê Malheiros, 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática.** 5. ed. Tradução: Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SIMBOLOGIA DA JUSTIÇA NO ANTIGO EGITO: ANÁLISE CULTURAL DO PAPIRO "O JULGAMENTO DE OSÍRIS"

Fernanda Analú Marcolla[1]
Rogério Ristow[2]

INTRODUÇÃO

A cultura do Antigo Egito é marcada pela riqueza de suas representações simbólicas, especialmente no que se refere às divindades e aos rituais associados à passagem da vida eterna. Neste contexto, o conceito de justiça desempenha um papel crucial, visto que a crença predominante era que, para garantir um lugar no além, uma pessoa deveria viver uma vida pautada pela retidão.

O papiro "O Julgamento de Osíris" é um dos documentos mais emblemáticos desta visão, ilustrando não apenas a religiosidade egípcia, mas também seu sistema de valores éticos e morais. Nele, a cena do Julgamento de Osíris destaca a necessidade do coração do morto estar em equilíbrio com a pena de Maat[3], simbolizando a verdade e a justiça, para que o rito de passagem para a vida eterna seja alcançado.

Deste modo, esse trabalho busca explorar como as noções de justiça e cultura estão entrelaçadas no papiro "O Julgamento de Osíris", investigando de que maneira estas representações influenciaram e refletiram os valores e a ordem social no rito de passagem. O objetivo específico deste artigo é analisar a simbologia contida no papiro "O Tribunal de Osíris" para entender como as representações de justiça no Antigo Egito articulam-se com os aspectos culturais e religiosos da sociedade da época.

A escolha deste tema justifica-se pela necessidade de compreender as bases culturais e espirituais que moldaram uma das civilizações mais fascinantes da história humana. Ao desvendar as representações

[1] Titular da cadeira nº 03 na Academia de Letras do Brasil de Brusque.

[2] Titular da cadeira nº 12 na Academia de Letras do Brasil de Brusque.

[3] Maat é interpretada na literatura egípcia como a deusa da justiça e da verdade.

de justiça no referido papiro, espera-se contribuir para o estudo da religiosidade egípcia, oferecendo novas perspectivas sobre como a justiça era percebida e praticada no contexto da moralidade e da crença no pós-morte no Egito Antigo.

Para a consecução deste estudo, adotar-se-á o método hipotético-dedutivo, a partir de uma análise detalhada de documentos bibliográficos que incluem traduções e interpretações do papiro, bem como literatura secundária sobre o tema. Esta abordagem permitirá uma investigação rigorosa das manifestações simbólicas e seu significado dentro do panorama cultural e jurídico egípcio.

1 O RITUAL DE PASSAGEM PÓS-MORTE NO LIVRO DOS MORTOS

A busca pelo conhecimento humano, moldada por séculos de investigação e reflexão, é um processo que excede a compreensão individual, estendendo-se através das gerações. Esse acumulado de saberes, apesar de nunca ser pleno devido à nossa finitude, impulsiona continuamente o progresso e aprofunda nossa compreensão sobre as diversas expressões da natureza humana. As religiões, em sua essência, abordam os enigmas da existência através de símbolos que tanto instruem quanto inspiram, servindo como ferramentas para acessar verdades espirituais perenes.

Esses símbolos, verdadeiras gramáticas atemporais, constituem a base da arte religiosa e são essenciais na transmissão dos mitos que desempenham múltiplas funções dentro das sociedades. Esses mitos não apenas capturam o mistério do sagrado, mas também explicam a cosmologia, reforçam a ordem social e oferecem ensinamentos pedagógicos sobre como viver de acordo com princípios sábios e produtivos. Dentro dessa estrutura, o mito desempenha um papel crucial na formação e validação das normas culturais, como observado nas lições dos profetas hebraicos que estabelecem diretrizes comportamentais claras (Blanc, 2021, p. 81).

Na civilização egípcia, que prosperou por mais de três milênios, esses mitos e rituais de passagem, como os ilustrados no papiro "O Tribunal de Osíris", o qual será analisado posteriormente, são de particular importância (Guia Heu, 2009). Tais textos, não apenas delineiam a

jornada após a morte, mas também refletem profundamente as noções de justiça e ordem moral, simbolizadas pelo equilíbrio do coração com a pena de Maat.

A preparação para o rito de passagem se iniciava ainda em vida, pois os egípcios acreditavam, que podiam levar consigo no pós-morte bens materiais de grande valor, por isso, os sarcófagos continham preciosidades. Quando um egípcio morria, não era o fim, mas o início de uma jornada sagrada e desafiadora rumo à eternidade. Para garantir uma passagem segura, o corpo do morto passava por um meticuloso processo de mumificação.

Primeiro, os sacerdotes retiravam cuidadosamente os órgãos internos, exceto o coração, considerado essencial para o julgamento final. Esses órgãos eram preservados em vasos canopos, cada um protegido por uma divindade específica.

Figura 1. Vasos Canopos, da esquerda para direita: Qebehsenuef, o deus de cabeça de falcão, cuida dos intestinos; Hapy, o deus com cabeça de babuíno, cuida dos pulmões; Duamutef, o deus de cabeça de chacal, cuida do estômago; Imsety, o deus de cabeça humana, cuida do fígado.

Fonte: História da Arte (2017).

O corpo, então, era desidratado com natrão, um sal natural, durante 40 dias, até que toda a umidade fosse removida. Após isso, o corpo era envolvido em bandagens de linho, com amuletos sagrados colocados entre as camadas para oferecer proteção espiritual. Unguentos perfumados e resinas eram aplicados para garantir a preservação e fragrância do corpo (História da Arte, 2017).

Com o corpo preparado, o morto estava pronto para iniciar sua jornada no submundo, um reino misterioso conhecido como Duat. Atravessando o submundo, ele embarcava na barca solar de Rá, o deus sol, que navegava através das trevas de Duat durante a noite. Esta travessia era cheia de desafios e perigos.

Figura 2. Barca solar de Rá.

Fonte: História da arte (2017).

Enquanto a barca avançava, o morto encontrava diversas divindades e guardiões que protegiam os portões do submundo. Cada encontro exigia que o morto recitasse senhas mágicas e orações encontradas no Livro dos Mortos, ajudando-o a superar os obstáculos. Entre esses desafios estava o pagamento simbólico ao barqueiro que conduzia a barca, garantindo uma travessia segura através das águas traiçoeiras (O livro dos mortos, 2022).

Na viagem rumo ao "além-mundo", a barca simboliza a proteção suprema e a salvação. Esse sentido de passagem segura é particularmente referenciado quando se examina a invocação à barca de Rá, presente no capítulo CII do Livro dos Mortos (2022). Esta invocação reflete

profundamente a visão egípcia de uma transição protegida e guiada, crucial para alcançar a vida eterna:

> Salve, oh! Grande divindade, que navegas em tua Barca! Transpondo até aqui, diante de ti, compareço. Deixa-me subir à ponte de comando e dirigir a manobra da Barca, como fazem teus servidores, os Arcontes dos Planetas... (Não! Não! Não! Essas imundices eu não como! Só tocá-las com minhas mãos ou pisá-las com minhas sandálias, me causa asco e horror!). Pois as oferendas sepulcrais não me faltam: meus pães são feitos de trigo branco; minha bebida extraída do trigo vermelho! Ah! Os barcos trazem minhas oferendas, ei-las aqui! E estas oferendas são colocadas sobre o altar de Heliópolis. Glória ao Olho divino, o que percorre o Céu! Se os Espíritos-Cães me atacarem, eu saberei defender-me! Eis que avanço e tiro esse deus das mãos dos meus inimigos que causam danos ao seu dorso, a seus braços e a suas pernas. Eu círculo na Barca de Ra e os desígnios deste deus são minha única lei (Livro dos Mortos, 2022, p. 20).

Para ser aceito na barca, era necessário que o morto tivesse realizado todas as purificações rituais exigidas. Destaca-se que o condutor da barca detinha também a autoridade de juiz, responsável por decidir quem poderia ou não embarcar na barca de Rá. As informações apresentadas até aqui não se limitam ao Livro dos Mortos, estendendo-se também ao Livro de Amduat, que é outra fonte vital para entender os mitos e rituais egípcios associados ao pós-morte. Adicionalmente, o Livro dos Portões, que é uma versão ou variante do Livro de Amduat, também explora essas temáticas (Leal; Lima, 2018, p. 129).

Nessa perspectiva, um dos capítulos mais fascinantes do Livro dos Mortos (2022) aborda a questão do julgamento da alma. Conforme mencionado, o morto era objeto de culto, recebendo oferendas e libações e sendo preparado para a travessia, alertado sobre os perigos do além e, em especial, instruído sobre o momento do julgamento para, eventualmente, alcançar a morada dos deuses e ascender à divindade (Leal; Lima, 2018, p. 129).

Durante este julgamento, realizado em uma ampla sala chamada "Duas Maats", o coração do morto era colocado em um prato da balança e, no outro, uma pena ou um olho, ambos símbolos de Maat. Nesse

momento crítico, o falecido recitava uma prece implorando que seu coração não testemunhasse contra ele e, em seguida, proferia uma "declaração de inocência", conhecida como "confissão negativa", dividida em duas partes (Leal; Lima, 2018, p. 129).

A "declaração de inocência" ou "confissão negativa", é uma parte fundamental do "Livro dos Mortos" (2022) no Antigo Egito. Essas declarações consistiam em uma série de afirmações feitas pelo morto diante dos deuses no tribunal do julgamento de Osíris, onde ele negava ter cometido qualquer ato de injustiça ou pecado durante sua vida terrena. O objetivo dessas confissões era afirmar a pureza e a dignidade moral do falecido, a fim de garantir sua aceitação no pós-morte:

> Eis que trago em meu Coração a Verdade e a Justiça, pois que arranquei dele todo o mal. Não causei sofrimento aos homens. Não empreguei violência com meus parentes. Não substitui a Injustiça pela Justiça. Não frequentei os maus. Não cometi crimes. Não trabalhei em meu proveito com excesso. Não intriguei por ambição. Não maltratei meus servidores. Não blasfemei contra os deuses. Nãon privei o indigente de sua subsistência. Não cometi atos execrados pelos deuses. Não permiti que um servidor fosse maltratado por seu amo. Não fiz ninguém sofrer. Não provoquei o homem. Não fiz chorar os homens meus semelhantes. Não matei e não mandei matar. Não provoquei enfermidade entre os homens. Não subtrai oferendas dos templos. Não roubei pães dos deuses. [...] Sou puro! Sou puro! Sou puro! Fui purificado como foi a grande Fênix de Herakleópolis. [...] Pois eu conheço o Nome desses deuses que contornaram Maat, a grande divindade da Verdade-Justiça. A Confissão Negativa II (Papiro Nebseni) 1. Oh tu, Espírito, que marchas a grandes passadas e que surges em Heliópolis, escuta-me! Eu não cometi ações perversas. 2. Oh! Tu, Espírito, que te manifestas em Kar-aha e cujos braços estão rodeados de um fogo que arde! Eu não trabalhei com violência. [...] 40. Oh tu, Neheb-Kau, que sais da cidade! Não intriguei jamais nem me fiz valer. 41. Oh tu, Espírito, cuja cabeça está santificada e que sais de teu esconderijo! Sabe: não me enriqueci de modo ilícito. 42. Oh tu, Espírito, que sais do Mundo Inferior e levas diante de ti teu braço cortado! Eu jamais desdenhei dos deuses de minha cidade. Diante dos Deuses do Mundo Inferior (Papiro

> Nu) [...] Eu me purifiquei de todos os meus pecados. Sou alheio às imperfeições dos homens que obedecem aos impulsos do momento. Não, eu não sou deles! – Eu te anunciarei à divindade que é protegida, se me disseres ainda o seguinte: qual é o Nome da divindade protegida pelo Céu de Fogo, que está cercada por uma muralha de deusas-Serpentes e que descansa sobre as superfícies das Águas correntes? Quem é? – É Osíris! – Atravessa o Umbral! Em verdade, poderei anunciar-te. Aprende, pois! O Pão de tua Comunhão, o Vinho de tua Comunhão e todas as oferendas sepulcrais que te são destinadas, são emanações do Olho de Ra! (O Livro dos Mortos, 2022, p. 135-145).

Essas afirmações eram parte de um ritual maior, destinado a demonstrar que o morto havia vivido uma vida em conformidade com os princípios de Maat. Acreditava-se que afirmar essa pureza ajudaria a assegurar um lugar no campo dos juncos, considerado o paraíso egípcio.

O processo de julgamento e salvação no contexto do Antigo Egito era marcado por uma série complexa de desafios. Esse percurso envolvia enfrentar entidades hostis, como monstros e demônios, além de superar barreiras físicas, incluindo portas que exigiam conhecimento específico para serem abertas. O morto era obrigado a conhecer os nomes de cada um desses obstáculos e dos deuses associados a eles, uma tarefa que reflete a crença egípcia no poder dos nomes como parte essencial da existência e da manipulação da realidade.

A jornada incluía atravessar "21 pilares, passar por 15 entradas e cruzar sete salas" do submundo antes de finalmente chegar perante Osíris e os 42 juízes encarregados de seu julgamento final. Este complexo trajeto era essencial para a purificação da alma do morto (Leal; Lima, 2018, p. 126).

Adicionalmente, os mortos necessitavam de uma morada permanente, incluindo campos para cultivo, mananciais, vestimentas, objetos de luxo, além de instrumentos e utensílios para uso cotidiano. As necessidades básicas, como saciar a fome e a sede, também eram uma preocupação no além, mas a preservação do corpo e a proteção contra os inimigos eram de suma importância.

A conservação do "Ká[4] do Morto" — uma dualidade que representava simultaneamente a alma e o guardião, o corpo vital e o gênio protetor — exigia sacrifícios e um serviço sacerdotal contínuo. Durante o julgamento, era essencial que Osíris, como figura de autoridade suprema, concedesse a Verdade-Justiça ao morto, aspecto enfatizado no Livro dos Mortos (Leal; Lima, 2018, p. 127).

Assim, a viagem do morto no submundo, repleta de rituais, desafios e julgamentos, refletia a profunda crença dos egípcios na justiça divina e na vida eterna. Cada etapa desta jornada era um testamento da fé egípcia na ordem cósmica e no poder dos deuses para julgar os mortos e guiar os justos para a vida eterna.

Essa necessidade reflete a importância cultural que a sociedade egípcia atribuía à morte, à vida, ao julgamento e à salvação, conceitos que permeavam toda a sua civilização. No tópico seguinte, exploraremos mais profundamente a representação simbólica do Julgamento e de Osíris, analisando como esses elementos se integram nas crenças religiosas e nas práticas funerárias do Antigo Egito, proporcionando uma compreensão mais rica das suas tradições culturais e espirituais.

2 ANÁLISE DA SIMBOLOGIA DE JUSTIÇA NO PAPIRO "O TRIBUNAL DE OSIRIS"

Um avanço significativo durante a Primeira Dinastia no Egito foi o desenvolvimento do papel de papiro, cerca de 2700 a.C. Este material, precursor do papel moderno, foi essencial para a preservação extensiva da produção artística e cultural egípcia. Os egípcios aperfeiçoaram um método para produzir um papel grosso a partir do papiro, similar ao pergaminho, que era adequado para a escrita com canetas ou estiletes.

A técnica envolvia sobrepor e entrecruzar feixes de papiro, que eram então prensados até formarem uma folha uniforme. Essa inovação não apenas facilitou a disseminação de informações por ser mais econômica que os pergaminhos de pele, mas também superava em praticidade as tabuletas de argila e as placas de pedra, simplificando a escrita, a manipulação e o armazenamento (Blanc, 2021, p. 38).

[4] Ká simboliza a alma do indivíduo.

Adicionalmente, os sacerdotes egípcios utilizavam esse material para compilar escritos como o "Livro dos Mortos[5]", um guia espiritual que instruía as almas na jornada pelo Tuat[6], alertando-as sobre os perigos iminentes. Neste contexto, os mortos enfrentavam desafios ao passar por portais vigiados por espíritos antropozoomórficos, que combinavam características humanas e animais, ameaçando os espíritos dos viajantes em seu caminho para o além (Blanc, 2021, p. 89).

Os papiros emergiram como instrumentos cruciais para a documentação da rica cultura histórica do Egito Antigo, muitos dos quais detalham rituais religiosos simbólicos. Um exemplo notável é o papiro "O Tribunal de Osíris", que ilustra a jornada das almas egípcias por um caminho repleto de perigos até alcançarem a presença de Osíris para o julgamento decisivo, em busca da vida eterna.

Neste contexto, a cena do julgamento envolve a pesagem do coração do falecido, conduzida por Anubis, na presença de Osíris. Utiliza-se como contrapeso na balança uma pena, símbolo de Maat, a deusa da verdade e da justiça. Corações que pesam mais que a pena, indicando uma vida desalinhada com os princípios de Maat, condenam o espírito à destruição por Ammit, o ente conhecido como "devorador de almas". Por outro lado, as almas cujos corações estão em equilíbrio com a pena de Maat são admitidas a prosseguir em sua viagem para Aaru, também chamados de "campos de junco[7]", considerado o paraíso na crença egípcia (Blanc, 2021, p. 88).

Conforme evidenciado na imagem abaixo, a cena retratada é uma representação de um julgamento. Neste contexto simbólico, a "absolvição" ocorre quando o indivíduo demonstra ter vivido uma vida pautada pela verdade e justiça, resultando no privilégio de ascender ao paraíso. Por outro lado, a "condenação" é simbolizada pela destruição da alma, refletindo a negação da possibilidade de vida eterna. Esta representação iconográfica destaca as crenças culturais do Egito Antigo sobre moralidade e o pós-vida, ilustrando a importância da conformidade com os preceitos de Maat, no julgamento das almas:

[5] Também conhecido como "O livro de passagem", o qual, possui a finalidade de explicar o ritual da passagem entre a morte e a vida eterna.

[6] Tuat ou Duat é uma vasta região sob a terra ligada ao submundo habitado pelas almas dos mortos (Blac, 2021, p. 86-87).

[7] O termo junco é sinônimo de papiro.

Figura 3. Papiro com a gravura do Julgamento de Osíris.

Fonte: Guia Heu (2009).

O "Julgamento de Osíris" é uma das cenas mais representativas e simbólicas do Antigo Egito, retratada em muitos túmulos e textos, como o Livro dos Mortos (2022). Essa gravura ilustra o julgamento da alma do morto antes de poder entrar na vida eterna. Cada elemento da cena tem um significado específico dentro do contexto da religião e da mitologia egípcia: Osíris, Anúbis, a balança, o coração, a pena de Maat, Thot e o falecido[8] (Budge, 2022).

A primeira figura, de esquerda para direita, retrata Osíris, sentado em seu trono. Como juiz supremo do tribunal e governante do mundo dos mortos, Osíris é um símbolo da ressurreição e da vida eterna. Sua presença assegura a justiça e a ordem durante o julgamento (Noguera, 2013).

Na segunda imagem, Anúbis, o deus com cabeça de chacal, é representado guiando o falecido até a balança, onde é responsável por pesar o coração. Anúbis, como protetor dos mortos e deus da mumificação, garante a execução correta do ritual e a precisão da balança (Noguera, 2013).

[8] Em algumas versões do Julgamento de Osíris existe a presença da imagem de Ammit, uma criatura terrível composta por partes de leão, hipopótamo e crocodilo, que fica ao lado da balança. Se o coração do falecido for mais pesado que a pena, Ammit devorará o coração, negando ao falecido a entrada no paraíso e fazendo com que ele cesse de existir completamente.

A terceira figura mostra Thot de duas maneiras distintas. Inicialmente, ele aparece diante de Anúbis como o deus com cabeça de íbis, responsável por registrar o resultado do julgamento. Thot, o deus da sabedoria e da escrita, garante que o veredito seja meticulosamente anotado. Além disso, Thot também é representado na imagem como um babuíno no topo da balança. Esta forma, comum em cenas de julgamento, simboliza a vigilância e a integridade, essenciais para garantir que a balança do julgamento esteja corretamente equilibrada e que o procedimento transcorra conforme a ordem e a verdade (Noguera, 2013).

A quarta figura central na cena é a balança, sobre a qual o coração do falecido é colocado. Um lado da balança sustenta o coração e o outro, a pena de Maat. Esta configuração simboliza o equilíbrio moral e ético da vida do indivíduo (Noguera, 2013).

A balança inclui dois elementos adicionais: o coração, representando a sede da alma e da consciência, e a pena de Maat. Um coração pesado, carregado com erros e maldades, inclinará a balança, levando ao fracasso do falecido em acessar a vida eterna. A pena de Maat, colocada no lado oposto na balança, encarna a verdade, a justiça e a harmonia, e uma vida alinhada com os preceitos de Maat assegurará que o coração não seja mais pesado que a pena (Noguera, 2013).

Finalmente, o último elemento é a representação do morto, geralmente mostrado sendo conduzido ao tribunal por Anúbis e apresentando-se diante de Osíris. O morto deve declarar sua inocência e pureza por meio de uma série de confissões negativas, um ritual que sublinha sua preparação para a vida após a morte (Noguera, 2013).

Em algumas versões de papiros sobre o julgamento da alma, existe a presença da imagem de Ammit, uma criatura terrível composta por partes de leão, hipopótamo e crocodilo, que fica ao lado da balança. Se o coração do falecido for mais pesado que a pena, Ammit devorará o coração, negando ao falecido a entrada no paraíso e fazendo com que ele cesse de existir completamente.

Figura 4. Papiro de Hunefer com a presença de Ammit.

Fonte: Guia Heu (2009).

Neste trecho do Papiro de Hunefer, datado de 1275 a.C., observa-se o momento em que o coração do escriba Hunefer é pesado em uma balança contra a pena da verdade, sob a supervisão de Anúbis. Thoth, o deus com cabeça de íbis e escriba divino, anota o desfecho do julgamento. Se o coração de Hunefer estiver em equilíbrio com a pena, ele será admitido na vida após a morte. Em contrapartida, um desequilíbrio resultará na devoração de seu coração por Ammit. Tais imagens são elementos recorrentes nos textos funerários egípcios conhecidos como Livros dos Mortos.

Nas representações iconográficas e textuais do Antigo Egito, Osíris é retratado como o deus preeminente do submundo, frequentemente descrito como um "deus morto", devido ao seu assassinato e subsequente lançamento nas águas. Apesar dessa morte, Osíris é também aquele que renasce, estabelecendo-se como o governante justo do mundo dos mortos (História da Arte, 2017).

Progressivamente, ele evoluiu para se tornar um paradigma tanto para os soberanos quanto para os cidadãos comuns do Antigo Egito. Presente nos textos das pirâmides, no livro dos Sarcófagos e no Livro dos Mortos (2022), Osíris é exaltado por sua adesão aos princípios de ética, verdade, esperança e justiça, influenciando tanto a esfera religiosa quanto a social. Ele é celebrado como o vencedor sobre a morte, simbolizando a eterna luta pela justiça e a renovação perpétua da vida.

Diante do exposto, tem-se no papiro "O Julgamento de Osíris" uma representação emblemática das crenças do Antigo Egito sobre a vida após a morte, encapsulando uma cultura milenar que via a mortalidade como uma passagem para uma existência mais elevada. Os elementos contidos nessa obra, desde a balança que pesa o coração do morto contra a pena de Maat até a presença de divindades como Osíris e Anúbis, não são apenas artísticos, mas profundamente simbólicos, refletindo concepções de justiça, ética e redenção.

Essa iconografia, que detalha o julgamento das almas e suas consequências, oferece uma visão sobre como os egípcios valorizavam a moralidade e o comportamento ético, considerando-os determinantes para o destino eterno da alma. Nos dias atuais, a riqueza dessas simbologias ainda ressoa, oferecendo perspectivas valiosas sobre as origens do pensamento ético e religioso, e continua a fascinar e inspirar pessoas no mundo todo, destacando o poder duradouro das narrativas e práticas do Antigo Egito no imaginário coletivo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação simbólica dos ritos de passagem pelo reino dos mortos no "Julgamento de Osíris" ressalta a profundidade e a complexidade das crenças religiosas e éticas no Antigo Egito. Através destes rituais, observa-se a centralidade da justiça e da moralidade na cultura egípcia, que não apenas guiavam o comportamento dos vivos, mas também determinavam o destino das almas no além. A balança que mede o coração do defunto contra a pena de Maat simboliza a busca por um equilíbrio entre a vida terrena e as exigências do cosmos, evidenciando que a ética e a verdade eram valores fundamentais para os egípcios, integrados de forma inextricável ao tecido de sua vida social e espiritual.

Analisar o "Julgamento de Osíris" sob uma perspectiva de justiça e condutas éticas revela não apenas a religiosidade intrincada do Antigo Egito, mas também uma sociedade que valorizava profundamente a integridade moral. Este papiro serve como um espelho das práticas judiciais e dos princípios éticos da época, destacando o papel da justiça como pilar da ordem social e espiritual. A necessidade de um coração

equilibrado com a pena de Maat no julgamento simboliza um sistema de valores onde a verdade e a justiça transcendem a existência física, influenciando as práticas culturais e religiosas.

Diante do problema de pesquisa proposto, este trabalho confirma que as noções de justiça e cultura no "Julgamento de Osíris" são reflexos diretos dos valores e da ordem social egípcia antiga, moldando a maneira como a comunidade interpretava a ética e a moral. Ao examinar a simbologia contida no papiro, identifica-se uma articulação clara entre justiça e os aspectos culturais e religiosos da sociedade, mostrando que a representação deste julgamento é uma manifestação vital de como os egípcios concebiam a vida após a morte e a importância de viver uma vida reta. Esta análise não só aprofunda a compreensão das práticas judiciais antigas como também destaca a relevância contínua dessas noções éticas e morais, que continuam a influenciar o pensamento contemporâneo sobre justiça e integridade.

REFERÊNCIAS

BLANC, Caio. **O grande livro da mitologia egípcia.** São Paulo: Camelot, 2021.

BUDGE, Wallis. **As ideias dos egípcios sobre a vida futura**. Tradução: Vera Maria de Carvalho. São Paulo: Madras, 2022.

GUIA HEU. **O livro dos mortos:** capítulo 126. 2009. Disponível em: https://osliriosnaonascemdalei.blogspot.com/2009/06/o-livro-dos-mortos-e-o-meio-ambiente-no.html. Acesso em: 10 maio 2024.

HISTÓRIA DA ARTE. **Mumificação**: Britsh museum. 2017. Disponível em: https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/mumificacao-british-museum/. Acesso em: 17 maio 2024.

LEAL, Tito Barros; LIMA, Francisco Wellington Rodrigues. A morte, os mortos, o julgamento e a salvação no Egito Antigo. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 3, n. 5, p. 114-128, 2018. Disponível em: https://seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/8189. Acesso em: 11 maio 2024.

NOGUERA, Renato. A ética da serenidade: o caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. **Ensaios Filosóficos**, v. 8, p. 139-155, 2013. Disponível em: https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo8/noguera_renato.pdf. Acesso em: 11 maio 2024.

O LIVRO DOS MORTOS DO ANTIGO EGITO. Tradução: Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2022.

PLUTARCO. **De Ísis e Osíris.** Tradução: Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: 2022.

EM BUSCA DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E HUMANITÁRIA: DESAFIOS EDUCACIONAIS E CULTURAIS NO SÉCULO XXI SOB A ÓTICA DE UM OBSERVADOR EXTERNO

Gilberto Rau[1]

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, testemunhamos mudanças profundas que impactam os valores humanos, a consciência moral e espiritual. Vivemos numa era de transformações aceleradas, onde uma geração transita entre realidades presenciais e digitais, desfrutando dos benefícios da revolução científica e tecnológica, mas também enfrentando desafios como a perda de valores éticos e a insegurança social.

Diante deste panorama em constante evolução, surge a necessidade crucial de repensar a educação, conciliando tradição e modernidade para preparar as futuras gerações num mundo em constante mudança. Como podemos garantir que as novas gerações sejam preparadas para esse novo contexto mantendo o equilíbrio entre tradição e modernidade?

Essa questão requer reflexão e ação conjunta, visando à preservação dos valores essenciais e o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e humanitária.

Nesse sentido, é essencial compreender como as instituições educacionais estão se estruturando para promover um programa educacional que possa atender a essa difícil situação. Os desafios que enfrentamos exigem uma resposta firme e responsável, sem extremismos, e isso requer a participação integrada e colaborativa de diferentes atores na estruturação do ensino escolar.

Entre esses atores, incluem-se o governo, instituições educacionais, sociedade civil, empresas e setor privado, mídia e comunidade acadêmica. Cada um desempenha um papel crucial na garantia de uma resposta eficiente aos desafios educacionais.

[1] Titular da cadeira nº 04 na Academia de Letras do Brasil de Brusque.

É importante notar que os sistemas educacionais são moldados por diversos fatores, incluindo ideologias políticas, valores culturais, demandas econômicas e aspirações sociais. Não há uma abordagem única ou "certa", e diferentes países podem adotar estratégias diversas com base em suas circunstâncias específicas.

No entanto, é preocupante notar que, mesmo diante de inúmeras proposições e promessas de políticas mais assertivas na área educacional, nosso Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) continua muito aquém dos países desenvolvidos, especialmente devido à estagnação dos níveis de educação. Isso nos leva a considerar o papel fundamental dos educadores, programas educacionais e atividades institucionais na busca por uma educação de qualidade.

Essas questões não podem ser ignoradas. Elas exigem uma resposta consistente e comprometida, envolvendo educadores, programas educacionais, atividades institucionais, sociedade e governantes. Portanto, como observador externo, preocupado com o bem-estar das futuras gerações, com a nossa qualidade de vida e com o futuro da nação, questiono-me sobre o papel e o rumo da educação no século XXI.

É inegável que a educação desempenha um papel crucial na construção de um futuro mais justo e humanitário. Como observador externo, vejo-me intrigado por questões fundamentais que permeiam os debates educacionais do século XXI. Estas perguntas não apenas refletem nossa ansiedade em busca de soluções, mas também provocam respostas não demagógicas, mas reais, que realmente constroem o caminho para aprimorar sistemas educacionais em um mundo em constante evolução. Ao explorar esses aspectos com profundidade, podemos não só preparar a educação para os desafios contemporâneos, mas também fortalecer os alicerces de uma sociedade inclusiva e justa.

É neste contexto que proponho examinarmos de perto as expectativas, tanto da sociedade quanto dos educadores, em relação à educação do século XXI. Este diálogo é essencial para equilibrar a necessidade de inovação educacional com a preservação de valores éticos e tradicionais, preparando assim as novas gerações para um futuro promissor e capacitadas para exercer funções essenciais para os desafios da vida no planeta. Ao abordarmos estas questões com seriedade e compromisso, podemos contribuir para a formação de indivíduos não apenas tecnicamente competentes, mas também éticos e humanitários.

A seguir, apresentamos a divisão populacional e os investimentos governamentais, oferecendo uma visão simples dos dados.

Divisão da População e Investimentos Governamentais

1. **Empresários, Empreendedores e Funcionários (43 milhões)**
   - Este grupo inclui a força de trabalho privada, essencial para o crescimento econômico. Os investimentos aqui são mais indiretos, através de subsídios, incentivos fiscais e programas de apoio ao

empreendedorismo. Políticas econômicas robustas são vitais para o fortalecimento desse setor.

2. **Servidores Públicos (12 milhões)**
   - Os gastos com servidores públicos, que incluem salários, benefícios, aposentadorias e pensões, são significativos. Em 2023, esses gastos foram estimados em aproximadamente R$ 300 bilhões, segundo dados do Ministério da Economia. A eficiência e a capacitação desses servidores são fundamentais para o bom funcionamento do Estado.

3. **Aposentados, Pensionistas e Auxílios (39 milhões)**
   - Este grupo representa uma grande parcela dos gastos da Previdência Social. Em 2023, os custos previdenciários e assistenciais somaram cerca de R$ 700 bilhões, conforme dados do Tesouro Nacional. Um sistema previdenciário robusto e sustentável é essencial para a segurança financeira dessa população.

4. **Crianças e Adolescentes até 18 anos (53 milhões)**
   - Os investimentos em educação e saúde para este grupo são cruciais para o futuro do país. Em 2023, o orçamento para a educação foi de aproximadamente R$ 130 bilhões e para a saúde R$ 160 bilhões, conforme dados do Ministério da Educação e da Saúde. Garantir qualidade e acesso a esses serviços é essencial para o desenvolvimento socioeconômico a longo prazo.

5. **Bolsa Família (56 milhões)**
   - O programa Bolsa Família (atualmente Auxílio Brasil) é um dos principais programas de transferência de renda do governo federal. Em 2023, os gastos com este programa foram estimados em cerca de R$ 100 bilhões, de acordo com o Ministério da Cidadania. A alta dependência deste programa revela os desafios econômicos enfrentados por uma grande parcela da população.

Ao analisarmos o panorama apresentado no Quadro 1 (Acima), segundo **IBGE (2019-2023),** que trata da divisão da população brasileira, vemos uma realidade que nos leva a refletir profundamente sobre

o investimento do governo federal em cada uma dessas categorias sociais e suas implicações no desenvolvimento do país. Com uma população de 203 milhões de habitantes e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,76 em 2022, é crucial entendermos como os recursos são alocados e seu impacto no desenvolvimento social e econômico do Brasil. Consequentemente, essa destinação de recursos impacta direta e indiretamente áreas fundamentais como a educação e a cultura, influenciando tanto o acesso a oportunidades quanto o desenvolvimento social e humano no Brasil.

Como a população brasileira está dividida? ***Fonte: IBGE, dados médios cruzados entre 2019 a 2023.**[2]			**Resumo dos gastos estimados em R$ por categoria em 2023:**
203 milhões **Habitantes** **No Brasil**	**43 milhões**	**Empresários, Empregadores e Funcionários**	**Os investimentos aqui são mais indiretos, através de subsídios, incentivos fiscais e programas de apoio ao empreendedorismo.**
	12 milhões	**Servidores Públicos**	**R$ 300 bilhões**
	39 milhões	**Aposentados, Pensionistas e auxílios.**	**R$ 700 bilhões**
	53 milhões	**Crianças e Adolescentes até 18 anos** ***IBGE 2019**	**ORÇAMENTO PARA A EDUCAÇÃO (crianças e adolescentes): R$ 130 bilhões;** **SAÚDE (crianças e adolescentes) R$ 160 bilhões.**
	56 milhões	**Bolsa Família**	**R$ 100 bilhões**

[2] Wikipédia: Lista de países por Índice de Desenvolvimento Humano, revisão divulgada em 13 de março de 2024, com dados referentes ao ano de 2022, aponta o Brasil em 89º lugar com um IDH de 0,76. IBGE (2019-2023): Dados médios cruzados entre 2019 e 2023. Para mais informações, recomenda-se consultar fontes oficiais como o Ministério da Economia e o Tesouro Nacional.

1 REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES

Grande Dependência de Programas Sociais: A alta dependência de programas como o Bolsa Família indica desafios econômicos significativos. Políticas públicas eficazes são necessárias para reduzir essa dependência e promover a autonomia financeira das famílias.

- Peso da População Idosa e Beneficiários de Auxílios: um sistema previdenciário robusto é vital para garantir a segurança financeira de aposentados e pensionistas. Investimentos sustentáveis nessa área são essenciais para o bem-estar dessa parcela da população.
- Jovens em Formação:investir em educação e saúde para crianças e adolescentes é crucial para o desenvolvimento futuro do Brasil. Políticas que garantam acesso e qualidade nesses serviços são indispensáveis.
- Setor Produtivo: os empresários, empreendedores e funcionários são a base da economia ativa do país. Políticas que incentivem o empreendedorismo e a geração de empregos podem impulsionar o crescimento econômico além de contribuir para o desenvolvimento da educação e da cultura, ao gerar recursos e oportunidades para sua valorização.
- Serviço Público: a eficiência e a capacitação dos servidores públicos são fundamentais para o bom funcionamento do Estado. Investir na formação e valorização desses profissionais é crucial. No entanto, é necessário garantir que os investimentos neste setor sejam proporcionais à sua importância relativa.

Essas observações destacam a importância de uma análise cuidadosa e estratégica dos investimentos governamentais para promover um desenvolvimento mais equilibrado e sustentável no Brasil.

A análise das despesas públicas no Brasil revela uma concentração significativa de recursos em setores específicos, como indicado na tabela acima. No entanto, é importante reconhecer que todos os setores desempenham papéis cruciais para o desenvolvimento nacional. O investimento desproporcional em algumas áreas não reflete necessariamente a importância relativa desses setores em comparação com outros

que também são essenciais. Essa desproporção pode comprometer o desenvolvimento sustentável do país.

Embora, no tocante a esta análise não ter sido aprofundada para o tema abordado, ela oferece uma visão clara da necessidade de uma distribuição mais justa e correta dos investimentos. Observa-se que a alocação de recursos do Governo Federal, não só nesse quadro, mas o que temos visto na prática, tem sido desbalanceada, com setores como ciência, tecnologia, educação, saúde e outros que se apresentam, fundamentais, nesse momento em que vivemos no século XXI, com avanços significativos em várias áreas, frequentemente recebendo menos atenção do que o necessário, apesar de seu impacto direto no avanço da sociedade e na sustentabilidade ambiental. Profissionais formados, especializados, doutorados nessas áreas desempenham papéis vitais que sustentam o progresso e a inovação, mas a grande maioria não é reconhecida financeiramente, como profissionais de algumas outras áreas, principalmente as que servem direta ou indiretamente a estrutura do governo e dos três poderes da república, sem querer desmerecer esses profissionais, mas na verdade não podemos deixar de reconhecer os com o mesmo ou até conhecimento e produtividade em outros setores.

É crucial reconhecer de forma justa a importância dos profissionais dessas áreas da ciência, tecnologia, educação, saúde e outros que se apresentam, fundamentais, nesse momento em que vivemos no século XXI para o desenvolvimento do país. Lembrando que educação e saúde são pilares fundamentais para um presente e futuro promissores. Portanto, é crucial priorizar investimentos que fortaleçam esses setores e promovam uma maior justiça social, garantindo um Brasil mais responsável e humanitário.

Além disso, é necessário lembrar das diferentes categorias de aposentados do setor privado, cujas pensões, na sua maioria, são insuficientes para garantir uma vida digna, considerando suas contribuições ao longo das carreiras. É uma injustiça e um desrespeito para com aqueles que contribuíram através de seu trabalho e agora enfrentam dificuldades financeiras extremas.

A responsabilidade política e social é grande, e as políticas públicas devem ser elaboradas para atender às necessidades de todos os grupos de forma justa. Não se deve apenas promover recursos e salários para

as classes mais próximas do poder público, mas sim assegurar justiça e dignidade a todos, com base no que realmente produzem e representam no contexto social, econômico e produtivo do país. Somente assim, será possível alcançar um desenvolvimento equilibrado e sustentável para a sociedade como um todo.

Portanto, a distribuição de recursos do governo deve ser revista para assegurar uma abordagem mais justa e equilibrada, priorizando investimentos que promovam um desenvolvimento inclusivo e sustentável em todos os setores da sociedade.

No âmbito da educação, como podemos ver, o Brasil, com uma população de 203 milhões de habitantes, enfrenta diversos desafios. Ao observarmos especificamente a questão da educação, precisamos destacar que o orçamento destinado para esta área, que envolve 53 milhões de crianças e adolescentes até 18 anos, é de apenas R$ 290 bilhões. Deste montante, R$ 130 bilhões são destinados à educação (crianças e adolescentes) e R$ 160 bilhões à saúde (crianças e adolescentes).

Isso nos leva a refletir sobre como essas crianças e adolescentes estarão preparados para o mercado de trabalho e a vida em um futuro próximo, considerando o atual baixo investimento na educação. Não resta dúvida de que, diante deste cenário, a situação educacional atual apresenta desafios significativos, tornando urgente a implementação de medidas concretas para melhorar o sistema educacional. Sem um investimento eficaz e políticas educacionais sólidas, o futuro dessas crianças e adolescentes, e consequentemente do país, estará extremamente comprometido.

2 A EDUCAÇÃO COMO MATÉRIA-PRIMA ESSENCIAL

Todos nós sabemos que a educação deve ser vista como a matéria-prima essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens. É imprescindível que os recursos destinados à educação sejam utilizados de forma consciente imparcial, garantindo que todos tenham acesso a uma educação de qualidade.

É imprescindível reconhecer a importância da educação como a base fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens. No entanto, para que isso ocorra, é necessário garantir recursos

adequados, que devem ser utilizados de maneira responsável, eficiente e equitativa, assegurando que todos tenham acesso a uma educação de qualidade.

Diante desse quadro, cada um pode tirar suas próprias conclusões. No entanto, não podemos nos omitir. Temos 53 milhões de crianças e adolescentes que, entre 1 e 18 anos, estarão ingressando no mercado de trabalho. A principal ferramenta para prepará-los é a educação. Se a situação atual já é caótica, como ficará nosso futuro se não tomarmos medidas urgentes para melhorar a qualidade e a acessibilidade da educação? Esses jovens são a força propulsora que moldará o Brasil das próximas décadas. Sem uma educação sólida e inclusiva, não apenas comprometemos o futuro desses indivíduos, mas também o desenvolvimento de toda a nação.

Portanto, a situação atual é preocupante e exige ação imediata. Precisamos agir agora para assegurar que as próximas gerações tenham as oportunidades e o suporte necessários para prosperar em um mundo que demanda cada vez mais conhecimento e habilidades. Somente investindo de forma eficaz nas diferentes áreas é que podemos assegurar uma educação de qualidade e assim construir um Brasil mais íntegro e humanitário.

Diante do cenário desafiador em que vivemos, é essencial refletirmos sobre os caminhos que a educação deve trilhar para enfrentar os desafios do século XXI. A complexidade e a velocidade das transformações tecnológicas, sociais e econômicas exigem uma revisão profunda das nossas práticas educacionais. Para construir um mundo mais justo e humanitário, precisamos repensar o papel dos educadores, os programas e as políticas educacionais, assim como a maneira como formamos nossas crianças e jovens.

A educação no século XXI deve preparar os indivíduos não apenas para o mercado de trabalho, mas também para serem cidadãos críticos, conscientes e atuantes em suas comunidades. É fundamental que desenvolvamos habilidades que vão além do conhecimento técnico, como empatia, ética, capacidade de trabalhar em equipe e responsabilidade social.

Diante dessa realidade, torna-se urgente agirmos para garantir que as próximas gerações tenham as oportunidades e o suporte necessários para prosperar em um mundo cada vez mais exigente em termos de conhecimento e habilidades. Somente com um investimento eficaz em diversas áreas da educação poderemos assegurar uma formação de qualidade e, assim, contribuir para a construção de um Brasil mais íntegro e humanitário.

Neste contexto, surgem questionamentos importantes que merecem nossa reflexão. Não temos a pretensão de apresentar verdades absolutas, mas sim de estimular um debate necessário e urgente na sociedade. Assim, consideremos as seguintes questões:

1. O que se espera da educação no século XXI?
2. O que a educação espera dos educadores?
3. O que esperamos dos programas educacionais e das atividades institucionais?
4. O que esperamos da sociedade e dos governantes em relação à educação?
5. Como podemos equilibrar a necessidade de inovação educacional com a preservação dos valores tradicionais e éticos na formação das novas gerações?

1. O que se espera da educação no século XXI?

No século XXI, espera-se que a educação se inspire no modelo das universidades medievais, que valorizavam a busca incessante pelo conhecimento e incentivavam a inovação, sempre desafiando o *status quo*. Além de impulsionar o progresso técnico e cultural, a educação moderna deve se concentrar na formação integral do indivíduo, unindo os aspectos racionais, afetivos e espirituais. Esse ideal de educação liberal prepara o aluno não apenas para o mercado de trabalho, mas, principalmente, para a vida. É uma educação que deve promover a inovação contínua e a busca pelo conhecimento, essencial para o desenvolvimento global do ser humano. (Stark, 2022)

- Preparação para o Mercado de Trabalho

A educação do século XXI deve ir além da mera transmissão de conhecimento, capacitando os indivíduos para o mercado de trabalho

com as habilidades profissionais necessárias para enfrentar as demandas atuais. Não basta apenas obter um diploma, um ilusório título de nobreza; é preciso adquirir o conhecimento e a habilidade de aplicá-lo de forma eficaz no ambiente profissional, evitando o desemprego e a necessidade de buscar atividades fora da sua área de formação, na qual investiu muito tempo e dinheiro.

- Formação Integral e Desenvolvimento de Competências

Além do conhecimento técnico, a educação deve promover valores fundamentais como respeito, empatia e justiça, priorizando a formação ética e sustentável. É essencial desenvolver habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas, criatividade, comunicação eficaz e colaboração. Essas competências são vitais para que os alunos se tornem pensadores críticos, solucionadores de problemas e cidadãos ativos.

- Promoção de Valores Humanos Fundamentais

A educação deve também promover valores humanos essenciais desde os primeiros anos de vida, assegurando que o respeito, a empatia e a justiça estejam presentes na formação das crianças. Uma educação de qualidade desde a infância é crucial para evitar que a busca pelo nivelamento do conhecimento intelectual, cultural e profissional ocorra apenas no ingresso às universidades, prejudicando tanto o desenvolvimento intelectual quanto profissional dos jovens, o que impacta diretamente na evolução dessa geração e no futuro da nação.

- Valorização e Capacitação de Professores

Para construir um mundo mais justo e focado no bem-estar humano, é essencial que a educação valorize e capacite adequadamente os professores. Isso inclui uma remuneração justa, condições adequadas para que possam se atualizar em suas áreas de atuação, e a oferta de uma infraestrutura escolar moderna e acessível. Métodos de ensino inovadores, adaptados às necessidades da evolução profissional, também são fundamentais para o sucesso desse processo.

- Investimento em Cursos Técnicos e Profissionalizantes

O investimento em cursos técnicos e profissionalizantes é essencial para atender às demandas práticas do mercado de trabalho. Muitas

vezes, essas demandas são negligenciadas pela maioria das universidades, devido à falta de investimento na educação básica, o que resulta na criação de novos campi universitários sem a garantia de qualidade no ensino teórico e prático. Isso leva à saturação do mercado com profissionais que não estão adequadamente preparados para as diferentes atividades profissionais exigidas.

Em resumo, uma educação de alta qualidade deve equilibrar teoria e prática, garantindo acesso equitativo desde uma base bem estruturada. Além disso, deve promover o desenvolvimento integral dos estudantes, integrando eficazmente a tecnologia para prepará-los para uma cidadania ativa e responsável. Dessa forma, os alunos estarão capacitados a enfrentar os desafios tecnológicos e globais com eficácia. No entanto, para que possamos realmente compreender e enfrentar esses desafios, surge uma questão fundamental: O que a educação espera dos educadores?

2. O que a educação espera dos educadores?

A educação contemporânea exige dos educadores uma abordagem que vai além da visão meramente utilitarista do conhecimento. Espera-se que promovam uma formação que integre mente, coração e espírito, incorporando valores e virtudes fundamentais como a autossuficiência e o compromisso com o próximo. Além disso, devem atuar como líderes inspiradores, encorajando os alunos a autogovernarem-se e a influenciar positivamente a sociedade. (Gushurst-Moore, 2021)

Os educadores são pilares em qualquer sistema educacional eficaz, e sua missão vai muito além do ensino acadêmico tradicional. No contexto atual, suas funções ultrapassam a simples transmissão de conhecimento; espera-se que atuem como facilitadores da aprendizagem. Isso significa que devem inspirar e motivar os alunos a explorar, descobrir e desenvolver habilidades essenciais.

Em um mundo em constante evolução, os educadores precisam guiar os alunos por meio de métodos inovadores e inclusivos, centrando suas práticas no aluno. Isso implica ajudar os estudantes a descobrir suas potencialidades e a desenvolver habilidades como empatia, resiliência e colaboração, contribuindo, assim, não apenas para a aquisição de conhecimento, mas também para o crescimento pessoal e social dos discentes.

Para atender às novas demandas educacionais é crucial que os educadores se envolvam em um processo contínuo de aprendizado. Isso requer constante atualização sobre novas metodologias e tecnologias educacionais. A capacidade de adaptar-se às inovações pedagógicas e tecnológicas é fundamental para proporcionar uma educação relevante e de qualidade.

A educação atual impõe expectativas amplas e essenciais sobre o papel dos educadores no desenvolvimento integral dos alunos. Primeiramente, espera-se que transmitam conteúdo de excelência nas disciplinas que ensinam, assegurando que o conhecimento oferecido seja de alta qualidade e relevante para o aprendizado dos alunos. Além disso, é vital que atuem como facilitadores da aprendizagem, inspirando, motivando e apoiando os alunos ao longo de todo o processo educativo, criando um ambiente de aprendizado positivo e estimulante.

Outro aspecto essencial é a formação de caráter. Embora os alunos cheguem à escola com diferentes influências, trazidas de seus ambientes sociais, os educadores têm o papel de destacar, de maneira clara e construtiva, a importância de um bom caráter na vida pessoal e profissional.

Entendemos, portanto, que a missão dos educadores, especialmente nessa era contemporânea, vai muito além do ensino acadêmico. Eles devem ajudar a desenvolver o potencial de cada aluno, promovendo valores e habilidades que contribuem para a formação de cidadãos íntegros e responsáveis.

Para atingir esses objetivos, é crucial que os educadores criem um ambiente de aprendizado seguro, inclusivo e diversificado, que estimule a curiosidade, o intercâmbio de ideias e a autonomia dos alunos. Os professores devem ser exemplos de valores éticos e morais. Além disso, é importante que eles demonstrem sua competência e habilidades utilizando tecnologias educacionais e métodos pedagógicos inovadores.

A educação também espera que os educadores estejam em constante atualização, acompanhando as inovações pedagógicas e tecnológicas. Investir na formação contínua dos professores e incentivar a criatividade e a inovação no ensino são aspectos essenciais para o sucesso educacional, como já mencionado.

Dessa forma, a atuação dos educadores deve refletir um compromisso com a excelência pedagógica e o desenvolvimento socioemocional dos alunos, preparando-os não apenas academicamente, mas também como cidadãos ativos e responsáveis, prontos para serem protagonistas em um mundo cada vez mais complexo e dinâmico. A educação, portanto, espera que os educadores sejam agentes de transformação, comprometidos tanto com o desenvolvimento acadêmico quanto com a formação integral dos indivíduos que passam por suas mãos. Assim, os educadores ajudam a formar cidadãos íntegros, responsáveis e preparados para os desafios do mundo moderno, ou seja, **"A formação integral do aluno".**

Neste ponto, surge a necessidade de refletirmos sobre outra questão fundamental: Quais são as expectativas em relação às atividades oferecidas pelas instituições educacionais?

3. Quais são as expectativas em relação às atividades oferecidas pelas instituições educacionais?

Espera-se que os programas educacionais e as atividades institucionais promovam inovação contínua e a busca por novos conhecimentos, tal como as universidades medievais, que não se restringiram ao saber antigo. Além disso, devem proporcionar uma formação integral, que abranja o racional, o afetivo e o espiritual, indo além do mero treinamento técnico. A formação deve preparar os indivíduos para uma vida plena e ética, com foco na educação para a vida, e não apenas para o trabalho.

Essa visão está em sintonia com as melhores práticas adotadas por países referência em educação, como a flexibilização dos currículos, personalização do ensino, integração entre a formação profissional e a educação geral, e autonomia dos professores. Além disso, esses sistemas educacionais valorizam avaliações baseadas em competências, o bem-estar dos alunos, e promovem a igualdade de oportunidades para todos, aspectos que contribuem para uma educação de excelência.

Portanto, a descrição fornecida não apenas reflete uma compreensão precisa das tendências atuais na educação, mas também está em consonância com as práticas e princípios que definem os sistemas educacionais mais eficazes e respeitados globalmente. Essa abordagem abrangente e moderna assegura que os programas educacionais estejam

bem posicionados para atender às demandas contemporâneas e preparar os alunos para o sucesso em um mundo em constante evolução.

- Inclusividade e Dinamismo

Os programas educacionais devem ser inclusivos e dinâmicos, refletindo a diversidade e a complexidade da sociedade atual. Eles precisam ser adaptáveis às necessidades de uma sociedade em constante transformação, oferecendo uma formação que considere diferentes contextos e perspectivas. A prática de integrar formação acadêmica com experiências práticas desde cedo exemplifica essa adaptabilidade e preparação eficaz para o mercado de trabalho.

- Interdisciplinaridade

É crucial que os programas integrem diversas áreas do conhecimento. A interdisciplinaridade permite uma compreensão mais abrangente e contextualizada, preparando os alunos para enfrentar os desafios complexos do século XXI. Isso inclui a promoção de igualdade de oportunidades na educação, garantindo que todos tenham acesso a uma formação de qualidade.

- Equilíbrio entre Teoria e Prática

Os programas devem equilibrar teoria e prática, garantindo que os alunos adquiram tanto conhecimento acadêmico quanto habilidades práticas. Essa combinação é essencial para preparar os estudantes para aplicar o que aprendem em situações reais. A formação acadêmica que alia teoria com experiências práticas é fundamental para essa preparação.

- Atividades Institucionais

As atividades institucionais devem complementar o currículo acadêmico, oferecendo experiências adicionais que enriquecem a formação dos alunos. Estas atividades devem promover o desenvolvimento integral, englobando aspectos emocionais, sociais e culturais. Criar ambientes de aprendizagem colaborativos e inovadores contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades práticas e sociais, além de ajudar a enfrentar os desafios do dia a dia com mais criatividade, inteligência e sabedoria.

- Expectativas em relação às atividades oferecidas pelas instituições educacionais

Espera-se que as instituições educacionais atuem de forma inovadora, adaptável e inclusiva, refletindo a diversidade da sociedade e as necessidades de uma era em constante mudança. A implementação de um sistema que integra formação acadêmica com práticas desde cedo é um exemplo de como a inovação e adaptabilidade podem ser realizadas na prática. As instituições devem centrar-se na aprendizagem de alta qualidade e no envolvimento ativo com a comunidade, promovendo a interação entre estudantes, professores e a sociedade. Promover a inclusão e igualdade de oportunidades educacionais fortalece essa conexão e compromisso comunitário.

Um compromisso fundamental das instituições deve ser o desenvolvimento contínuo dos educadores, reconhecendo a importância vital da formação contínua e do apoio ao bem-estar dos professores. Valorizar a formação contínua dos professores garante que eles estejam sempre preparados para oferecer uma educação de qualidade. As instituições precisam garantir a saúde mental e o bem-estar dos alunos, criando ambientes de suporte que atendam às necessidades emocionais e psicológicas dos estudantes. Além disso, devem promover valores humanos fundamentais, como ética, respeito e responsabilidade, preparando os alunos para serem cidadãos críticos e responsáveis.

Esses elementos destacam que as instituições educacionais exemplares compartilham o compromisso com a excelência acadêmica, a preparação para o mercado de trabalho, a inclusão social, o desenvolvimento profissional dos educadores e a capacidade de se adaptar aos desafios do mundo contemporâneo.

Diante das elevadas expectativas em relação às atividades oferecidas pelas instituições educacionais, surge uma pergunta crucial: O que esperamos da sociedade e dos governantes em relação à educação?

4. O que esperamos da sociedade e dos governantes em relação à educação?

A sociedade e os governantes devem defender e promover valores tradicionais[2], como a autossuficiência e a responsabilidade individual, que são essenciais para o sucesso e a coesão social. É fundamental

apoiar uma educação com uma base moral sólida, reconhecendo que a responsabilidade moral não pode ser delegada exclusivamente ao governo. O sistema educacional deve preparar os indivíduos para exercer uma influência positiva na sociedade**.** (Gardiner, 2021. p. 65).

A educação é um pilar essencial para o desenvolvimento sustentável e para a construção de um futuro melhor. No entanto, para que os programas educacionais sejam eficazes e ajustados às necessidades do século XXI, é crucial que tanto a sociedade quanto os governantes assumam papéis fundamentais na promoção e valorização da educação. A seguir, apresentamos as expectativas para ambos, com ênfase nas responsabilidades e ações necessárias para superar desafios sociais e promover um avanço significativo.

3 EXPECTATIVAS DA SOCIEDADE

1. Valorização e Apoio à Educação: Reconhecimento da Educação como Direito Fundamental: A sociedade deve reconhecer a educação como um direito inalienável e uma necessidade vital para o progresso pessoal, cultural, social e econômico. Essa valorização deve se refletir em todas as esferas comunitárias.

Todos os membros da comunidade precisam se envolver ativamente em iniciativas que visem à melhoria contínua do sistema educacional, apoiando projetos educacionais e participando de atividades que enriqueçam o ambiente escolar.

2. Compromisso com a Qualidade Educacional: Envolvimento na Melhoria da Educação: A sociedade deve se comprometer a garantir que a qualidade da educação não seja apenas uma aspiração, mas uma realidade acessível a todos. O compromisso com a educação é crucial para a superação da miséria, da pobreza, da fome, e para o desenvolvimento econômico e cultural das novas gerações. Promoção de uma Cultura Educacional: É importante que a sociedade trabalhe para criar um ambiente onde a educação seja valorizada e considerada fundamental para o crescimento pessoal e comunitário.

Expectativas dos Governantes

1. Investimento e Infraestrutura:

Alocação de Recursos Adequados: os governantes devem garantir que os recursos financeiros, provenientes dos impostos, sejam efetivamente investidos em infraestrutura educacional e recursos humanos. Isso inclui a construção e manutenção de escolas, a contratação de professores qualificados e a provisão de materiais e tecnologias adequadas.

Administração Transparente dos Recursos: é essencial que os recursos arrecadados sejam administrados com transparência e responsabilidade. A fiscalização deve garantir que os fundos sejam utilizados nas áreas prioritárias do desenvolvimento educacional, evitando desvios para interesses políticos ou pessoais, sacrificando o desenvolvimento da nação.

2. Políticas Públicas e Promoção da Equidade:

Implementação de Políticas Inclusivas: os governantes precisam desenvolver e implementar políticas públicas que promovam a equidade no acesso à educação desde os primeiros anos de vida das novas gerações. Essas políticas devem ser inclusivas e direcionadas para atender às necessidades específicas de diferentes comunidades, garantindo que todos os estudantes tenham as mesmas oportunidades. É essencial encontrar soluções autênticas, sem demagogia ou interesses políticos, que ofereçam diretamente a esse grupo social de crianças na fase de creche e nos primeiros anos escolares o suporte e o acompanhamento necessário para proporcionar uma educação que incorpore, de forma concreta, o princípio da igualdade de oportunidades. Além disso, essas políticas devem incluir programas sérios que permitam às famílias, dessas crianças, aprender e encontrar oportunidades e nelas se fixarem para melhorar suas condições de vida.

É fundamental que essas ações comecem o mais cedo possível, pois esperar até a entrada dos jovens na universidade para tentar corrigir desigualdades acumuladas desde a educação inicial é uma abordagem ineficaz. Esse atraso na correção das desigualdades educacionais prejudica o desenvolvimento intelectual e profissional dos jovens, dificultando sua formação adequada e seu pleno potencial como futuros profissionais. Portanto, ao implementar políticas educacionais inclusivas desde o

início, garantimos que a capacidade intelectual e formativa dos jovens profissionais seja amplamente desenvolvida, promovendo uma evolução educacional e profissional mais equitativa e robusta para todos.

3. Promovendo Liberdade, Progresso e Prosperidade para a Nação:

Para que uma nação prospere verdadeiramente, é essencial que seu povo desfrute de liberdade, estabilidade e oportunidades reais para progredir e evoluir. Os setores produtivos, liderados por empresários criativos, vigorosos e bem-intencionados, desempenham um papel crucial ao promover uma economia forte e gerar oportunidades de trabalho e riqueza para o país e seu povo. Esses setores precisam ser respeitados e apoiados, pois são a base que sustenta o progresso da nação.

Tudo o que é arrecadado pelo governo deve ser aplicado com extrema responsabilidade e transparência, garantindo que os recursos sejam direcionados de maneira eficiente e eficaz para o bem da sociedade. Quando os recursos são mal administrados ou concentrados indevidamente nas mãos das organizações governamentais, o resultado é um impacto negativo que leva à miséria e ao sofrimento da população.

4. Combate à Corrupção e ao Totalitarismo:

O combate à corrupção e ao totalitarismo é um dever fundamental. A administração pública deve atuar com zelo e competência, tomando decisões éticas e imparciais. É crucial que sejam utilizadas ferramentas de fiscalização rigorosas para garantir que os recursos arrecadados sejam usados de forma justa e em benefício do desenvolvimento de toda a sociedade. Devemos ter todo o cuidado com os regimes totalitaristas, pois "Quem controla a opinião controla as mentes" (Knowels,2022)

É essencial combater a corrupção e as ideologias políticas que não favorecem a comunidade como um todo, a fim de evitar que grupos autoritários governem à custa da força de trabalho da população. Isso é particularmente importante para prevenir que as classes sociais menos favorecidas sejam ainda mais sacrificadas.

Além disso, é fundamental garantir que todas as pessoas tenham acesso à educação desde o nascimento, de forma a prepará-las para um futuro digno. A educação deve ser orientada para as necessidades básicas da vida, promovendo o desenvolvimento e a inclusão social.

Isso ajudará a evitar que os indivíduos sejam condenados a viver com recursos insuficientes, que não contribuem para um futuro digno e para o crescimento de uma nação.

É imperativo que os recursos sejam investidos no desenvolvimento de uma nação onde o humanitarismo prevaleça, baseado nos pilares da liberdade, igualdade, estabilidade e segurança. Somente assim, a população terá as condições necessárias para investir em sua vida, tanto no presente quanto no futuro, com confiança e dignidade.

Diante do que temos abordado acima, sob a perspectiva de um observador externo, no século XXI, a educação brasileira enfrenta o desafio de preparar os indivíduos para um futuro dinâmico, sem perder de vista os valores éticos e humanitários fundamentais. É esperado que os educadores e os programas educacionais se adaptem a essas novas demandas com qualidade, mantendo uma formação sólida e culturalmente rica. Ao mesmo tempo, é essencial que a sociedade se envolva mais ativamente para evitar a deterioração da educação. Além disso, os governantes devem assumir uma responsabilidade maior, apoiando essa evolução com políticas eficazes que beneficiem toda a população de forma justa. Isso inclui investimentos significativos e concretos, sem a imposição de ideologias.

Diante disso, surge uma questão central: como equilibrar a necessidade de inovação educacional com a preservação dos valores tradicionais e éticos na formação das novas gerações?

5. Como equilibrar a necessidade de inovação educacional com a preservação dos valores tradicionais e éticos na formação das novas gerações?

A inovação educacional é essencial para manter a relevância em um cenário em constante e rápida evolução tecnológica. No entanto, não se pode sacrificar os valores tradicionais e éticos que formam a base de nossa identidade cultural e moral. Encontrar um equilíbrio entre modernidade e tradição é vital para garantir que as novas gerações se tornem não apenas tecnicamente competentes, mas também moralmente responsáveis e socialmente conscientes.

- Inovação Equilibrada com Tradição:

Devemos buscar um equilíbrio entre inovação e preservação dos valores tradicionais, inspirando-nos nos exemplos das universidades medievais, que promoviam a inovação enquanto mantinham o conhecimento crítico dos antigos. A adaptação das práticas educacionais medievais demonstra que a inovação pode coexistir com os valores tradicionais, respeitando e reforçando esses princípios. (Stark, 2022. p. 74).

- Integração de Tecnologias com Valores Éticos:

A incorporação de tecnologias na educação deve ser guiada pela promoção de valores éticos fundamentais. As ferramentas digitais, como plataformas de aprendizado online, podem ser utilizadas para oferecer módulos sobre ética e cidadania, permitindo que os alunos reflitam sobre temas como respeito e responsabilidade social. Essa integração não substitui os valores, mas os incorpora de forma contemporânea e eficaz. A educação deve integrar programas inovadores sustentados por uma base moral e ética sólida, alinhando-se com o humanismo cristão, que promove uma educação baseada em valores morais e na formação integral do indivíduo. (Stark, 2022. p. 74).

O humanismo cristão enfatiza a importância de uma formação que não só desenvolve habilidades técnicas, mas também cultiva o caráter e a ética, garantindo uma educação que forma cidadãos responsáveis e moralmente conscientes. (Stark, 2022. p. 74).

- Formação de Cidadãos Conscientes e Responsáveis:

A educação deve ir além da simples transmissão de conhecimentos técnicos, promovendo o desenvolvimento integral dos indivíduos. A formação deve incluir habilidades sociais e emocionais, como empatia e pensamento crítico, que são essenciais para construir uma sociedade mais justa e humanitária. Programas de desenvolvimento socioemocional e atividades que envolvam a comunidade local são eficazes para reforçar a responsabilidade social e o pensamento crítico.

- Diálogo e Colaboração entre Educadores, Pais e Sociedade:

Para equilibrar inovação e tradição, é necessário um diálogo contínuo e colaborativo entre educadores, pais e a sociedade. A cooperação

entre esses grupos é essencial para garantir que as práticas educacionais estejam alinhadas com valores éticos e morais. Fóruns comunitários e parcerias com organizações sociais podem facilitar essa colaboração e promover uma abordagem educativa integrada.

- Desenvolvimento de Programas Educacionais Holísticos:

Os currículos devem ser projetados para equilibrar inovações tecnológicas com a promoção de valores éticos. Um programa educacional holístico considera tanto as habilidades técnicas quanto o desenvolvimento moral e ético dos alunos. Currículos balanceados e sistemas de avaliação que incluam competências socioemocionais são essenciais para criar um ambiente de aprendizagem completo e inclusivo.

As estratégias apresentadas oferecem um caminho para enfrentar os desafios educacionais do século XXI de forma equilibrada e eficaz. A inovação e tradição não são forças antagônicas, mas podem se complementar para criar um sistema educacional que prepare os jovens para os desafios futuros, mantendo-os firmemente enraizados em valores que promovem um mundo mais justo e humanitário. Integrar tecnologias modernas com princípios éticos e morais é a chave para formar cidadãos competentes e comprometidos com o bem-estar da sociedade.

Além das estratégias mencionadas, é importante que educadores e formuladores de políticas estejam atentos às tendências emergentes, como a inteligência artificial. Esta tecnologia pode ser um poderoso aliado na personalização da educação e no desenvolvimento de habilidades críticas, desde que utilizada com um forte compromisso com a ética e a justiça. A integração da IA na educação deve focar em aprimorar a experiência de aprendizado sem comprometer a qualidade e a integridade da formação educacional.

Assim, ao equilibrar inovação com tradição, podemos garantir que a educação do século XXI não apenas acompanhe o ritmo das mudanças tecnológicas, mas também preserve e promova os valores fundamentais que sustentam uma sociedade equânime e humanitária.

Nesse contexto de nossa discussão sobre a educação tivemos a oportunidade de abordar aspectos essenciais para uma formação inclusiva e sustentável. Esses aspectos destacam sua relevância como um pilar essencial para o desenvolvimento da sociedade.

Nosso objetivo não é gerar polêmica, mas reconhecer que a complexidade do tema vai além do que foi apresentado, demandando uma análise mais profunda, possivelmente mais abrangente do que a geralmente promovida por algumas autoridades. Entretanto, não podemos admitir que esse assunto seja debatido de forma restrita e quase monopolizada por certos grupos, sem a participação ampla e significativa de toda a sociedade.

A formação educacional do cidadão reflete a sociedade e deve ser baseada em princípios nobres e virtuosos, em vez de uma visão meramente ideológica. A prática educacional precisa considerar a pluralidade cultural, racial, ambiental, social, econômica, religiosa e política, pois essas dimensões são fundamentais para promover a harmonia, a paz, o desenvolvimento e a qualidade de vida de toda a população.

Devemos rejeitar qualquer forma de separatismo, discriminação ou práticas que prejudicam o ser humano e fomentam o ódio. A educação deve promover a liberdade, os bons costumes, o respeito às leis (desde que não segregadoras ou ditatoriais) e a verdadeira democracia, orientada por respeito, ordem e progresso, sem espaço para comportamentos irresponsáveis.

Portanto, a educação deve ser examinada de maneira imparcial por todos os envolvidos na construção de uma sociedade justa, equitativa e sustentável. É essencial valorizar a espiritualidade, o respeito, a sustentabilidade e o amor pela complexa biosfera que o Criador do Universo nos concedeu. Assim, não podemos deixar de destacar a importância da cultura na educação se realmente desejamos construir um caminho para um mundo mais justo e humanitário.

Ao longo deste artigo, exploramos os desafios educacionais do século XXI sob a perspectiva de um observador externo, destacando a necessidade de um sistema educacional capaz de enfrentar as complexidades de um mundo em constante mudança. Contudo, para que a educação possa realmente desempenhar seu papel transformador, é crucial reconhecer sua profunda interconexão com a cultura.

6. A importância da cultura no processo educacional.

A relação entre educação e cultura é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e humanitária. O sistema educacional não

existe em um vácuo; ele se desenvolve dentro de um contexto cultural específico, que fornece a base necessária para sua eficácia.

Mas antes de prosseguir, nos cabe responder – **O QUE É CULTURA?**

Segundo algumas definições encontradas em dicionários, de forma muito breve, cultura é o conjunto de conhecimentos, tradições, valores, comportamentos e práticas que caracterizam um grupo social. Segundo o dicionário, pode ser definida como:

1. Conjunto de valores e modos de vida: "Conjunto dos conhecimentos, costumes, crenças, comportamentos, manifestações artísticas, científicas e literárias que caracterizam uma sociedade ou um grupo social". Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 5ª edição, publicada em 2010.
2. De acordo com o dicionário Michaelis, CULTURA refere-se ao conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social. Conjunto de conhecimentos adquiridos, como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual; instrução, sabedoria. Requinte de hábitos e conduta, bem como apreciação crítica apurada. https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/
   Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa

   "Nessa perspectiva, podemos dizer que o **desenvolvimento intelectual e artístico** é uma consequência natural desse processo. Ou seja: **O desenvolvimento do intelecto humano acontece por meio da educação, que amplia o conhecimento, e da prática das artes, que estimula a criatividade e a expressão."**

3. Dicionário Oxford: Conjunto das estruturas sociais, religiosas etc., das manifestações intelectuais, artísticas etc., que caracteriza uma sociedade, diferenciando-a de outras: a cultura inca; a cultura helenística. Conjunto dos conhecimentos adquiridos; instrução: sujeito sem cultura. Expressão ou estágio evolutivo

das tradições e valores de uma região, num período determinado: cultura católica.

4. "Portanto, **COMO MODO DE VIDA:** cultura refere-se ao conjunto de modos de vida de um grupo ou nação, incluindo seus costumes, tradições e práticas que definem sua identidade e a distinguem de outros grupos."

Segundo Andrea Mendes (2020) professora de Psicologia na Escola de Ciências da Saúde e da Vida e de Pedagogia na Escola de Humanidades e pesquisadora da PUCRS, o principal benefício é a chance de ampliação da própria possibilidade. "Da maneira como eu enxergo, da transposição de visão, da diversidade. A cultura traz essa outra visão do que é possível, de outras formas de pensar o enfrentamento, as dificuldades do próximo e do não tão próximo assim, como as pessoas estão se organizando", destaca.

- A Interdependência Entre Cultura e Educação

A cultura oferece o conteúdo, as tradições e os valores que moldam o caráter dos indivíduos e, por extensão, da sociedade. Ela não só preserva e transmite o legado cultural, mas também contribui para a formação de uma visão de mundo mais rica e diversificada. Andreia Mendes (2020), destaca que "o acesso à cultura potencializa a aprendizagem e é uma ferramenta muito potente. Ela nos transposta desse lugar que estamos acostumados, seja ele qual for." A frase de Andreia Mendes, evidencia a importância da cultura, além da arte e do entretenimento, mas também para a educação".

A interdependência entre educação e cultura é, portanto, vital para a formação de um mundo mais equilibrado e digno. Enquanto a educação se dedica a moldar mentes e formar cidadãos conscientes e críticos, a cultura proporciona o contexto necessário para que essa formação seja rica, relevante e significativa. Essa sinergia entre educação e cultura não só garante que as tradições e os valores culturais sejam respeitados e preservados, mas também que sejam adaptados às novas realidades de um mundo em constante evolução.

Neste contexto, é importante considerar o papel da cultura na promoção da empatia e da compreensão das diferentes realidades huma-

nas. Segundo Barbarena (2020), um dos papéis da cultura é promover a empatia na prática: "Para entender o mundo que não é o meu, mas aquele de determinadas dores e apreensões que eu não vivi. Quem consegue pensar nas diferentes manifestações do humano tem a capacidade de aprender muito maior – no que se trata de conteúdo, de sala de aula. Barbarena (2020) vê a cultura como uma "tecnologia de sensibilização, humanização, sobrevivência", e a obra de arte como um "artefato da maquinaria ética e estética".

Essa perspectiva ressalta a importância da cultura não apenas como um conjunto de práticas e valores, mas como um meio essencial para o desenvolvimento da empatia e da compreensão intercultural. A interdependência entre educação e cultura é, portanto, vital para a formação de um mundo mais equilibrado e equitativo. Enquanto a educação molda mentes e cidadãos críticos, a cultura proporciona o contexto necessário para que essa formação seja rica, relevante e significativa.

É importante ressaltar, no entanto, que, ao discutir essa interconexão, não devemos esquecer o papel crucial da ética e da moral. Essas virtudes, herdadas do passado, devem continuar a desempenhar um papel central na formação dos indivíduos. Fundamentadas na sabedoria de gerações anteriores, a ética e a moral são essenciais para enfrentar as complexidades e incertezas dos tempos atuais, impedindo a proliferação de práticas e comportamentos que possam degradar a dignidade humana. Portanto, integrar a cultura ao processo educacional não é apenas uma questão de preservação do legado cultural, mas também de inovação e adaptação.

A educação, enriquecida pela cultura, garante que os valores e as identidades culturais sejam transmitidos e aprimorados pelas futuras gerações. Esse processo é fundamental para o desenvolvimento equilibrado e justo das sociedades no século XXI. Assim, ao aprofundarmos nossa discussão sobre a importância da cultura na educação, podemos compreender melhor como essa relação simbiótica pode servir como uma chave para superar os desafios educacionais contemporâneos.

Essa abordagem não só promove uma educação culturalmente rica e significativa, mas também contribui para a construção de um mundo mais justo e humanitário, refletindo os valores e as aspirações das sociedades que almejamos construir. Além disso, ela contribui para

a construção de um mundo mais justo e humanitário, refletindo os valores e aspirações das sociedades que desejamos edificar. Portanto, ao explorarmos mais a fundo a relevância da cultura na educação, perceberemos como essa relação simbiótica pode ser crucial para enfrentar os desafios educacionais atuais.

Embora as considerações apresentadas até aqui sejam essenciais para compreender o papel vital da cultura na educação, reconheço que o espaço limitado deste artigo nos impede de explorar toda a profundidade do tema. Contudo, é imprescindível entender que a integração de uma perspectiva cultural na educação vai muito além dos conceitos abordados. Ela não apenas enriquece o processo educativo, tornando-o mais significativo e relevante para os indivíduos, mas também contribui de forma decisiva para a formação integral dos cidadãos.

Essa abordagem não só torna a educação mais enriquecedora e significativa sob a perspectiva cultural, mas também desempenha um papel crucial na construção de um mundo mais justo e humanitário. Permite alinhar-se aos valores e aspirações de sociedades que buscam edificar um ambiente onde os valores humanos são respeitados e dignificados.

Ao integrar a cultura no processo educacional, promovemos uma educação que transcende os limites tradicionais, preparando os indivíduos para serem cidadãos conscientes, empáticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e humanitária. Quando incorporada integralmente à educação, a cultura se torna um alicerce para a construção de uma sociedade que valoriza a diversidade, promove a justiça social e fomenta o desenvolvimento de um senso de pertencimento e responsabilidade global entre os indivíduos.

Ao cultivar uma educação que respeita e celebra a diversidade cultural, alinhamos diretamente nosso sistema educacional aos valores e aspirações de sociedades que buscam não apenas o progresso material, mas também a edificação de um ambiente onde os valores humanos são respeitados, protegidos e dignificados.

Essa perspectiva é fundamental para a construção de um futuro em que a educação serve como uma ferramenta poderosa para a transformação social, moldando indivíduos conscientes, empáticos e comprometidos com o bem-estar coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário preocupante atual, é crucial trazer à luz questões relacionadas à educação e à cultura, pois a falta de progresso em ambos os campos afeta diretamente nosso desenvolvimento enquanto sociedade. A educação desempenha um papel vital na construção de um Brasil mais justo e humanitário. É imperativo, portanto, que nos engajemos de forma mais ativa e consciente nesse debate, levantando questões, apresentando soluções e exigindo uma abordagem incisiva que garanta uma educação eficaz para nossos jovens em um contexto de transformação rápida nas diversas esferas científicas e tecnológicas.

Em um ambiente de rápidas mudanças e desafios éticos e sociais, a análise revela a necessidade urgente de reavaliar a distribuição de recursos. É necessário garantir que setores fundamentais, como educação, saúde, ciência e tecnologia, recebam o investimento necessário para promover um desenvolvimento sustentável e inclusivo. Um ajuste justo e imparcial nas políticas públicas é essencial para assegurar que todos os profissionais que contribuem para o desenvolvimento do país, independentemente de sua área de atuação, recebam o reconhecimento e o apoio devidos.

Não é aceitável que apenas um grupo específico, vinculado a certos órgãos, desfrute de benefícios que desestabilizam a cadeia de profissionais em diversos setores. Esse desequilíbrio, frequentemente motivado por questões políticas ou pela posição em esferas governamentais, resulta em disparidades salariais em comparação com as categorias do setor privado, comprometendo a construção de um futuro mais justo e equilibrado. Um exemplo claro desse desequilíbrio é o investimento desigual, especialmente na área da educação e da cultura.

O Brasil enfrenta desafios significativos nas áreas da educação e da cultura, devido, em grande parte, ao baixo investimento, tanto quantitativo quanto qualitativo. Embora a sociedade reconheça a importância de uma formação sólida desde a infância para o desenvolvimento do ser humano, a falta de recursos adequados continua a comprometer essa formação crucial para o desenvolvimento pessoal e sustentável da nossa nação.

É fundamental reconsiderar as políticas educacionais para priorizar investimentos nas áreas de educação e cultura. Além disso, é importante adotar uma abordagem que equilibre teoria e prática, garantindo acesso equitativo e promovendo o desenvolvimento integral dos alunos. Essa

transformação deve incluir não apenas a atualização dos currículos, mas também a valorização e capacitação dos educadores e a modernização da infraestrutura escolar.

A educação do século XXI deve inspirar-se em modelos que promovam uma formação integral, integrando aspectos racionais, afetivos e espirituais. Deve preparar os indivíduos para o mercado de trabalho e para a vida, estimulando competências como pensamento crítico, criatividade e colaboração, enquanto promove valores fundamentais como respeito e justiça. A capacidade de enfrentar os desafios tecnológicos e globais deve ser aprimorada por meio de uma formação que solidifique o conhecimento técnico e, ao mesmo tempo, englobando a formação moral e ética, cada vez mais necessária em nossa sociedade.

A colaboração entre sociedade, governantes e instituições educacionais é essencial para garantir uma educação que atenda às expectativas do século XXI. A sociedade deve valorizar a educação como um direito essencial e engajar-se ativamente na sua melhoria, enquanto os governantes devem assegurar a alocação eficaz de recursos e implementar políticas públicas inclusivas. A integração entre inovação e valores tradicionais é fundamental para preparar as novas gerações para um futuro digno e justo.

A interdependência entre cultura e educação é crucial para a formação de uma sociedade mais livre, sábia e humanitária. A cultura fornece o contexto necessário para uma educação significativa, enquanto a educação molda cidadãos críticos e conscientes. Juntas, elas promovem uma visão de mundo mais diversificada e empática, essencial para enfrentar os desafios contemporâneos.

Portanto, para avançarmos em direção a um mundo mais equilibrado e equitativo, é fundamental que a cultura e a educação trabalhem de forma colaborativa. Essa abordagem não só enriquece o processo educativo, mas também se alinha aos valores que buscamos para uma sociedade onde a dignidade humana e a justiça social sejam plenamente reconhecidas e respeitadas.

CONCLUSÃO

A busca por um futuro melhor passa, necessariamente, por um sistema educacional que reflita e promova os valores desejados para nossa nação. A educação do século XXI exige uma responsabilidade

compartilhada e o comprometimento de todos os envolvidos, incluindo a sociedade civil. Devemos preparar cidadãos não apenas para concluir seus estudos, mas para uma integração plena e competente na sociedade e no mercado de trabalho, promovendo a construção de uma sociedade mais justa e humanitária. Ao garantir uma educação de qualidade, acessível e inclusiva, podemos construir um futuro onde a dignidade humana e a justiça social sejam os pilares fundamentais.

REFERÊNCIAS

BARBARENA. 2020. Quarta-feira, 03 de junho | 2020 https://is.gd/7HvXFj.

GUSHURST – MOORE, Andre. A mente comum: Política, Sociedade e Humanismo Cristão: De Thomas More e Russell Kirk / Andre Gushurst-Moore; tradução de Fernando Silva – São Paulo: LVM Editora, 2021.

GARDINER, Nile. Liderança segundo Margaret Thatcher: lições para os conservadores de hoje/ Nile Gardiner, Stephen Thompson; tradução de Fernando Silva – São Paulo: LVM Editora, 2021.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Lexicógrafa responsável: Débora Ribeiro. Acesso em: https://www.dicio.com.br/oxford/ cultura https://www.dicio.com.br/cultura/.

IBGE (2019-2023): Dados médios cruzados entre 2019 e 2023.

JANKE, Scheila. P. Dra. Scheila Janke. Pomerode SC. JORNAL O CAMINHO ANO XL/ Nº4/JULHO E AGOSTO DE 2024. 200 ANOS – a história continua.

MENDES, Andreia. 2020. Quarta-feira, 03 de junho | 2020 https://is.gd/7HvXFj.

PUCRS Ensino INSTITUCIONAL. Cultura é educação, e a educação é a transformação do conhecimento. Disponível em: https://is.gd/kaofWi. Acesso em: quarta-feira, 03 de junho, 2020.

STARK, Rodney. A vitória da razão: como o cristianismo levou à liberdade, ao capitalismo e ao sucesso do Ocidente. Tradução de Alessandra Bonrruquer. São Paulo: LVM Editora, 2022.

KNOWELS, Michael. Cale-se: quem controla a opinião controla as mentes/ Michael Knowels; tradução de Helena Mossoi. São Paulo:IVM Editora, 2022.

WIKIPEDIA. Lista de países por Índice de Desenvolvimento Humano, revisão divulgada em 13 de março de 2024, com dados referentes ao ano de 2022, aponta o Brasil em 89º lugar com um IDH de 0,76. https://is.gd/1fC2FA.

A FUNÇÃO DA MÚSICA NA CRÍTICA EDUCACIONAL: UM ESTUDO DE "*ANOTHER BRICK IN THE WALL*" DE PINK FLOYD

Fernanda Analú Marcolla[1]
Ricardo Vianna Hoffmann[2]

INTRODUÇÃO

A música transcende sua função de entretenimento, atuando como uma ferramenta penetrante para a interpretação de fenômenos sociais e os desafios enfrentados tanto individual quanto coletivamente. Esta forma de arte proporciona um meio poderoso para indivíduos expressarem sentimentos e desafios, ao mesmo tempo em que critica, questiona e dialoga com as realidades sociais existentes.

Por intermédio de suas letras, melodias e harmonias, a música tem o potencial de provocar reflexão, inspirar mudanças e fortalecer o senso de identidade e comunidade. A capacidade de vocalizar preocupações sociais e pessoais faz da música uma força vital na modelagem e influência do discurso cultural.

A música tem sido, ao longo da história, uma poderosa ferramenta de expressão cultural e social. Ela transcende barreiras linguísticas e geográficas, sendo capaz de influenciar e refletir os valores, as preocupações e as aspirações das sociedades. No contexto da crítica à educação, a música desempenha um papel crucial ao questionar e desafiar sistemas e práticas estabelecidos.

Nesse contexto, a música "*Another Brick in the Wall*", de Pink Floyd, emerge como um manifesto robusto contra as práticas autoritárias e opressivas prevalentes em sistemas educacionais. Através de sua letra impactante, a canção critica as metodologias de ensino que suprimem a criatividade e promovem a conformidade.

[1] Titular da cadeira nº 03 na Academia de Letras do Brasil de Brusque.
[2] Titular da cadeira nº 16 na Academia de Letras do Brasil de Brusque.

Lançada em 1979, a faixa é amplamente reconhecida por sua crítica contundente ao autoritarismo pedagógico, destacando a luta contra a docilização dos corpos nas instituições de ensino. Este tema ressoa com as teorias de Foucault (2014) sobre poder e disciplina, bem como as ideias de Goffman (2015) sobre a padronização do "eu" em instituições totais, oferecendo uma lente teórica rica para examinar como a educação pode atuar como um mecanismo de controle social.

Esse artigo visa analisar como a música pode ser usada como ferramenta de expressão cultural na sociedade. A partir da canção "*Another Brick in the Wall*", pretende-se analisar a docilização dos corpos utilizando as teorias de Foucault sobre disciplina e as análises de Goffman sobre a função das instituições totais. O problema central deste estudo é investigar em que medida as práticas educacionais descritas na música refletem processos de padronização do comportamento em contextos autoritários de ensino.

Ademais, a música, enquanto cultura popular, possui uma ampla acessibilidade e ressonância. Ela não é restrita a ambientes acadêmicos ou elitistas, podendo alcançar e influenciar uma vasta audiência. "*Another Brick in the Wall*" exemplifica como uma canção pode se tornar um veículo de crítica social, ao mesmo tempo em que se torna parte da cultura popular global. Sua mensagem crítica é amplificada pelo seu sucesso comercial e pela sua capacidade de ser facilmente compreendida e compartilhada.

A relevância desta análise reside na necessidade de entender não apenas a arte como uma forma de resistência cultural, mas também como um reflexo das práticas opressivas que ainda podem permear o sistema educacional. Investigar essas dinâmicas é crucial para revelar como as instituições educacionais podem limitar a criatividade e autonomia, impondo um modelo educativo que mais preserva a ordem existente do que promove o desenvolvimento integral do indivíduo.

Metodologicamente, este estudo adotará uma abordagem hipotético-dedutiva, analisando documentos bibliográficos, incluindo obras de Foucault e Goffman, críticas da música e estudos sobre a influência sociocultural do Pink Floyd. A investigação buscará evidências que confirmem ou refutem as hipóteses relacionadas às letras da música e às teorias mencionadas, com o objetivo de contribuir para o diálogo acadêmico sobre música, cultura e educação.

1 A MÚSICA ENQUANTO EXPRESSÃO DA REALIDADE CULTURAL

A música possui uma capacidade única de refletir e expressar a realidade cultural de um determinado grupo ou sociedade, funcionando como uma linguagem poderosa que transcende barreiras linguísticas e geográficas. Stuart Hall (2016) argumenta que a cultura está intimamente ligada aos "significados compartilhados" (Hall, 2016, p. 17-18). A música, como parte dessa cultura, utiliza a linguagem em forma de sons, letras e ritmos para produzir e intercambiar significados, operando como um sistema representacional que utiliza signos e símbolos para representar conceitos, ideias e sentimentos.

Esse sistema representacional é fundamental na construção de identidades individuais e coletivas. Segundo Hall (2016), a representação inclui práticas de significação e sistemas simbólicos pelos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. Esses sistemas ajudam a responder às questões "Quem sou eu?" e "Quem eu quero ser?", criando uma base para nossas identidades culturais (Silva; Hall; Woodward, 2014, p. 17-18). Nesse contexto, a música atua não apenas como um reflexo da cultura, mas também como um agente ativo na construção e transformação dessas identidades.

Cada cultura desenvolve formas distintivas de classificar e dar sentido ao mundo. Silva, Hall e Woodward (2014) afirmam que é através da construção de sistemas classificatórios que a cultura nos proporciona os meios para entender o mundo social e construir significados. Esses sistemas de classificação são essenciais para manter a ordem social e são geralmente consensuais entre os membros de uma sociedade (Silva; Hall; Woodward, 2014, p. 42). A música, como parte desses sistemas simbólicos, pode tanto reforçar quanto desafiar as normas sociais estabelecidas.

A música também desempenha um papel crucial na expressão de desigualdades e na luta contra a opressão. Silva, Hall e Woodward (2014) destacam que os sistemas simbólicos oferecem novas formas de dar sentido às experiências de divisões e desigualdades sociais, servindo como meio pelo qual alguns grupos são excluídos e estigmatizados (Silva; Hall; Woodward, 2014, p. 20). Canções que abordam temas de injustiça

social e resistência podem servir como plataformas para expressar essas experiências, mobilizando comunidades e promovendo mudanças sociais.

A identidade cultural pode ser compreendida de duas maneiras principais: como uma busca pela "verdade" sobre um passado compartilhado, ou como um processo de "tornar-se" e "ser", reconhecendo que a identidade é constantemente construída e transformada (Silva; Hall; Woodward, 2014, p. 28). A música desempenha um papel vital nesse processo, oferecendo uma forma de explorar e afirmar identidades culturais em constante evolução.

Além de ser uma manifestação da cultura popular, a música tem uma importância particular na educação. Gardner (1983), em sua teoria das inteligências múltiplas, argumenta que a música é uma das várias formas de inteligência, capaz de enriquecer o processo educacional ao engajar os alunos de maneiras que outras formas de instrução podem não conseguir. Eisner (2002) também defende a inclusão das artes, incluindo a música, no currículo escolar, argumentando que as artes são essenciais para o desenvolvimento completo do ser humano, promovendo habilidades de pensamento crítico e criatividade.

A música popular, como parte da "cultura de massa", reflete os valores e experiências cotidianas das "pessoas comuns" (Hall, 2016, p. 19). Nos últimos anos, o conceito de cultura expandiu-se para incluir o "modo de vida" de um povo, comunidade, nação ou grupo social, segundo uma definição antropológica de cultura. Nesse contexto, a música é uma ferramenta vital para entender e refletir a cultura de um grupo, sendo mais do que mero entretenimento, mas uma expressão profunda das experiências vividas.

Em conclusão, a música enquanto expressão da realidade cultural desempenha um papel crucial na produção e troca de significados dentro de uma sociedade. Utilizando sistemas simbólicos, ela representa ideias e sentimentos, ajudando a construir e transformar identidades culturais. Portanto, a música é uma ferramenta poderosa para compreender e refletir a cultura de um grupo ou sociedade, destacando-se como uma forma de arte essencial para a construção de uma compreensão mais profunda da realidade cultural.

2 *ANOTHER BRICK IN THE WALL*: UM GRITO DE RESISTÊNCIA CONTRA O AUTORITARISMO

A música "*Another Brick In The Wall*" (Mais Um Tijolo No Muro), da banda britânica Pink Floyd, é um dos maiores clássicos do rock e uma crítica contundente ao sistema educacional opressor e rígido. Lançada em 1979 no álbum "The Wall", tornou-se um hino de protesto contra a conformidade e a perda da individualidade, temas comuns na obra da banda. A letra, escrita pelo baixista Roger Waters, expressa a insatisfação com um sistema educacional percebido como uma tentativa de controle do pensamento e supressão da criatividade e expressão individual:

Mais Um Tijolo No Muro
Another Brick In The Wall
Nós não precisamos de nenhuma educação
We don't need no education
Nós não precisamos de nenhuma lavagem cerebral
We don't need no thought control
De nenhum sarcasmo velado na sala de aula
No dark sarcasm in the classroom
Professores, deixem as crianças em paz
Teacher, leave them kids alone
Ei! Professor! Deixe as crianças em paz!
Hey! Teacher! Leave them kids alone!
Em suma, é apenas mais um tijolo no muro
All in all, it's just another brick in the wall
Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro
All in all, you're just another brick in the wall
Nós não precisamos de nenhuma educação
We don't need no education
Nós não precisamos de nenhuma lavagem cerebral
We don't need no thought control
De nenhum sarcasmo velado na sala de aula
No dark sarcasm in the classroom
Professores, deixem as crianças em paz
Teachers, leave them kids alone

Ei! Professor! Nos deixe em paz!
Hey! Teacher! Leave us kids alone!
Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro
All in all, you're just another brick in the wall
Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro
All in all, you're just another brick in the wall
Errado, faça de novo!
Wrong, do it again!
Errado, faça de novo!
Wrong, do it again!
Se você não comer sua comida
If you don't eat your meat
Não terá nenhuma sobremesa!
You can't have any pudding!
Como você pode ter alguma sobremesa
How can you have any pudding
Se não come a sua comida?
If you don't eat your meat?
Você! Sim!
You! Yes!
Você, atrás das bicicletas!
You, behind the bike sheds!
Parado aí, rapazinho!
Stand still, laddie! (Pink Floyd, 1979, tradução nossa).

A letra da música "*Another Brick in the Wall*" (Pink Floyd, 1979) possui diversas interpretações simbólicas, uma vez que é composta por "três" cenários distintos, entretanto complementares, que favorecem uma análise crítica e criativa. A canção aborda uma série de temas importantes e serve como um protesto contra o sistema educacional, especialmente o da Inglaterra, além de tratar de questões relacionadas à ideologia, autoritarismo e sociedade.

Embora existam várias versões interpretativas da música "*Another Brick in the Wall*", este estudo se concentrará no autoritarismo e na docilização dos corpos no contexto educacional do "segundo cenário", pois é nele que a interação entre aluno e professor opressor acontece. Na

visão foucaultiana, a docilização dos corpos por intermédio da educação refere-se ao processo pelo qual instituições educacionais disciplinam e controlam os corpos dos indivíduos, moldando-os de acordo com normas sociais e comportamentais específicas (Foucault, 2014).

Foucault (2014), em sua obra "Vigiar e Punir", explora como as instituições modernas utilizam várias técnicas disciplinares para produzir corpos "dóceis" – corpos que são facilmente controlados e economicamente úteis. No clipe musical, a simbologia da frase "tudo era um tijolo no muro" se refere a padronização necessária na construção da sociedade, e, naquele caso, seria a padronização do "comportamento educacional" das crianças (Pink Floyd, 1979).

No contexto educacional, a docilização dos corpos envolve uma série de práticas e regulamentos que disciplinam tanto o comportamento quanto a aparência dos estudantes. Isso pode incluir o uso de uniformes, regras sobre cortes de cabelo, posturas corporais adequadas, e comportamentos esperados dentro da sala de aula. Através dessas práticas, as instituições educacionais não apenas transmitem conhecimento acadêmico, mas também inculcam normas de conduta e maneiras de ser que são socialmente desejáveis (Foucault, 2014).

Foucault (2014) argumenta que a educação é uma ferramenta poderosa na criação de indivíduos que se conformam às expectativas sociais e que internalizam formas de autocontrole e autovigilância. As técnicas disciplinares utilizadas nas escolas – como a organização do espaço (salas de aula em filas, horários rigorosos), a vigilância constante (professores e câmeras), e os exames (testes e avaliações constantes) – funcionam para treinar os corpos e mentes dos alunos. Essas técnicas visam transformar os alunos em sujeitos que se autocontrolam e que estão sempre cientes de serem observados, o que Foucault chama de "poder disciplinar".

Portanto, nessa perspectiva, a docilização dos corpos na educação é um processo pelo qual os alunos são moldados e controlados para se tornarem membros conformes da sociedade, aceitando e reproduzindo as normas e expectativas sociais impostas pelas instituições. No clipe musical, "*Another Brick in the Wall*" (Pink Floyd, 1979), a escola, enquanto instituição total, possui uma única função: dominar e docilizar os corpos dos alunos. Nesse sentido, as instituições totais, como definido por

Goffman (2015), são lugares onde indivíduos são isolados da sociedade mais ampla e submetidos a uma rígida rotina diária.

No contexto educacional, as escolas podem funcionar como instituições totais ao impor normas estritas sobre os estudantes, forçando-os a adotar comportamentos e características padronizadas que resultam na perda de sua individualidade. Tais práticas não apenas limitam a expressão pessoal, mas também reforçam a conformidade e a obediência, aspectos fundamentais para a manutenção da ordem e disciplina dentro do ambiente escolar (Goffman, 2015).

Essa padronização pode ser claramente observada na cena icônica do videoclipe de "*Another Brick in the Wall*", no qual crianças uniformizadas marcham em sincronia e se sentam em fileiras de carteiras escolares, obedecendo cegamente a um professor autoritário. Essa representação visual é uma poderosa crítica à forma como as escolas podem suprimir a individualidade dos alunos, transformando-os em "tijolos" uniformes em uma "parede" homogênea. A cena simboliza a docilização dos corpos e mentes, ilustrando como a educação, quando conduzida de maneira autoritária, pode desumanizar os estudantes, reduzindo-os a meros receptores passivos de instruções, em vez de incentivá-los a desenvolverem suas próprias ideias e personalidades.

O refrão "*We don't need no education*" (Nós não precisamos de nenhuma educação), não rejeita o aprendizado em si, mas critica a maneira como a educação é conduzida, com "*thought control*" e "*dark sarcasm in the classroom*", sugerindo um ambiente de aprendizado hostil e desmotivador.

Para Foucault (2014) o fenômeno descrito é típico do poder disciplinar, que é a capacidade das instituições de controlar e moldar o comportamento e os pensamentos dos indivíduos por meio de práticas normativas e de vigilância constante. Esse poder disciplinar é exercido de forma sutil e contínua, permeando todos os aspectos da vida cotidiana e transformando os corpos e mentes dos sujeitos em elementos dóceis e úteis para a sociedade.

A frase do videoclipe "*Another Brick in the Wall*" de Pink Floyd, em que as crianças gritam "não precisamos de nenhum controle de pensamento", ecoa essa crítica ao poder disciplinar. Essa frase representa uma

rejeição explícita ao controle mental e à conformidade forçada que as instituições educacionais impõem. As crianças, ao protestarem contra o controle de seus pensamentos, simbolizam uma resistência ao poder disciplinar que busca suprimir sua individualidade e liberdade intelectual, clamando por um ambiente educacional que permita a expressão autêntica e o desenvolvimento crítico.

Figura 01. Padronização de comportamento na cena do clipe musical Another Brick in the Wall.

Fonte: (Pink Floyd, 1979).

A letra da música apresenta uma crítica incisiva ao sistema educacional que busca controlar o comportamento e uniformizar o pensamento dos alunos. O modelo educacional criticado na canção não permite que os estudantes desenvolvam suas próprias formas de pensar, impondo-lhes conformidade e uniformidade. A letra destaca esta crítica com versos como "não precisamos de nenhuma educação", "não precisamos de nenhum controle de pensamento" e "chega de sarcasmo cruel na sala de aula" que enfatizam a rejeição à doutrinação e à manipulação mental. A música simboliza uma revolta e protesto dentro do ambiente escolar contra todas as formas de poder e autoritarismo, representando um chamado à resistência contra a opressão educacional (Pink Floyd, 1979).

Conforme destacado anteriormente, esse fenômeno de padronização do indivíduo é uma forma de "mortificação da identidade individual", forçando-o a se adaptar a novas regras de comportamento social (Goffman, 2015, p. 24). No videoclipe da música "Another Brick in the Wall", uma das cenas mais emblemáticas mostra crianças marchando em fila indiana rumo à morte, simbolizando que, sob sistemas autoritários, a morte é vista como uma condição de dignidade.

A repetição da frase "*Hey! Teacher! Leave them kids alone!*" (Ei! Professor! Deixe as crianças em paz!) é um grito de liberdade, pedindo aos professores que permitam que as crianças se desenvolvam sem a imposição de uma estrutura rígida e autoritária. O coro de crianças na música adiciona uma camada de ironia e reforça a mensagem contra a doutrinação (Pink Floyd, 1979).

Segundo uma investigação conduzida por médicos canadenses e divulgada pela Universidade de Cambridge, adolescentes que são criados sob a supervisão de pais excessivamente rígidos – compreendendo-se a rigidez não apenas como abuso físico, mas também como controle severo – apresentam uma redução significativa em duas estruturas cerebrais críticas para a regulação emocional: o córtex pré-frontal e a amígdala. Essa alteração estrutural os predispõe ao desenvolvimento de transtornos mentais. Conforme ressaltado pela neuropediatra Liubiana Arantes de Araújo, presidente do Departamento de Desenvolvimento da Sociedade Brasileira de Pediatria, a exposição prolongada ao "estresse tóxico" durante períodos críticos do desenvolvimento pode resultar em um aumento na incidência de problemas de relacionamento, diminuição da autoestima e, em casos extremos, conduzir à dependência química (Veja, 2021).

Adicionalmente, a reportagem aponta que adolescentes submetidos a regras extremamente rígidas e inflexíveis tendem a apresentar comportamentos introspectivos e dificuldades acentuadas de interação social. Em diversas situações, esses indivíduos podem adotar um comportamento dissociado, obedecendo aos pais dentro do ambiente doméstico, mas, fora de casa, agindo em contrariedade às normas impostas (Veja, 2021).

Importa salientar que não são apenas os pais com perfil autoritário que podem impactar negativamente o desenvolvimento emocional dos filhos; pais permissivos, que não impõem limites, e pais negligentes, que não oferecem a atenção necessária, também falham em proporcionar uma base emocional saudável.

A psicologia propõe o modelo de "autoridade afetiva" ou "modelo democrático" como o mais eficaz para o desenvolvimento emocional positivo. Este modelo se fundamenta no equilíbrio entre o estabelecimento de regras e limites e a manutenção de uma comunicação aberta e afetuosa, criando um ambiente que favorece o crescimento emocional seguro e equilibrado.

Este cenário reflete um grito insurgente contra uma educação fascista, caracterizada por educadores autoritários e hostis que desrespeitam as ideias dos alunos e evitam qualquer diálogo simétrico. O grupo de estudantes, mostrado como inquieto, transtornado e violento, manifesta sua recusa em ser subjugado por esse sistema opressor. Este grito imperativo de "liberdade" e "poder" é um protesto desesperado que visa chamar a atenção para os problemas inerentes ao sistema educacional. Em vez de serem aperfeiçoados, os alunos estão sendo moldados e padronizados, perdendo suas características individuais e sua capacidade de pensamento crítico e independente.

Figura 02. Autoritarismo em sala de aula na cena do clipe musical Another Brick in the Wall.

Fonte: (Pink Floyd, 1979).

Arendt (2012), em suas análises sobre o autoritarismo, discute como regimes autoritários buscam controlar não apenas as ações, mas também os pensamentos e comportamentos das pessoas, impondo uma conformidade rígida e eliminando a pluralidade e a individualidade. O autoritarismo, para Arendt, se caracteriza pela supressão da liberdade de expressão e pela imposição de uma ideologia única que deve ser aceita sem questionamento.

A frase na qual as crianças gritam "nada de sarcasmo em sala de aula", reflete essa crítica ao autoritarismo. Este grito pode ser visto como um repúdio ao ambiente opressivo e desrespeitoso mantido pelos educadores autoritários, que utilizam o sarcasmo como uma ferramenta de controle e humilhação. Em um contexto arendtiano, tal sarcasmo não é apenas uma expressão de desdém, mas uma manifestação do poder autoritário que visa desmoralizar e subjugá-los (Arendt, 2012).

Ao clamarem por "nada de sarcasmo em sala de aula", as crianças estão exigindo um ambiente educacional que respeite sua dignidade e individualidade, livre da opressão e do controle ideológico. Esta resistência se alinha com a visão de Arendt (2012) sobre a importância da liberdade de pensamento e da pluralidade como fundamentos de uma sociedade saudável e justa. Elas não apenas rejeitam o tratamento humilhante, mas também afirmam seu direito a um espaço onde suas ideias e individualidades possam florescer sem medo de repressão.

A expressão "*just another brick in the wall*" (apenas mais um tijolo no muro) simboliza a ideia de que o sistema educacional constrói uma barreira que aliena as pessoas de sua individualidade, transformando-as em componentes indistinguíveis de uma estrutura maior e mais opressiva. A seção falada ao final da música, onde uma voz autoritária repreende uma criança por não seguir as regras, ilustra de maneira contundente o autoritarismo e a ausência de empatia no ambiente escolar. Este cenário revela um sistema educacional que negligencia a humanização dos indivíduos, priorizando a conformidade às regras impostas sem questionamento, o que resulta na formação de sujeitos acríticos e desumanizados.

As ações mencionadas podem sugerir muitas características do autoritarismo, especialmente quando ocorrem na ausência de diálogo. Este cenário se manifesta quando nada pode ser discutido, o professor assume o papel central e não permite que o aluno se expresse ou con-

teste legitimamente. O aluno é forçado ao silêncio por meio de ameaças, e notas e reprovações são utilizadas como instrumentos de retaliação, servindo para agredir, criticar, ridicularizar, ironizar e manipular as atividades. Tais práticas exemplificam o autoritarismo em sua forma mais clara e, sem dúvida, enfraquecem a relação entre professor e aluno (Furlani, 1999, p. 45-48).

Cabe ao professor, por meio da metodologia mais adequada à realidade em que atua, mostrar aos alunos que o termo "autoridade" não deve ser percebido como uma forma de privação de seus direitos individuais ou coletivos. É importante que os alunos entendam que receber uma ordem não implica a perda de sua autonomia, mas sim que alguém confia em seu potencial e espera resultados positivos. O educador deve ser visto como um líder que busca identificar e potencializar os pontos fortes dos alunos. Educador e educando, juntos, enfrentam a difícil tarefa de fazer escolhas, traçar novos caminhos, definir objetivos e estipular metas, aprendendo a lidar com esses desafios de forma positiva e utilizando-os como ferramentas para seu desenvolvimento (Nascimento, 2009, p. 4).

Autoritarismo e autoridade, entendidos nessas duas dimensões, são conceitos distintos. O autoritarismo está associado ao arbítrio e a práticas antidemocráticas e antissociais. Em contraste, a autoridade refere-se a uma prática pró-social que visa ajudar o ser humano a compreender as normas estabelecidas pela sociedade, julgar sua legitimidade e avançar no sentido de tornar a vida em sociedade mais humana e democrática (Nascimento, 2009, p. 6).

Essa abordagem pedagógica se aproxima muito da concepção bancária da educação abordada por Freire (2021), onde o educador deposita conhecimento nos alunos de maneira unilateral, sem promover um verdadeiro diálogo ou interação crítica:

> Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos

> é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (Freire, 2021, p. 80).

Segundo Freire (2009), na perspectiva "bancária" da educação, o conhecimento é transferido de forma unilateral por aqueles que se consideram os únicos detentores do saber para aqueles que são vistos como desprovidos dele. Essa abordagem, marcada pela arrogância de muitos educadores, resulta na perda de oportunidades valiosas de conexão e aprendizado mútuo entre professores e alunos.

A educação, quando utilizada como uma ferramenta de libertação, deve educar não apenas as crianças, mas também as massas, promovendo uma educação popular que restitua o direito ao conhecimento daqueles que foram privados dele. Embora esta tarefa não seja simples ou rápida, é essencial e deve ser desenvolvida gradualmente. A educação popular deve ser um processo contínuo, capaz de transformar uma "consciência ingênua" em uma "consciência crítica", capacitando os indivíduos a questionar e desafiar as estruturas de poder e opressão que moldam suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar como a educação é retratada como um processo de docilização dos corpos a partir da música "*Another Brick in the Wall*" de Pink Floyd, utilizando as teorias de Michel Foucault sobre poder disciplinar, as análises de Erving Goffman sobre instituições totais e as reflexões de Hannah Arendt sobre autoritarismo, bem como as críticas de Paulo Freire sobre a educação.

A partir das teorias de Foucault, foi possível compreender como as escolas funcionam como locais de poder disciplinar, onde técnicas de vigilância, controle e regulamentação do comportamento são utilizadas para moldar os alunos. Foucault argumenta que essas instituições têm a capacidade de produzir corpos dóceis e úteis, conformando os indivíduos às normas sociais estabelecidas. A música de Pink Floyd retrata este controle, exemplificando a imposição de uniformidade e a supressão da individualidade nas práticas educacionais, como visto na cena do videoclipe onde as crianças marcham em fila indiana, obedecendo cegamente a um professor autoritário.

Goffman, em sua análise das instituições totais, nos oferece uma perspectiva sobre como as escolas podem padronizar os indivíduos, mortificando suas identidades e forçando-os a se conformarem a novas regras de comportamento. A cena das crianças uniformizadas e robotizadas no videoclipe de "*Another Brick in the Wall*" ilustra esse processo de padronização, onde a educação não promove a individualidade, mas sim a conformidade.

Arendt contribui para a compreensão do autoritarismo nas práticas educacionais. Segundo a autora, regimes autoritários buscam eliminar a pluralidade e a liberdade de pensamento, impondo uma ideologia única. A frase "nada de sarcasmo em sala de aula" gritada pelas crianças no videoclipe exemplifica a resistência contra um ambiente educacional opressivo, onde o sarcasmo e a humilhação são usados como ferramentas de controle e subjugação.

Freire, por sua vez, critica a abordagem "bancária" da educação, onde o conhecimento é depositado unilateralmente nos alunos sem promover o diálogo ou a crítica. Ele defende uma educação libertadora que desenvolva a consciência crítica dos alunos, capacitando-os a questionar e transformar a realidade. A música de Pink Floyd, com seu grito de liberdade e rejeição ao controle de pensamento, ecoa a visão de Freire sobre a necessidade de uma educação que promova a autonomia e o pensamento crítico.

Em síntese, as práticas educacionais descritas na música "*Another Brick in the Wall*" refletem um processo de padronização e controle autoritário que nega a individualidade e a liberdade de pensamento dos alunos. As análises de Foucault, Goffman, Arendt e Freire oferecem um quadro teórico robusto para entender esses fenômenos e destacam a importância de repensar as práticas educacionais para promover uma educação mais democrática, crítica e emancipadora. Este estudo sublinha a necessidade urgente de transformar a educação, para que ela deixe de ser um instrumento de opressão e passe a ser uma ferramenta de libertação e desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A origem do totalitarismo:** antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução: Roberto Raposo: São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

EISNER, Elliot. The arts and the creation of mind. New Haven: Yale University Press, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do professor**: meta, mito ou nada disso? 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GARDNER, Howard. Frames of mind: the theory of multiple intelligences. New York: Basic Books, 1983.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução: Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

NASCIMENTO, Alex Sandro Alves do. As relações de poder na escola: o canto da contestação na música Another brick in the Wall, de Pink Floyd. **Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural:** diálogos de gerações, 2009.

PINK FLOYD. **Another Brick in the Wall**. Reino Unido, 1979. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ueN8OSGJetc. Acesso em: 13 maio 2024.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Tradução: Pedro Süssekind. Porto Alegre: L&PM, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathyn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VEJA. **Criação muito rígida pode provocar graves efeitos emocionais nos filhos.** 2021. Disponível em: https://veja.abril.com.br/saude/criacao-muito-rigida-pode-provocar-graves-efeitos-emocionais-nos-filhos. Acesso em: 20 ago. 2024.

ALUNOS NO LEGISLATIVO: A COMUNICAÇÃO PÚBLICA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA NA CÂMARA MUNICIPAL DE BRUSQUE

Talita Garcia[1]

INTRODUÇÃO

Educar para a cidadania[2] é como firmar um pacto de responsabilidade social para com as futuras gerações e a coletividade do lugar onde se vive. É vislumbrar um futuro mais inclusivo, plural e diverso. Com esse propósito, há pelo menos uma década, a Câmara Municipal de Brusque se compromete a proporcionar a estudantes do Ensino Fundamental das redes pública e privada de Educação momentos de ensino e aprendizagem nas dependências da casa legislativa, por meio do programa Alunos no Legislativo.

Se nos primeiros anos a recepção às turmas acontecia em atendimento aos pedidos que chegavam espontaneamente das escolas, hoje, o projeto é anunciado pela propaganda institucional em jornais impressos, rádios e internet, nos portais noticiosos e nas mídias sociais. Direcionadas a professores e gestores escolares, as peças publicitárias convidam a escola a conhecer a Câmara – "Conhecer para Transformar", como prediz o slogan da última campanha de divulgação. A competência de planejar, coordenar e executar as visitas é das jornalistas do Setor de Comunicação e Tecnologia da Informação, sob a supervisão do diretor geral da Câmara, Jefferson Silveira, que sucedeu a Rogério Gamba no cargo, diretor que viu nascer a iniciativa. Cada visita dura, em média, de 45 a 60 minutos, e tem como público-alvo turmas que estejam aprendendo as diferenças e relações estabelecidas entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

[1] Titular da cadeira nº 09 na Academia de Letras do Brasil de Brusque.

[2] Nas palavras do jurista Dalmo de Abreu Dallari (2009, p. 22, *apud* ABCPública, Aberje, 2020, p. 26), "cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social".

Figura 1 – Simulação de uma sessão ordinária com estudantes da Escola SESI de Brusque.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo (2019).

Em julho de 2019, o Alunos no Legislativo foi institucionalizado com a promulgação da Lei nº 4.225/2019[3]. A proposição partiu do vereador Ivan Roberto Martins, que meses antes apresentara à Câmara o Projeto de Lei nº 72/2018, deliberado em dois turnos pelos vereadores da Legislatura 2017-2020. A norma elenca os objetivos do programa – conforme as práticas que já ocorriam, e prevê a sua avaliação e aperfeiçoamento.

Durante a sessão ordinária de 18 de junho daquele ano, data em que o PL de Martins foi discutido e votado pela primeira vez, o parlamentar ocupou a tribuna e, em pronunciamento, argumentou:

> Esse projeto [...] tem um alcance de despertar, ou tentar pelo menos despertar, o civismo aqui no nosso município e, consequentemente, em nosso país. Nós estamos vendo que [...] o brasileiro não tem mais tanto orgulho assim do país como tinha antigamente e a grande maioria da população nem o hino nacional conhece. E agora, nesta nova fase do governo [federal], que vem para modificar tudo o que aí está, nós temos que logicamente dar a

[3] Disponível em https://is.gd/FTCohX. Acesso em: 09 ago. 2024.

> nossa participação [...]. Já apresentamos outros projetos, que hoje já são leis, no sentido de ajudar o resgate da cidadania e este vem na mesma esteira.[4] (Martins, 2019).

Ao citar os objetivos do programa, ele ressaltou o inciso III do artigo 3º da Lei nº 4.225/2019, "identificar as funções do Vereador":

> [...] muitas vezes, a função do vereador [...] é mal interpretada. Muitas e muitas vezes, pessoas acham ou entendem que nós, vereadores, somos funcionários da Prefeitura, coisa que não tem nada a ver. Nós somos de um poder independente, nós somos do Poder Legislativo e a Prefeitura é o Poder Executivo. Então, é importante que desde jovem, desde criança, já aprendam essa diferença, para futuramente nós termos um pessoal mais politizado. [...] É importante que as crianças conheçam o Poder Legislativo porque tem um ditado que diz que 'ninguém ama o que não conhece'. Então, por isso que nós temos que levar essa informação, para que eles possam amar o Brasil como nós gostaríamos que o nosso país fosse amado.[5] (Martins, 2019).

Este artigo procura situar o Alunos no Legislativo sob a ótica da Comunicação Pública e como instrumento institucional de apoio à educação para a cidadania; descreve as etapas do atendimento em vigência; registra ocasiões de atendimento a públicos adultos de distintos níveis de instrução escolar; relaciona a atividade com as competências socioemocionais listadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); e, por fim, tece considerações a respeito das perspectivas de aprimoramento do programa.

O PROGRAMA SOB A ÓTICA DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA

O programa Alunos no Legislativo se alinha às mais contemporâneas definições cunhadas no Brasil para o termo Comunicação Pública. Para a Associação Brasileira de Comunicação Pública (ABCPública), que reúne e representa comunicadores da área pública governamental e do terceiro setor, a Comunicação Pública é:

[4] MARTINS, I. R. Brusque, 18 jun. 2019. Pronunciamento proferido na Câmara Municipal de Brusque. Disponível em: https://is.gd/euHRwi. Acesso em: 02 set. 2024.

[5] Idem, ibidem.

> [...] a que assume a perspectiva cidadã na comunicação envolvendo temas de interesse coletivo. Diz respeito ao diálogo, à informação e ao relacionamento cotidiano das instituições públicas com o cidadão. Destina-se a garantir o exercício da cidadania, o acesso aos serviços e às informações de interesse público, a transparência e a prestação de contas. Ocorre no ambiente de informação e interação envolvendo Estado, Governo e Sociedade Civil. Zela pelos princípios constitucionais e democráticos. A existência de recursos públicos ou de interesse público caracteriza a necessidade de atendimento às exigências da comunicação pública. (ABCPública, 2021, p. 10).

Como partícipe desse projeto desde outubro de 2014 – quando mediante aprovação em concurso público tomou posse do cargo de jornalista na Câmara Municipal – esta autora, numa livre análise, avalia que o Alunos no Legislativo respeita, dentre os 12 Princípios da Comunicação Pública (ABCPública, (2024)[6], especialmente os seguintes:

1. Garantir o acesso amplo à informação: as apresentações se valem de meios plurais (explanação oral, exibição de vídeos, distribuição de cartilhas, dinâmica prática e conversa em linguajar simples) para garantir o pleno acesso e a compreensão da informação pelo público-alvo;
2. Fomentar o diálogo: com o entendimento de que informação e diálogo são direitos individuais e patrimônio social, bases para o exercício da cidadania, o programa procura criar espaços para interlocução multidirecional e estimular a formação para uma cidadania ativa, informada e participativa;
3. Promover os direitos e a democracia: com abordagens sobre o direito ao voto, a participação ativa na política, o direito de se candidatar a cargos eletivos, ou, ainda, a respeito de fatos sobre a eleição de mulheres para a Câmara, por exemplo, o programa contribui para a promoção dos direitos humanos, constitucionais e sociais, a democracia, o diálogo, a equidade, a diversidade e o exercício da cidadania;
4. Ouvir a sociedade: neste caso, particularmente, as crianças. O programa atua como uma ouvidoria e colabora para que a

[6] Disponível em: https://is.gd/h07Wir. Acesso em: 16 ago. 2024.

Câmara receba, compreenda e atenda aos interesses e anseios também desse público;

5. Focar no cidadão: o Alunos no Legislativo busca adotar a perspectiva dos estudantes, adaptando as informações ao seu nível de conhecimento e suas possibilidades. Exemplo disso acontece quando se explica às crianças que é responsabilidade do prefeito providenciar reformas e manutenções nas escolas municipais e que, para isso, o chefe do Executivo faz uso de dinheiro público;
6. Garantir a impessoalidade: a Comunicação Pública precisa ser blindada de interesses particulares, eleitorais e de promoção pessoal. O cuidado com esse aspecto fica evidente, por exemplo, no convite que é encaminhado aos vereadores para que se façam presentes nas recepções e prossegue ao longo das apresentações, quando a citação de nomes de políticos está sempre relacionada a fatos, ao cargo que ocupam na Mesa Diretora ou a outras situações em que tal menção é indispensável.

Figura 2 – A jornalista Aline P. Bortoluzzi e o vereador Cassiano Tavares com alunos da Escola de Ensino Fundamental Padre Vendelino Wiemes.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo (2024).

Figura 3 – A autora deste artigo, Talita Garcia, recepciona turma da Escola de Ensino Fundamental Nova Brasília.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo (2018).

Ao zelar por esses princípios, fomenta-se a visão de que inspirar jovens estudantes para uma cidadania consciente e ativa é imprescindível para a consolidação da democracia brasileira.

Em depoimento à autora, a jornalista Aline Polzin Bortoluzzi, que desde agosto de 2018 integra o Setor de Comunicação da Câmara, tendo coassumido o Alunos no Legislativo desde então, expressou a interpretação particular que faz do programa:

> Poucas vezes é viável estar fisicamente nos lugares dos quais tratam os livros escolares, como os de História ou Geografia, por exemplo. São espaços distantes, inacessíveis ou até mesmo extintos, o que pode dificultar o entendimento de estudantes sobre o assunto abordado. No caso do aprendizado sobre o Poder Legislativo municipal, a distância diminui e abre-se a possibilidade para que os alunos estejam não só visitando o prédio da cidade que o sedia, como tenham a oportunidade do contato direto com os atores que lideram esta parte do processo democrático: os vereadores. Ver os estudantes durante a visita fazendo perguntas à equipe de servidores ou aos parlamentares, desde a curiosidade mais simples aos questionamentos complexos, é presenciar o apren-

> dizado acontecendo de forma natural e palpável. Não é somente a teoria da sala de aula, é a sinapse do assunto estudado acontecendo em sua frente. Neste sentido, o projeto entrega o seu maior valor: abre as portas da Casa Legislativa e contribui para a educação e o futuro da nossa comunidade.[7] (Bortoluzzi, 2024, n.p).

Já a jornalista Ana Roberta Eccel Venturelli, que atuou na Câmara em três períodos (01/06/2007-07/01/2013, 14/01/2013-31/03/2015 e 09/06/2016-09/01/2017), também em depoimento à autora, afirmou que:

> Coordenar o programa e estar em contato direto com os estudantes foi uma experiência enriquecedora e gratificante. Perceber no olhar dos alunos a curiosidade em descobrir algo novo e a satisfação deles em agregar conhecimento e, principalmente, o desejo em se tornarem cidadãos atuantes e participativos, fez com que o projeto se fortalecesse e atingisse seus objetivos, vindo a ser reconhecido com o Selo Social por alguns anos.[8] (Venturelli, 2024, n.p).

Os testemunhos dão conta de como as próprias jornalistas significam o Alunos no Legislativo para a comunidade local e em sua própria trajetória enquanto servidoras do Legislativo brusquense. A afetividade que transparece nesses relatos é primordial para que, por meio da mediação delas, os alunos também sejam capazes significar os conteúdos, que de outro modo seriam facilmente esquecidos.

Os benefícios sociais advindos da sistematização dessa prática podem não ser mensuráveis em números, já que miram num bem comum abstrato - a participação cidadã, crítica e consciente - mas se tornam tangíveis à medida que se testemunha o despontar da curiosidade que instiga meninos e meninas a questionar, estudar e ampliar sua compreensão sobre os temas com os quais tiveram contato na casa legislativa.

ESTRUTURA DO ATENDIMENTO

O Programa Alunos no Legislativo já atendeu centenas de estudantes no decorrer dos anos e continua a receber frequentemente pedidos

[7] BORTOLUZZI, A. P. **Depoimento sobre o programa Alunos no Legislativo** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <talita@camarabrusque.sc.gov.br>. 03 set. 2024.

[8] VENTURELLI, A. R. E. **Depoimento sobre o programa Alunos no Legislativo** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <talita@camarabrusque.sc.gov.br>. 06 set. 2024.

por visitação à Câmara. Por isso, para que as ações seguissem de maneira padronizada, um fluxo de trabalho foi estabelecido pelas jornalistas. Ainda que a ordem das atividades possa sofrer alterações, a depender, por exemplo, do número de alunos da turma visitante ou do tempo que professores e alunos estarão disponíveis até precisarem retornar à escola, a estrutura de atendimento do programa costuma seguir um protocolo que inclui:

Agendamento

Para agendar a visitação de uma turma, o professor, coordenador ou diretor escolar deve acessar o site http://www.camarabrusque.sc.gov.br e clicar no web-banner em destaque na página principal. Essa ação o levará à página do Alunos no Legislativo, onde ele encontrará um requerimento específico de agendamento, que deve ser preenchido e enviado pelo botão respectivo para essa finalidade. O requerimento é recebido pela equipe de Comunicação por meio do e-mail alunos@camarabrusque.sc.gov.br, pelo qual também são respondidas as mensagens das escolas com a confirmação do agendamento da visita ou a indicação de uma data alternativa, se for preciso.

Na mesma página, constam explicações sobre o funcionamento do programa e vídeos produzidos pela Câmara que podem ser usados como materiais de apoio ao processo de ensino-aprendizagem, como documentários e a série Minuto Legislativo.

Figura 4 – Peça da última campanha de divulgação do programa Alunos no Legislativo.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo.

Recepção e Apresentação

Os grupos costumam chegar à Câmara, na rua Eduardo von Büettner, entre a Prefeitura e o Fórum da Comarca de Brusque, na data e horário agendados, quando são recebidos pelas jornalistas no hall da casa legislativa e convidados a subir até o piso superior, onde está localizada a Sala das Sessões ou Plenário. Os alunos são convidados a tomarem assento nas poltronas da galeria destinadas a visitantes e ocupadas, em regra, por cidadãos que frequentam a Câmara para assistir às sessões ordinárias ou por convidados, quando da realização de sessões solenes.

Primeiro, a turma visitante é convidada a observar atentamente o Plenário – "o espaço mais nobre da Câmara, onde os vereadores, representantes eleitos da cidade de Brusque, debatem ideias para o presente e o futuro da cidade". A partir daí, o conteúdo apresentado versa sobre a importância de cada elemento presente nesse ambiente e que tem relação com as sessões ordinárias ou com a história da Câmara, como a tribuna, as bancadas dos vereadores, a Mesa Diretora, a Sala de Imprensa, o estúdio da Web TV, a Galeria de Presidentes, a Galeria das Vereadoras etc.

A conversa prossegue com tópicos sobre legislação eleitoral (requisitos para quem deseja se candidatar ao cargo de vereador), duração de um mandato, funções dos vereadores (legislar, fiscalizar, julgar as contas do prefeito), proposições que os parlamentares podem apresentar na Câmara (requerimentos, pedidos de informação, moções, indicações), formulação e trâmite de projetos de lei, além da importância do voto. Os alunos são ensinados, ainda, sobre as diferenças entre os poderes constituídos, a dinâmica de uma sessão ordinária, o uso da tribuna, dentre outros pontos.

Então, são exibidos nos telões do plenário os perfis oficiais da Câmara nas mídias sociais Instagram (@camarabrusque), Facebook (@brusque.camara) e Youtube (@camarabrusque), e o site institucional do legislativo brusquense, com destaque para seções como "Ouvidoria"; "Biografia, Atividades e Mandatos" dos vereadores; "Dê Nome à Sua Rua", "Atividades Legislativas" e "Notícias". O ciclo encerra com provocações à participação: as crianças são motivadas a questionar os assuntos aprendidos e a compartilhar experiências pregressas com o Legislativo.

Na figura 5, uma professora aponta a alunos a Galeria dos Presidentes. Esse mural contém retratos de todos os ex-presidentes da Câmara de Brusque desde a 1ª Legislatura após o Estado Novo (1937-1945), com Guilherme Renaux (presidente de 31/10/1948 - 31/01/1950), e deve ser atualizado sempre que um vereador encerra sua gestão no cargo. Como lugar de memória e homenagem, aguça a curiosidade das crianças.

Figura 5 – Professora aponta a Galeria dos Presidentes a alunos da Escola de Ensino Fundamental Profª Isaura Gouvêa Gevaerd.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo (2016).

Para elas, antes da visita à casa legislativa, alguns nomes populares na região – como Alexandre Merico (presidente de 01/02/1969 a 31/01/1970) e Carlos Boos (presidente de 01/02/1960 - 31/01/1961) – eram mais facilmente associados a ruas, praças, escolas e outros locais públicos. Eles passam, então, a ter rosto, fisionomia e parte de sua trajetória de vida ligada à história do município. Entre os presidentes mais contemporâneos, há os que, com frequência, são reconhecidos por exercerem a profissão de professor, como Guilherme Marchewsky (presidente de 01/01/2013 a 31/12/2014). Recentemente – talvez como desdobramento da evidência conferida a questões sobre equidade

de gênero, diversidade e inclusão – olhares atentos não deixam passar despercebido que só uma mulher, Paulina Coelho Härle (vereadora em três legislaturas e presidente da Câmara de 02/07/2008 a 31/12/2008), aparece nessa galeria. Muitas vezes, esse fato é espontaneamente citado por alguma criança e torna-se um disparador de comentários, perguntas e interesses que requerem mediação, com a contextualização de fatos determinantes para a participação política feminina no Brasil, como a conquista do direito das mulheres ao voto, datada de 1932, e o tensionamento de paradigmas do senso comum, como acreditar que "política é coisa de homem", entre outros.

Minuto Legislativo

A visitação tem continuidade com a exibição de vídeos selecionados da websérie Minuto Legislativo, produzida pelo Setor de Comunicação a fim de popularizar, de forma didática, vocabulário, procedimentos e normas afins ao dia a dia da Câmara. O público-alvo desse trabalho são quaisquer cidadãos leigos na matéria e com interesse em aprender sobre os assuntos pautados em cada episódio da produção: Ep. 1 - Diferenças entre Executivo, Legislativo e Judiciário; Ep. 2 - Como os vereadores são eleitos e quais são as suas funções; Ep. 3: O que é e como funciona uma sessão ordinária; Ep. 4: Projeto de Lei - Da elaboração à votação; Ep. 5: De onde vêm os Projetos de Lei?; Ep. 6: O que são requerimentos, moções, pedidos de informação e indicações?; Ep. 7: O papel das bancadas e das lideranças partidárias; Ep. 8: Comissão parlamentar, comissão especial e CPI; e Ep. 9: História da Câmara Municipal de Brusque. Todo o conteúdo está disponível no canal da Câmara no Youtube.

Figura 6 – Identidade visual da série Minuto Legislativo.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo.

Conversa com vereadores

A hora do encontro com os vereadores gera expectativa. Algumas crianças, quando já têm a informação prévia de que poderão conhecer pessoalmente um ou mais representantes da cidade, preparam com antecedência as perguntas que gostariam de fazer a eles ou a alguém especificamente. As turmas que estiveram na Câmara em 2024, até meados do mês de agosto, apresentaram especial interesse em saber quais os valores das remunerações do prefeito e dos vereadores e quantas horas por dia um vereador costuma trabalhar nessa função. A resposta à primeira pergunta é objetiva e requer uma breve consulta aos portais de transparência da Prefeitura e da Câmara. Já em relação ao segundo questionamento, explica-se para os alunos que, obrigatoriamente, o vereador precisa comparecer às sessões ordinárias e extraordinárias da

casa legislativa, sob pena de ter sua remuneração proporcionalmente reduzida por faltas injustificadas. Fora isso, o parlamentar tem livre arbítrio para conciliar a vereança com outras atividades profissionais e pessoais, decidindo ele próprio sobre os horários em que estará na Câmara ou em outro local para atender a população, participar de ações de fiscalização do Executivo, eventos afins à vida pública etc. Há vereadores que são comerciantes, professores, médicos, advogados, servidores públicos, entre outras ocupações, e que, ao longo do mandato, permanecem atuando na atividade que desempenhavam antes da eleição, mas também há os que prefiram se dedicar exclusivamente à Câmara. Logo, pode variar bastante o tempo diário que cada representante dedica ao mandato, o que não implica necessariamente na qualidade do serviço que ele ou ela presta à população.

Outros questionamentos que costumam aparecer nessas conversas são: "Como é ser um vereador?", "Você gosta de ser vereador?" e "Quantas leis você já fez?". Eis, neste último exemplo, uma nova ocasião para se mediar conhecimento, quando se procura explicar que, embora os projetos de lei sejam a produção legislativa comumente mais notória, não são a única, já que o vereador pode agir também por meio de requerimentos, pedidos de informação, indicações, moções e até anteprojetos de lei.

Na presença de vereadores durante a visitação, é comum ainda que os alunos se sintam confortáveis para contar situações enfrentadas na rua, no bairro onde vivem ou na escola em que estudam. A escuta atenta desses relatos potencializa a abordagem de questões ainda não trabalhadas na visita e o esclarecimento de equívocos quanto às responsabilidades legais do Executivo, do Legislativo e do Judiciário.

Figura 7 – O vereador Guilherme Marchewsky e a jornalista Ana Roberta E. Venturelli recebem a Escola de Educação Básica Mosenhor Gregório Locks.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo (2014).

Figura 8 – Vereadores Ana Helena Boos e Ivan R. Martins com alunos da Escola de Ensino Fundamental Profª Augusta Dutra de Souza.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo (2017).

Na véspera de cada visita, as jornalistas enviam no grupo de WhatsApp da legislatura um convite extensivo a todos os parlamentares para que se dirijam até o plenário, aqueles que tiverem disponibilidade e assim o quiserem, na data e hora indicadas. É consenso entre os participantes que não se trata com as crianças de política partidária – sem qualquer demérito à prática, que é parte legítima do processo democrático –, mas procura-se manter o foco na representação popular que compete ao vereador, suas atribuições, os meios dos quais ele dispõe para se relacionar com a Prefeitura e outros órgãos públicos, os aprendizados adquiridos com a campanha, a eleição, a reeleição (quando se aplica) e o exercício do mandato. A escolha se ampara no entendimento de que, em geral, essas são as primeiras informações que as crianças irão receber sobre o funcionamento da democracia representativa, logo, as explanações devem prezar por bases teóricas e levar em conta a faixa etária do público-alvo do programa.

Prática em plenário

Para que as crianças experimentem na prática a dinâmica de um debate parlamentar, o Alunos no Legislativo tem recorrido à teatralização de uma sessão ordinária. Nessa atividade, como num jogo teatral, meninas e meninos são convidados a assumirem o protagonismo no Plenário, a se tornarem vereadoras e vereadores de Brusque por alguns instantes. Dentre os estudantes, quinze voluntários precisam se prontificar a participar da brincadeira, enquanto os demais farão o papel da comunidade, acompanhando a reunião na galeria e escutando as propostas expostas pelos colegas.

A primeira tarefa do grupo "eleito" é decidir, com respeito e moderação, quem dentre eles assumirá a presidência da Câmara, bem como quem o acompanhará como vice-presidente, 1º secretário e 2º secretário. Os quatro tomarão assento na Mesa Diretora e os outros onze ocuparão as bancadas à frente dela. O presidente é orientado a tocar a sineta e abrir os trabalhos, passando em seguida a palavra a seus pares. Aí, não raro se testemunha a empolgação vencer a timidez e as crianças se revezarem para falar na tribuna, livremente, sobre assuntos que consideram importantes. Quem concorda ou discorda do orador da vez pode se manifestar no microfone destinado aos apartes e a discussão pode ganhar novo rumo, sob a influência de outros pontos de vista.

Figura 9 – Alunos da Escola de Educação Básica Feliciano Pires reunidos para escolher qual deles será o presidente da Câmara.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo (2019).

O objetivo desse jogo, uma prática ativa de aprendizagem, é ensaiar não só um possível exercício futuro da vereança, mas uma conduta que respeita o diálogo, o olhar do outro, preza por ouvir com atenção e responder com educação, que reconhece e valoriza a diversidade de ideias e pensamentos a fim de enriquecer o debate e mirar o interesse e o bem-estar coletivos.

Cartilhas

Cada criança que conhece a Câmara de Brusque ganha uma cartilha com conteúdo especialmente produzido para o público-alvo do programa. Conforme a edição, o aluno encontra em linguagem simples e acessível – com grifos, fotos e ilustrações – assuntos abordados na visitação e textos complementares sobre, por exemplo, os órgãos da Câmara, as definições de legislatura, lei orgânica, comissões parlamentares e os tipos de reuniões do Legislativo.

Nas últimas páginas, as cartilhas trazem atividades como caça-palavras, jogo dos sete erros, cruzadinha e labirinto. Há também espaço para o hino municipal, a bandeira e o brasão do município para ser colorido, com explicações sobre os elementos e o significado das cores que o

compõem. A orientação é que os exercícios sirvam de complemento às aulas ministradas nas escolas ou de passatempo entre a criança e seus familiares e amigos.

Figura 10 – Cartilha desenvolvida pela equipe de comunicação da Câmara de Brusque com foco nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Digitalizado do original.

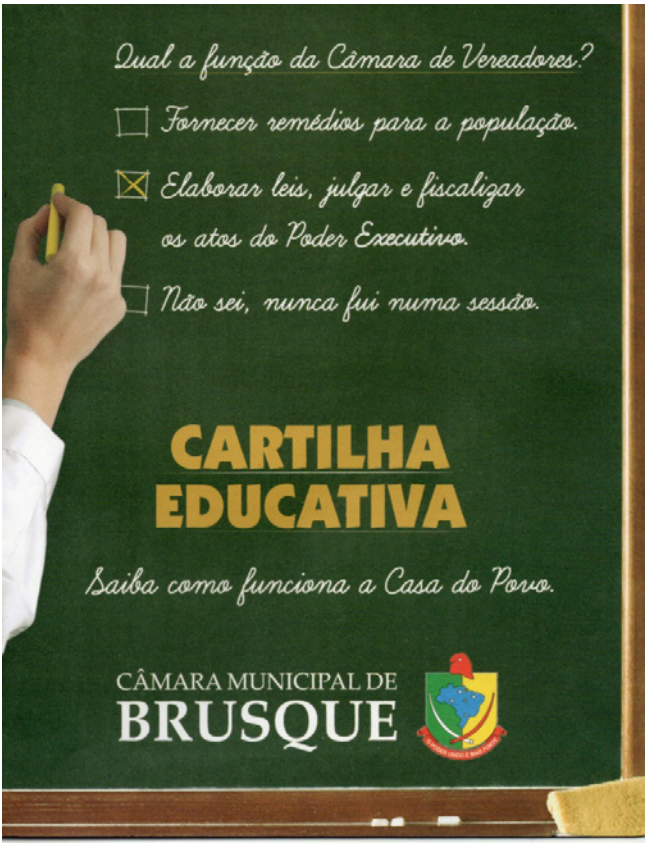
Venturelli (2024, n.p)[9] compartilha lembranças que recuperam o contexto de elaboração da primeira cartilha produzida pela Câmara:

> Enquanto jornalista e assessora de Comunicação da Câmara de Vereadores de Brusque, participei do desenvolvimento de alguns projetos sociais que atendiam aos ODS, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Um deles se chamava Educação para a Cidadania, iniciativa que buscava aproximar o Legislativo das escolas e, principalmente, contribuir para a formação política dos estudantes. O projeto começou a ser pensado em 2011, no mandato que tinha como presidente o vereador Celso Carlos Emydio da Silva. Uma cartilha educativa foi elaborada especialmente para auxiliar no processo

[9] VENTURELLI, A. R. E. **Depoimento sobre o programa Alunos no Legislativo** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <talita@camarabrusque.sc.gov.br>. 06 set. 2024.

de ensino-aprendizagem de estudantes da rede pública e privada de ensino quanto ao assunto cidadania. [...] O lançamento da cartilha aconteceu no início de 2012, enquanto o vereador Roberto Pedro Prudêncio Neto atuava como presidente interino. Logo, a publicação passou a ser distribuída pelas escolas com a proposta de que os educadores, após trabalharem o conteúdo em sala de aula, promovessem uma visita dos estudantes ao Poder Legislativo e, na oportunidade, os alunos apresentassem suas opiniões e reivindicações, exercendo, assim, sua cidadania. (Venturelli, 2024, n.p).

Figura 11 – Primeira cartilha desenvolvida pela equipe de comunicação da Câmara de Brusque.



Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Digitalizado do original.

Atualmente, esses materiais são entregues aos alunos pouco antes do encerramento da visitação, que é finalizada com uma fotografia da turma no plenário ou em frente à fachada da Câmara. Depois, é de praxe que o Setor de Comunicação selecione, edite e envie fotos da visita e links de materiais de apoio aos professores, noticie a visita no site e nas mídias sociais do Legislativo e, eventualmente, dê encaminhamento a cartas deixadas pelos estudantes com pedidos aos vereadores.

ALUNOS NO LEGISLATIVO E A BNCC

Imagens como a da simulação da eleição do presidente (fig.9) e de uma sessão ordinária (figs. 1 e 12) são sugestivas de como o Alunos no Legislativo, para além de ser um programa de Comunicação Pública voltado ao público infanto-juvenil, pode contribuir para a exploração de algumas das competências socioemocionais gerais citadas na BNCC, "que pretendem assegurar [...] uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva". (BNCC, 2017, p. 25).

Como práticas pedagógicas orientadas, essas atividades coletivas não só conduzem à expressão de ideias e pensamentos, mas favorecem a intuição, a criatividade, a imaginação; potencializam o pensamento crítico, a argumentação, o sentido ético, a convivência social, o relacionamento interpessoal, a liderança, a tolerância, a cooperação, o trabalho em equipe, a gestão de conflitos, a superação de desafios, dentre outros domínios.

Figura 12 – Alunos da Escola de Ensino Fundamental Prefeito Alexandre Merico praticam o uso da tribuna (ao fundo) e do aparte.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo (2019).

Se consideradas desde a recepção das crianças até a exploração em sala de aula do conteúdo das cartilhas distribuídas na visita à Câmara, entende-se que o programa se alinha às seguintes competências socioemocionais listadas pela BNCC (2017, p. 9-10):

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital, para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas;

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conheci-

mentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo;

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva;

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta;

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza;

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

VISITAS DA EJA E DE UNIVERSITÁRIOS

Embora a lei estabeleça que o público-alvo do Alunos no Legislativo são alunos do Ensino Fundamental, o programa já atendeu turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e universitários. A visitação de adultos exige adaptar a forma das abordagens, que pode ser mais ou menos elástica a depender do nível de instrução escolar dos visitantes.

Figura 13 – A vereadora Marlina Oliveira em recepção a acadêmicos do Curso de Administração da UNIFEBE.

Fonte: Câmara Municipal de Brusque/Arquivo (2022).

As solicitações de visitas para jovens e adultos indica que existe demanda que justifique a ampliação do programa. Evidente que uma ação nesse sentido requereria um planejamento voltado especificamente para esse público, observadas as particularidades dos diferentes grupos, bem como o investimento na formação continuada dos servidores designados para o atendimento dessas turmas. Esses são pontos que viriam ao encontro não só do aperfeiçoamento do projeto proposto na legislação, como da consolidação da casa legislativa como lugar de formação para a cidadania, disseminação de saberes e fortalecimento das bases republicanas e democráticas.

CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Refletir sobre o Alunos do Legislativo à luz da Comunicação Pública como propulsora da cidadania e das contribuições que ele pode legar à educação de crianças e jovens é tarefa que se impõe às profissionais

encarregadas de seu planejamento, coordenação e execução na Câmara de Brusque, ou seja, as jornalistas em exercício na casa legislativa.

Na contemporaneidade, assumir o papel de comunicador público implica a compreensão de que a eficiência da comunicação entre instituições e sociedade será tão melhor quanto maior for o comprometimento de agentes e gestores da área, colegas de trabalho e superiores para revesti-la cada vez mais de clareza, objetividade e transparência.

O Alunos no Legislativo mostra na prática que a gestão da Comunicação Pública exige estudo, treino e a assimilação de habilidades específicas para garantir o constante aprimoramento dos serviços prestados aos distintos públicos. As particularidades do público-alvo do programa – que via de regra se encontra em fase de crescimento – acentuam esse desafio e requerem o domínio de métodos de abordagem próprios para a sua faixa etária. É preciso informar, esclarecer, conscientizar, mas também ensinar, motivar, inspirar.

Nunca houve manual que guiasse a atuação das comunicadoras até a concretização desses propósitos, assim como certamente não há um único caminho ou procedimento que desperte em crianças e adolescentes o interesse pela ação política, por atos de governantes e outros representantes eleitos, pelas regras do Estado de Direito. Tal responsabilidade sinaliza, por um lado, a necessidade de adaptação e renovação de conhecimentos e técnicas por parte das jornalistas, com os devidos investimentos em capacitação, e, por outro, assinala a importância de valorização da Comunicação Pública como componente estratégico de relacionamento.

Se a experiência que o Alunos no Legislativo proporciona intensificar nos estudantes o desejo de transformação e alimentar neles o espírito republicano, a Câmara terá contribuído para o florescimento de uma sociedade politicamente mais ativa e fiscalizadora e a Comunicação Pública cumprido o seu papel na construção da cidadania.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA. **Os doze princípios da comunicação pública**. Brasília: ABCPública, 2024. Disponível em: https://is.gd/h07Wir. Acesso em: 16 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://is.gd/YvgwtT. Acesso em: 04 set. 2024.

BRUSQUE. Lei nº 4.225, de 11 de julho de 2019. Cria o "Programa Alunos no Legislativo", que estabelece ações de formação aos alunos do ensino fundamental acerca da organização política do Brasil. **Leis Municipais**, 23 set. 2019. Disponível em: https://is.gd/88FJij. Acesso em: 09 ago. 2024.

CÂMARA MUNICIPAL DE BRUSQUE. **Plenário aprova criação do "Programa Alunos no Legislativo"**. Disponível em: https://is.gd/sst2Tc. Acesso em: 02 set. 2024.

CHIRNEV, Lilian; MEDEIROS, Armando (Orgs.). **Guia de comunicação pública**. Brasília: Associação Brasileira de Comunicação Pública, 2021 [E-book]. Disponível em: https://is.gd/7KnB8s. Acesso em: 16 ago. 2024.

DUARTE, Jorge Antonio Menna; NASSAR, Paulo; MAIA, Lincoln Macário (Orgs.). **Glossário de comunicação pública**. São Paulo: ABERJE: ABCPública, 2020 [E-book]. Disponível em: https://is.gd/WAP1lV. Acesso em: 06 set. 2024.

EDUCAÇÃO E CULTURA: SABERES QUE ALFORRIAM

Maria Teresinha Debatin[1]

"Se seus projetos são para um ano, semeie o grão;
se são para dez anos, plante a árvore;
se são para toda vida, eduque o povo".
(Provérbio oriental)

Aprendi com meu professor José da Silva em saudosa lembrança, ainda no quarto ano primário, que não tenho permissão para mexer em versos alheios, talvez por isso mais tarde passei a tomar gosto pela escrita e registrar ideias próprias, e, uma vez adulta, sei que não posso modificar o proverbio oriental, mas posso, e assim o faço, registrar com um complemento o que eu diria caso fosse eu a autora.

Se seus projetos são para um ano, semeie o grão; se são para dez anos, plante a árvore; se são para toda vida, eduque o povo; mas, quando lhes der acesso à educação, não esqueça que todo indivíduo traz consigo a cultura do povo do qual descende, e isso precisa ser entendido, respeitado, resgatado.

Pisarão neste universo, humanos que nunca terão contato com a educação formal, mas vão, inevitavelmente, tomar contato, se valer do conhecimento que a cultura de onde estiverem inseridos ofertar. Toda avó, avô, tem uma história dos seus ou do lugar onde nasceu para contar, ela é aprendia por vezes bem antes da alfabetização.

A cultura de um povo é tão determinante no seu estilo de vida que tem o poder por exemplo de influenciar a forma como pisarão no planeta terra e como dela se despedirão, começa interferindo na gestação, em como a mulher grávida se comporta durante os noves meses, escolhe a forma pela qual quer dar à luz.

Vamos para a escola para a educação formal, a educação familiar, social depende de nossos valores, crenças familiares e da comunidade

[1] Titular da cadeira nº 08 na Academia de Letras do Brasil de Brusque.

onde vivemos. Depende da descendência, das raízes culturais que como o DNA é transmitida de geração em geração, transformada, aquietada, resgatada, porque a cultura também renasce de tempos em tempos com a força de um galho cortado que volta a brotar e mostrar seu viço. Desde os primórdios, temos filósofos falando da relação cultura e educação. Por exemplo, (Louis Bonald, 1754 / 1840) defendia:

"A cultura forma sábios, a educação, homens".

Assim, acredito que, quando as duas caminham juntas, temos seres humanos sabiamente formados.

Louis Bonald defendia a escola como uma entidade socializadora e que, assim sendo, deva incorporar as muitas culturas, proporcionando a quem a frequenta um ambiente sociável, de múltiplos saberes onde cada indivíduo, parte de um grande grupo, precisa sentir-se encorajado para se manifestar, falar de suas crenças, religião, suas ideias não podendo ser ridicularizados por defenderem sua cultura, seu jeito de ser por pertencimento.

Experiência maravilhosa foi conversar com um menino de uns sete anos que pela primeira vez foi ao cinema, e esta experiência se deu no CIC, Centro Integrado de Cultura, quando fui presidente pela primeira vez. Levado pela escola, ficou hipnotizado pela experiência, ao fim do episódio, segurava firme nos braços da poltrona e se negava a ir embora. "Quero ver de novo!", "coloca de novo!". A alma pura, o coração intocado por desejos mesquinhos, ele só queria sentir a alegria que o fez sorrir durante quase toda a apresentação, outra e outra vez. Menino de comunidade carente, sem dúvida de família que priorizava o alimento, não tinha acesso à arte, à cultura, mas já na estreia confirma o que nos mostram as pesquisas. E eu ouso traduzir como:

A arte, mata a fome da tristeza; as manifestações culturais dão identidade a alegria.

Eu mesma, em sucessivas noites, vivenciei o poder que a arte em suas mais diversas faces é capaz de fazer por um corpo exausto, uma mente sobrecarregada de preocupações e tarefas para dar conta.

Lembro especialmente de um dia em que, ao fechar a porta da minha sala, ouvi os acordes fortes da camerata no teatro, o corpo desejava um abraço da minha cama, mas a cabeça escolheu subir a rampa, entrei carregando os ombros, arrastando as pernas, depois de 30 minutos eu estava batendo palmas e gritando... Bravo! Bravo! Bravo!

Descobri naquela noite que tem duas coisas que, de tão nocivas, nem ladrão leva: dívidas e preocupações. Dívidas eu não tinha, e as preocupações passaram a ficar na gaveta esperando o novo turno.

Meu banho preferido para aliviar o peso do dia, o alimento mais poderoso para minha alma, para a calma necessária, para o desassossego da urgência passou a acontecer quase que diariamente no final de cada expediência, no avançado da hora, aplaudindo os artistas e sua arte.

Cultura e educação precisam ocupar a mesma margem; a escola hoje já é entendida como uma entidade socializadora, e, assim sendo, deve incorporar as muitas culturas, de povos diversos, que nela se encontram e precisam conviver, sociabilizar, ainda que, nem sempre de forma harmônica, mas respeitosa. É dever da escola proporcionar a quem frequenta este ambiente sociável, de múltiplos saberes um lugar onde cada indivíduo sinta-se encorajado. Possa manifestar-se, falar de suas crenças, religião, suas ideias, sem serem ridicularizados; a escola é o ambiente propício para praticar o pertencimento.

Outro grande filósofo, Sócrates cravou:

"É preciso bem conhecer para bem agir".

E acrescentava:

O conhecimento é fundamental para o progresso social, para a cultura, para formar o adulto, lhes dar cidadania, identidade e pertencimento. A "informação" leva ao "conhecimento", este à "sabedoria", terminando na "ação" adequada.

Embora educação me seja um tema caro, deixarei este aprofundamento para quem se debruça sobre ele e tem autoridade para opinar, vou direcionar meu olhar para a cultura, onde sinto a alma pulsar, o coração falar, e é neste lugar de luzes, câmeras, sons, poesia, escrita,

formas, cores que meu espelho faz eco, ali encontro acolhida e terra fértil para minhas criações e ideias.

Logo, é neste tema que vou me estender e pautar.

A cultura é mais que uma simples palavra, é um termo que engloba e traduz um conjunto de conhecimentos que enriquecem o espírito, apura o gosto estético e desenvolve a capacidade crítica do indivíduo.

O termo "cultura", generalizando, se traduz como um conjunto de conhecimentos que enriquecem o espírito, apuram o gosto estético e desenvolvem o espírito crítico. A cidadania, educação, instrução, trabalho, nação, sociedade, povo, civilização.

Por traz de diferentes etimologias pode ser encontrada uma semelhança semântica, que diz respeito ao modo de viver em sociedade.

A palavra cultura tem sua origem no latim, *colere,* traduzida na sua origem como ("lavrar"), cultivar o campo. Na evolução desta etimologia, para as línguas românicas, passou a indicar também cultivar a mente, adquirir conhecimentos através da "instrução".

Também do latim provem a palavra educação – *educationem,* substantivo do verbo (e+ducere, que traduzido significa "levar para fora" ou ainda: fazer nascer, criar). Assim entendido porque a educação tira o indivíduo do meio familiar, e o leva a conhecer outras possibilidades, outros conhecimentos, outras culturas, outros seres que concordam ou discordam do até então sabido, com o ensinado pelo mestre, com o dividido pelos indivíduos que formam o coletivo. Defendida que, quando bem direcionada a educação dá asas à imaginação, à criatividade e leva a independência de pensamento. Oferta um sentimento de cidadão. Um cidadão que está inserido num contexto de aprendizado pleno, múltiplo, lhe dando identidade e saberes, é por isso que a cidadania está ligada ao conceito de "Nação" de pertencer a um povo, habitante do mesmo lugar, que fala a mesma língua e tem os mesmos costumes, assim como estar ligado a um conjunto de características próprias que identificam a vida econômica, intelectual e moral da sociedade onde vive.

Nós, como sociedade humana, passamos por diversos ciclos de cultura, que nos levaram a profundas transformações. Já experimentamos a era das sociedades: nômade, agrícola, guerreira, comercial, industrial e, atualmente, vivemos sob a égide da tecnologia, baseada na cultura da

informação, que se tornou fundamental para o progresso em todas as áreas já experimentadas e para a criação e desenvolvimento de novas possibilidades.

Nenhuma era despontou ou se desenvolveu sem o braço forte da educação e da cultura.

Por isso, é a civilização que impõe o autocontrole, pois a repressão dos impulsos individuais é indispensável para se viver em sociedade. Nem sempre o que é bom para nós, é bom para o coletivo, e um dos papéis da educação é ensinar-nos a abdicar dos desejos que satisfazem só a nós mesmos e ceder para o bem coletivo. Por vezes, são estas renúncias pessoais que permitem evolução e crescimento. São atitudes nos fazem entender que viver em sociedade implica sim em abdicar de parte da liberdade individual. Um preço necessário a se pagar se queremos ter certos benefícios que só a vida em sociedade é capaz de nos proporcionar.

Faço esta introdução para dizer que a sociedade humana passou e passa continuamente por ciclos na cultura que a leva a profundas transformações, já tivemos o tempo, por exemplo, que o domínio estava com a sociedade dos nômades, agrícolas, guerreiros, comerciais, industriais, para citar apenas algumas. Hoje, por exemplo, a grande transformação nos é ofertada à égide da tecnologia, baseada na cultura da informação, e parece-nos fundamental para o sucesso e o progresso que almejamos. A rapidez que esta ferramenta dá a informação, fazendo-a chegar simultaneamente a muitos lugares, trouxe mudanças profundas, só comparada à velocidade da luz, jamais pensada pelas gerações que nos antecederam.

No entanto, a informação por si só é insuficiente; necessário se faz que a informação seja estudada, interpretada, passada pela peneira da crítica pessoal, onde moram nossos valores e crenças, onde está enraizada nossa cultura, pois ali estará também o conhecimento sobre os fatos, e é o saber que transforma a realidade, adaptando-a para renovadas necessidades. Cultura e educação são ofertas indispensáveis. Sem o filtro do saber, a educação pode ser danosa na mesma medida do necessária.

Paul Valéry, registrou: "não hesito em declarar: o diploma é o inimigo mortal da cultura". Os diplomas obtidos por ter frequentado cursos universitários, em si, não são suficientes, não garantem emprego algum. O que se pede é inteligência e, sobretudo, competência, que se

adquire pelo esforço do aluno em acompanhar o conteúdo das aulas com leituras e pesquisas.

O grande poeta Mário Quintana, num jogo espetacular de palavras diz:

"livros não mudam o mundo; quem muda o mundo são as pessoas; os livros só mudam as pessoas".

É preciso que o aluno se convença da relevância da leitura, para a formação da sua personalidade.

Pesquisando a importância da cultura nas escolas, me deparei com a quarta edição da pesquisa Hábitos Culturais, que é realizada pela Fundação Itaú em parceria com o Datafolha. Sem surpresa, a pesquisa revela que 97% dos pais, entre os entrevistados com filhos, consideram essencial a participação de crianças e adolescentes em atividades culturais para o desenvolvimento.

Esta pesquisa revelou que 95% dos pais acreditam que, as atividades culturais impactam positivamente no desempenho escolar, sendo mais evidente nas classes AB.

E 94% dos pais apontam ainda que as atividades culturais influenciam positivamente as relações sociais e 93% deles percebem um impacto favorável no relacionamento das crianças com outras e no convívio social. Para 54% dos entrevistados com filhos, a participação em atividades culturais influencia a criatividade, com variações por faixa etária, nível educacional e classe social, e que há impacto das atividades culturais no desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes.

Logo, o benefício das atividades culturais para o desenvolvimento infantil é inegável.

A pesquisa traz ainda os pais que afirmam que essas atividades contribuem para o autoconhecimento, tem impacto na empatia, e atribuem à cultura a construção do senso de cidadania; afirmam que a exposição à cultura contribui para o engajamento e pensamento crítico, com variações notáveis entre classes sociais e níveis educacionais.

Diante de fatos desta natureza, me parece urgente que as escolas públicas busquem intensificar e melhorar a oferta de eventos culturais que de outra forma os alunos de baixa renda não terão acesso.

Se a educação formal nas escolas têm tanto a oferecer, e têm o poder transformador no individuo, me preocupa a defesa da prática do *Homeschooling,* o ensino doméstico, ministrado por familiares e professores particulares, substituindo a escola pública, para, como dizem, melhorar a qualidade do ensino.

Meu entendimento é que, ainda que aconteça com alunos de classe A e B, e a educação formal seja de boa qualidade, esta metodologia pode colocar o indivíduo em formação em uma bolha, cultural, educacional e social, lhe tolhendo o senso crítico, ceifando-o da oportunidade do convívio com os diferentes, que é a forma mais eficaz de descobrir como a condição humana, independente de credo, crenças, nos faz mais iguais do que acredita nosso ego.

Apenas como registro, a prática da educação em casa começou num ciclo em que a liberdade era discutida nas ruas, com o movimento *hippie,* (Liberalismo**),** na década de 1960. Jovens descontentes com a repreensão política que impactava todas as áreas, defendiam um tipo de ensino livre do sistema educacional conformista. A filosofia e a ética *hippie* surgiram em oposição à "Era da Repressão", que até então dominava a educação da juventude.

Mas é preciso atenção para a mudança que o Senhor Tempo traz. A realidade vivida hoje difere do experimentado por eles. Pressionados, buscaram alternativas possíveis para não se curvarem, se deixarem oprimir. Hoje, falo do Brasil, não temos censura a individualidade de expressão desde que respeitado o direito estabelecido pelo coletivo. Logo, resgatar ideias que nasceram sob certa pressão e repreensão, é como considerar autêntica a fala de quem perdeu a memória.

E é sabido que liberdade é um dos motivos que nos leva a querer sempre e cada vez mais um dia de vida, desde que plena, produtiva, criativa, respeitada por nossos semelhantes.

A educação pública, ainda que carente de melhorias, é insubstituível na maioria das sociedades, especialmente as mais pobres, pois estimula a

ajuda mútua e o espírito corporativo, além da competição, resgata memórias, desperta para a consciência da cidadania, para o poder do coletivo.

Ainda que não traga só benefícios, uma pergunta assola meu pensamento: quantas crianças continuariam com trabalho escravo, com violência doméstica não fosse o acolhimento de professores atentos aos sinais que os abusados darão em algum momento de maior vulnerabilidade. A escola não é um céu, mas, para muitos, ainda é o lugar onde por algumas horas são alimentados, vistos, ouvidos, observados, acolhidos e ensinados. Por trás dos muros, temos mestres que antes de ensinar, de ofertar seus saberes, ofertam o colo da compreensão, da receptividade, do amor ao próximo. Olham seus alunos como olham seus filhos, netos, sobrinhos; olham seus alunos como pequenos humanos ainda incapazes de se defender da brutalidade a que são submetidos, justo onde deveriam ser amados, protegidos.

"Não há artesão sem ferramentas,
nem sábio sem livros".

Escritor japonês Hateiva

A cultura do estudo leva a boa educação que facilita o trabalho, e consequentemente, melhora a economia de um país, leva à prosperidade pessoal, ao bem-estar coletivo e à liberdade de escolhas. Um profissional bem-preparado conquista carreira sólida e é disputado pelo mercado, um trabalhador sem profissão corre atrás do mercado em busca de uma colocação que por vezes lhe dá sustento, mas sem nenhuma ou pouca satisfação e liberdade de escolha limitada.

Se há um tripé base estruturante de qualquer nação desenvolvida sem dúvida é: Educação, trabalho e economia. Isto é fato, documentado por estatísticas que dizem:

- O crescimento econômico está ancorado na Educação. As nações mais desenvolvidas são as que mais investem em escolas, esportes, artes, na cultura física e intelectual de seus cidadãos, especialmente das crianças. Logo para estes gestores públicos não se separa cultura de educação. A cultura é matéria curricular.

Quando uma nação quer ascender, subir, conquistar o pódio do saber, deve desejar que seus habitantes conquistem o título de: sociedade do conhecimento.

E para chegar lá o caminho é a educação continuada. Não é permitido a um profissional parar de se atualizar, usando para isso os meios que tiver ao alcance das mãos, e estes podem ser: graduação, pós-graduação, reciclagem na sua área de atuação, cursos diversos que lhe permitem sociabilizar, sendo para diversificar seu conhecimento profissional, seja para lazer.

Outra forma de aprendizado contínuo é acompanhar a evolução que as ciências todas e as artes nos proporcionam, e esse aprendizado vem pela leitura. Livros, artigos, documentários, filmes, peças de teatro, congressos e exposições, e a mais recente ferramenta: sites de busca da Internet. Quando bem direcionada a busca, o indivíduo pode literalmente viajar sem sair do lugar, encontrar seu nicho cultural e aprendizado tendo a universidade na palma das mãos. Sem dispensar a orientação de docentes e pesquisadores especializados nos vários assuntos, e, sobretudo, ler muito, mesmo sob a forma de autodidatismo, pois a leitura, além das viagens, é o meio mais estimulante para a reflexão sobre a vida.

Cito aqui um ditado japonês que diz: "Se o pai que quer bem ao filho, o faz viajar". Se não puder aprender literalmente através de viagens, que pelo menos leia!

Ainda que um nível intelectual alto não garanta o emprego dos sonhos, abre portas e liberta da ignorância. Nos Estados Unidos, por exemplo, é comum universitários dirigirem táxi, servirem em lanchonetes. O nível cultural desta nação leva a crença de que é pela cultura e a educação formal que se obtém o conhecimento necessário e exigido para qualquer trabalho que venha a desempenhar.

Na Europa, é normal que a mulheres façam um curso universitário apenas para adquirir mais cultura, ainda que escolha como profissão ser mãe em tempo integral, pois é esta formação que vai lhe permitir ajudar os filhos em suas tarefas escolares, manter-se conectada com as pessoas, acompanhar a evolução do seu país, declarar-se cidadã do seu tempo. A essência da educação de um povo mutante, tem como base o estudo contínuo para entender para onde caminha a humanidade, como está

a desenvolver suas ideias, e como vem aplicando o espírito crítico, no elucidar da prática da vida.

Não importa a profissão na qual um indivíduo escolha atuar, a ciência, a arte, a educação e a cultura precisam estar presentes. Como diz o ditado: *Um cientista sem cultura geral pode ser tão nocivo à sociedade quanto um humanista sem nenhum conhecimento científico.*

A escola, seja ela privada, seja pública, já na educação básica deve estimular o conhecimento formal e cultural, desafiando a curiosidade do aprendizado, pois é ele que forma pensadores livres e independentes que julgam com base em saberes.

O poeta, professor e crítico, T.S. Eliot, prêmio Nobel de literatura, traçou a seguinte linha evolutiva: informação → conhecimento → sabedoria → vivência.

Eliot faleceu em 1965, isso nos dá uma noção do seu tempo pela nossa ótica, uma época em que as mudanças e as exigências caminhavam sem a pressa do tempo presente, ou sem os recursos que fazem as mudanças hoje se espalharem nas asas do vento.

Estivesse Eliot sendo um visionário, prevendo o estilo de vida futuro, ou estivesse ele comparando seu século de nascimento (1888) com o tempo evolutivo que experimentava, ele nos deixou uma reflexão que é muito atual; a urgência do fazer está nos fazendo cegos para a vida presente que nos pertence. Aqui, a educação sem o saber e a informação sem o conhecimento são desserviços a cultura do respeito.

Se o quadrante de Eliot, fosse escrito hoje por qualquer um de nós, a ordem por grau de importância se inverteria?

Escreveríamos: A vivência → A Sabedoria → A informação → O conhecimento?

Certamente que não! Continuamos com a lógica imposta por gerações, primeiro o fazer, depois quem faz. É comum, rotineiro, dizermos e ouvirmos frases que traduzem de forma pessoal o desconforto por estarmos presos a roda da pressa e da exigência. Contrariando a cultura de respeito e louvor a vida, ouso acreditar que este sentimento assombrava também as noites de Eliot, que embora vivo se interroga sobre vida não vivida, e nos deixa suas inquietações nestas três perguntas intrigantes:

Onde está a vida que perdemos vivendo?
Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?
Onde está o conhecimento que perdemos na informação?

Estas intrigantes perguntas, feitas numa aula de filosofia ou numa roda de conversa, no mínimo gerariam um silêncio perturbador. Nos tempos atuais, a informação chega na velocidade da luz, mas sem o filtro que só o Saber é capaz de trazer o conhecimento se perde ou não chega.

A sabedoria se perde na educação sem qualidade, no conhecimento discutível, ofertado por escolas e educadores medíocres, de potencial pouco testado, formados em instituições de ensino que atuam com licenças formais para manter as portas abertas quando a melhor contribuição seria fechá-las.

A vida se perde vivendo, nas curvas onde apressamos o passo para obter diplomas, sem tempo de questionar o conhecimento ofertado. Falemos de nação, de sociedade, da cultura de um povo, do poder das massas, da educação, do conhecimento e da informação, mas não esqueçamos que, se renunciarmos ao SER que somos, nossos desejos, sonhos, sentimentos, não seremos nada mais que marionetes. É preciso atenção para depois de uma caminhada longa que nos leva a uma longa vida suspirar a procura da vida que perdemos vivendo.

Marcel Proust afirmou: "*A persistência de um costume geralmente tem relação direta com o seu absurdo*".

Como é desalentador constatar como a cultura de massa generaliza e leva à imbecilidade!

Como a falta de conhecimento individual engrossa uma sociedade de conduzidos. Como a falta de identidade cultural nos faz anônimos em meio à multidão ainda que nossas vestes sejam: verde-neon.

A crítica pessoal, quando fruto do conhecimento é a ferramenta capaz de gerar líderes que conduzem a massa para o bem ou para o mal; logo as iniciativas e a correções no percurso nascem quase sempre, na liderança, formal ou informal, e a cultura enraizada no peito de cada um de nós, nos leva a escolher o lado que apoiamos.

Minha vivência e gosto pela cultura me fazem saber que: caminhos facilitam o caminhar, pontes facilitam a travessia, hospitais aliviam dores,

escolas e igrejas educam, pregam, doutrinam, família dá vida, acolhe, desampara, mas é a cultura ofertada em suas mais diversas formas de arte que nos liberta, nos concede um par de asas. O sentir gentil das artes, aflora os sentidos, alarga o sorriso, acorda o olhar, o faz chorar, lustra as lentes com alegria, dá aos olhos um brilho divino, escancara a qualidade da alma, reconecta o espírito com o veículo e, dá ao indivíduo um sentido.

Sentir o mais nobre dispositivo conectado ao indivíduo ainda enquanto feto manifesta o autêntico sentimento. Não posso escolher o que sentir, mas posso desejar que o divino me conceda a graça de sentir cada vez mais o aconchego do abraço que os saberes e as artes, filhas da educação e da cultura, proporcionam.

Que o universo oferte ao mundo terreno seres que refutem a sombra, preguiçosos na arte da guerra, dinâmicos seres na defesa paz, dos saberes todos, remédio eficaz contra a ignorância que aparta nações. Que tremule, no mastro mais alto da esperança para o tempo vindouro, a bandeira da educação e da cultura.[2]

[2] Na pesquisa foram investigadas as seguintes plataformas: Scielo-Brasil. Site do Itaú.Wikipedia.

EDUCAÇÃO E CULTURA (EM QUADRINHOS)

Aldo Maes dos Anjos[1]

APRENDIZADO EM QUADRINHOS

A cada geração, surgem novos desafios para que se possa transmitir os conhecimentos do planejamento escolar de forma eficiente e prática. Atualmente, o grande vilão que se apresenta para executar esta tarefa é o uso compulsivo do celular e seus atrativos virtuais, por parte das crianças e adolescentes, os quais acabam por se tornar reféns do seu aparelho, utilizando-o de maneira imprudente e desnecessária por muitas horas seguidas, sendo que às vezes, consumindo conteúdos inapropriados ou questionáveis. Os jovens abdicam de outros hábitos mais saudáveis como a prática esportiva, as brincadeiras *off-line*, a própria socialização com outros indivíduos e, também, o importantíssimo hábito da leitura física. As consequências deste exagero virtual são a perda da concentração em sala de aula e da capacidade de absorver e interpretar textos longos, que exigem um raciocínio mais prolongado, entre outras.

Em pouco tempo, o jovem usuário da tecnologia perde o interesse pelas outras atividades, tendo inclusive dificuldades para se desconectar do celular para a própria rotina de comer e dormir, chegando a demonstrar uma verdadeira dependência psíquica da sua tela luminosa.

As boas histórias em quadrinhos se apresentam como uma opção cativante e pedagógica que pode contribuir para reverter esta situação.

Nada contra o conteúdo virtual, desde que seja filtrado somente o que for bom, útil e verdadeiro de toda a avalanche de informação inútil e até perigosa que soterra o público internauta a todo momento.

Existem muitas vantagens em se praticar a leitura física. Folhear um livro ou revista em quadrinhos pode até ser considerado uma terapia, que inclui sentir o aroma e a textura do papel, a apreciação do layout da obra literária, a imersão no contexto impresso e o seu próprio manuseio durante a leitura.

[1] Titular da Cadeira nº 19 na Academia de Letras do Brasil de Brusque.

A principal vantagem de fazer a leitura física é o cuidado com a visão, pois, nesse caso, a luz vem de trás da cabeça e ilumina o papel, enquanto a luz do celular entra direto nos olhos, prejudicando o nosso órgão "enxergador" ao longo do tempo. Mesmo que baixe o brilho do aparelho, ainda assim o uso descontrolado desta luz estará afetando sensivelmente e reduzindo aos poucos a nossa capacidade ocular.

1 HQ, A NONA ARTE

HQ, ou "História em Quadrinho", é o nome dado à arte de narrar roteiros com o auxílio de imagens, em uma sequência de pequenos requadros, sendo considerada como a nona arte: uma arte sequencial.

Esta modalidade artística é bem antiga, sendo usada desde os tempos dos homens das cavernas em suas pinturas rupestres, onde desenhavam cenas em sequência, principalmente das suas caçadas.

A HQ moderna resulta da combinação de duas linguagens: a palavra escrita, através dos balões de diálogo, caixas de narração, onomatopeias e demais textos impressos, com a imagem desenhada, refletindo os detalhes daquilo que o autor queria transmitir para o seu eventual leitor.

As imagens transmitem a emoção e o humor que as palavras não conseguem expressar. Vale a pena desfrutar das cenas, expressões faciais exageradas e dos pequenos detalhes acontecendo ao redor. Quem lê muito rápido os quadrinhos, acaba por desperdiçar detalhes sutis e relevantes na compreensão do enredo da história.

Quadrinhos são uma leitura dinâmica para quem tem pressa, divertida para quem quer se alegrar, informativa para quem quer aprender, alfabetizante para quem aprendeu a ler e terapêutica para quem avançou na idade. Podem ser a "porta de entrada" para leituras mais profundas e complexas, para os que ainda não são habituados a esta prática.

Nas prateleiras das bancas, livrarias, sebos e bibliotecas tem de tudo: tem livro bom e tem livro ruim. Assim como os quadrinhos: tem HQ boa e tem HQ ruim. Garimpando bem, pode-se encontrar excelentes obras com ótimos desenhos e textos geniais. Vale a pena ocupar nosso tempo ocioso (existe sim, é só criá-lo) praticando leitura!

A leitura de quadrinhos é super indicada para crianças e adolescentes por criar o inestimável costume de ler, que em muitos deles frutificará, permanecendo por toda a vida. A diversão contida nas histórias é o combustível que incentiva a sua leitura até o final, tornando esta atividade uma prática prazerosa e saudável em nosso cotidiano.

Quadrinhos não só estimulam a leitura, como também incentivam as crianças a desenhar e escrever também, desenvolvendo a imaginação e a criatividade em suas mentes através destas práticas artísticas.

Mas como incentivar o meu filho a ler? A melhor maneira é dando o seu exemplo: quando possível, solte o celular e leia quadrinhos na frente dos seus filhos, para que assim eles também se interessem. Vale a pena e todos vão se divertir muito! Devemos dar o exemplo daquilo que queremos que os jovens façam, para que copiem nossas boas práticas. Podemos comentar na presença deles sobre algo que foi lido, ou demonstrar curiosidade ao adquirir um novo livro, bem como prazer e satisfação em adquirir novos conhecimentos, ao se envolver com a trama ou mesmo aprender novas piadas, por parte da leitura física. Muito desse grave problema se deve ao fato de que os próprios pais estão abduzidos pela tela do seu celular constantemente e, sem perceber, transferem esta escravidão cibernética aos mais jovens que lhe rodeiam e seguem os seus exemplos, bons ou ruins.

Quando for pegar um gibi na mão, assim como qualquer outro tipo de leitura, procure desligar-se por alguns minutos das suas atividades diárias e focar sua atenção única e exclusivamente no conteúdo da página que vai ser lida. Seria interessante um local confortável, arejado e bem iluminado, onde o leitor possa ficar à vontade.

Para ler corretamente, o bem mais precioso que investimos é o nosso tempo. Se é que vamos ler, então que seja com calma, sem pressa de terminar logo. A pressa é inimiga da perfeição, portanto, reserve algum tempo que for possível somente para a prática da leitura. Se é que em algum momento de nossas vidas nós resolvemos parar tudo o que estávamos fazendo para ler, então que esta tarefa seja bem executada.

2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO

O objetivo principal das histórias em quadrinhos é o de estimular o hábito de leitura, fazendo com que seus desfrutadores desenvolvam esta capacidade de decifrar textos impressos e partam para leituras mais complexas, com maior facilidade do que aqueles que nunca leram nada.

Mas o conteúdo destas histórias em quadrinhos também pode trazer informações e conhecimentos que são incorporados ao roteiro, agregando um valor pedagógico a esta leitura. Histórias em quadrinhos temáticas tem o poder de ensinar enquanto divertem. Na maioria dos casos, o leitor de quadrinhos está com a sua atenção totalmente focada na leitura, absorvida pelas falas nos balões de diálogos, pela constante modificação facial dos personagens, pelos cenários e outros detalhes contidos na história. Essa atenção plena amplia a captação das informações ali contidas, facilitando a sua memorização e consequente aprendizado, provando assim que as histórias em quadrinhos devem ser mais valorizadas e utilizadas em âmbito escolar. Infelizmente, ainda existe uma certa resistência por parte de alguns gestores da educação, que consideram a HQ uma subliteratura. Chegou a hora de rever estes preconceitos e encarar a preciosa possibilidade do incentivo à leitura de quadrinhos, como um opositor real ao uso doentio do aparelho celular, de forma eficaz.

As histórias em quadrinhos podem abordar assuntos de todas as disciplinas, de maneira abreviada e ilustrativa, para servir de introdução a uma explicação mais detalhada que venha a seguir.

A Revista CARTUM, de Brusque, já lançou cartilhas temáticas com excelente resultado abordando temas pedagógicos, como: saúde bucal, correção ortográfica, direção defensiva, primeiros socorros, cuidados de verão, cuidados com o corpo, qualidade de vida, meio ambiente, trânsito e muitos outros, sempre associando a pauta desses assuntos com histórias em quadrinhos divertidas e educativas. A cartilha pedagógica em quadrinhos não chega a ser um tratado científico sobre o assunto, porém, apresenta a "ponta do *iceberg*" que introduzirá o leitor acerca daquilo que se pretende transmitir.

3 HISTÓRIA LOCAL EM QUADRINHOS

Todos sabemos da importância do conhecimento histórico para se preservar as raízes de um lugar. O povo que conhece a sua história aprende com a experiência dos seus antepassados e encontra maiores facilidades para trilhar o caminho do progresso.

A história de Brusque e do Vale do Itajaí-Mirim está bem registrada em inúmeros livros de autores diversos, disponíveis em todas as livrarias e bibliotecas da região. Porém, os seus leitores é que andam escassos.

A partir de 2010, a história local brusquense passou a ser contada de uma nova maneira, com histórias em quadrinhos divertidas, entretendo os leitores e transmitindo resumos de pesquisas feitas nos livros já existentes e pouco procurados atualmente, sobre temas diversos.

A intuição de utilizar os quadrinhos como ferramenta para o fortalecimento da memória local ocorreu no início de 2010, quando a então Secretária Municipal de Educação de Brusque, Sra. Gleusa Fischer, fez um comentário desafiador ao autor da revista CARTUM: "Por que você não faz um CARTUM sobre Brusque, por ocasião dos seus 150 anos?". Não precisou dizer duas vezes... naquela mesma tarde, procurei o Professor Marlus Niebuhr (Unifebe), pedindo a indicação de alguém que pudesse me auxiliar na parte pedagógica do projeto e, no dia seguinte, me reuni com o professor Robson Gallassini (*in memoriam*) para expor a ideia da revista. Como ele já trabalhava neste assunto para outros projetos, definimos naquela mesma tarde todos os 25 temas que seriam incluídos na Revista do SESQUICENTENÁRIO, a qual foi publicada em agosto daquele ano.

Robson foi um inesquecível parceiro e amigo, e lamento profundamente a sua ausência prematura. Tenho uma eterna gratidão pelo incentivo e alegria contagiante passada por ele a todos ao seu redor. Essa era a marca registrada na sua convivência.

Foi o encontro de um professor que costumava ENSINAR DIVERTINDO, com um desenhista que gostava de DIVERTIR ENSINANDO!

Este encontro rendeu oito publicações em quadrinhos sobre a história regional (entre 2010 e 2012). Na sequência, o projeto prosseguiu com a assistência pedagógica de duas pessoas que conviveram

longo tempo com o Robson: Professor Carlos Michel, o qual era o seu grande amigo e colega de faculdade, e Marlus Niebuhr, que era o seu professor. Ambos captaram com perfeição o propósito deste projeto e contribuíram com ele por mais três anos, quando foi então encerrado.

A "Revista do SESQUICENTENÁRIO" rendeu frutos: o então prefeito de Gaspar Celso Zuchi conheceu a publicação e solicitou um material semelhante sobre o município de Gaspar. Como Robson também dava aulas em Gaspar, no Colégio Madre Francisca Lampel, facilitaram-se as pesquisas para os 2 volumes da "Revista GASPAR ONTEM", publicados em 2011.

Entre 2011 e 2015, a "Revista BRUSQUE ONTEM" apresentou, em 16 volumes, cerca de 160 temas sobre a história local. Os temas foram publicados de forma aleatória, misturando os diferentes períodos históricos, pois a cada ano atingia uma geração diferente, sendo distribuída gratuitamente aos alunos das redes pública municipal, estadual e da rede privada, como ferramenta de apoio pedagógico.

Com o final do projeto, em 2015, essa riqueza cultural ficou armazenada no meu computador até 2017, quando surgiu a ideia de organizar os 160 temas em ordem cronológica, formando assim uma novela em quadrinhos do surgimento e desenvolvimento da cidade de Brusque, seguindo desde as informações mais remotas que se tem notícia, até os dias atuais.

Novos temas foram incorporados aos que já existiam e resultou em três livros com 110 páginas cada, confeccionados em papel de boa qualidade, visando a sua perpetuação no tempo para poder atingir também as gerações futuras! O primeiro, "Colonização do Vale do Itajaí-Mirim – História de Brusque de 1840 a 1875", foi lançado em 2017. O segundo, "Vila de São Luiz Gonzaga – História de Brusque de 1860 a 1930" em 2019, e o terceiro, "Cidade de Brusque/SC" – História de Brusque de 1930 a 2020", veio ao mundo em 2021.

As três obras foram patrocinadas pelo sistema de financiamento coletivo, onde pessoas comuns se transformam em "apoiadores", e recebem generosas recompensas, proporcionais ao valor que foi investido. O que estes apoiadores possuem em comum, é uma imensa vontade

de contribuir com a causa cultural e um desejo misericordioso de que tal projeto se torne realidade, além de uma boa dose de confiança em seu autor.

Trata-se de uma demonstração de empatia ver mais de duzentos cidadãos brusquenses reconhecerem o esforço da realização deste material desde o seu planejamento, incansáveis pesquisas, contato com historiadores, criação das histórias, primeiros esboços, muito desenho, coloração, arte final, edição, diagramação, uma persistente campanha de arrecadação financeira, impressão e distribuição dos três livros e, assim, participarem como um "apoiadores", dando um voto de confiança em nosso trabalho e tornando este sonho possível!

4 A REVISTA CARTUM

Circulando em Brusque e região desde junho de 2001, a Revista CARTUM representa a resistência impressa em meio a um mar de tecnologia e entretenimento virtual ao alcance da ponta dos dedos de qualquer um de nós.

Seu fiel público leitor preenche uma camada da população regional dotada de maior sensibilidade, a qual consegue se desvencilhar do celular e percebe algo de valor em meio aos quadrinhos coloridos que pipocam esporadicamente nas prateleiras do comércio em geral, valorizando o esforço de um artista local que insiste em praticar seu "malabarismo na sinaleira", mesmo que as janelas custem a abrir, e possuem uma compaixão natural a ponto de contribuir através de um anúncio publicitário, uma assinatura anual ou um apoio em um projeto cultural para que a publicação continue existindo.

Não existe outra explicação para a longevidade da Revista CARTUM senão a clara permissão Divina para que esta manifestação cultural permaneça frutífera, renovando sempre as suas ideias, produzindo conteúdo inédito e original e com o suporte financeiro suficiente para cobrir as despesas e suprir as demandas necessárias.

Cabe a mim me esforçar por merecer isso tudo, preenchendo este espaço cultural com o melhor e mais útil conteúdo que for possível de conceber, contribuindo socialmente com informações relevantes e

trazendo uma mensagem bem intencionada e produtiva a todos os seus leitores, além de bem-humorada e informativa.

Gosto muito de escrever e desenhar histórias em quadrinhos, atividade que desempenho desde os 4 anos de idade, de forma descompromissada, e que me deixa muito feliz por estar fazendo atualmente algo que considero prazeroso e que, além do sustento necessário para a minha família poder viver, me proporciona imensa satisfação. Quando eu tinha 26 anos foi dado início ao projeto da Revista CARTUM, o qual completou 23 anos de atividade ininterrupta, em 2024.

Alguns amigos me questionam sobre minha função literária, se isso vale a pena, se dá dinheiro, se vai me deixar rico...

Eu respondo que a riqueza maior é a utilização dos nossos dias na Terra construindo algo onde o nosso coração habite, cuja matéria-prima é o amor em fazer o que se gosta e poder contribuir socialmente através das publicações bem intencionadas, acrescentando ao leitor novos conhecimentos e reflexões pontuais. O retorno financeiro acontece de forma absolutamente milagrosa, garantindo o essencial e estimulando que perdure a inspiração literária.

A verdadeira riqueza é ter saúde e disposição para realizarmos nossa missão pessoal. Em cada serviço que prestamos, existe uma contribuição social. Mesmo que não pareça, todos nós somos componentes de uma imensa orquestra, cada qual tocando o seu instrumento. Tal orquestra soaria desafinada se todos insistissem em tocar somente aquele instrumento mais lucrativo.

A constatação é saber que estamos a serviço de uma força maior, que rege o planeta e nos acompanha ao longo de nossa vida. Essa relação consciente é a grande riqueza que podemos desejar.

5 VALE A PENA LER HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Houve um tempo em que ainda não existia internet e as pessoas utilizavam o seu tempo livre de outras maneiras. Era um tempo em que a leitura era uma prática comum e encontrávamos inúmeros cidadãos olhando para livros abertos nos pontos de ônibus, nos bancos das praças, salas de espera e em outros locais públicos. Havia bancas de jornais em cada esquina e também muitas livrarias, todas bem frequentadas. A

tecnologia de bolso se tornou algo inseparável de nossas vidas, mas não podemos permitir que ela ocupe todo o nosso tempo livre. Deve haver um equilíbrio em nossas atividades.

Ao observar o giro dos ponteiros do relógio completando suas voltas diárias, devemos refletir sobre o que estamos fazendo de nossas vidas? Paralisados e com o rosto inclinado verticalmente, buscando uma tela luminosa assim como um girassol procura pela luz solar. Então é essa recordação que queremos ter em nossos dias finais? De estar entregue a um brilho eletrônico durante décadas, abrindo mão de tanta coisa?

Recomendo que se faça um esforço para fracionar o nosso dia, com um belo uso de redes sociais, mas com períodos estabelecidos para atividades *off-line*, que produzam hormônios saudáveis, injetados pelo nosso hipotálamo em nossa corrente sanguínea, nos momentos que nos proporcionam prazer e entusiasmo. Com o celular, no máximo vamos dar risadinhas com os "memes".

Uma dessas atividades que precisamos praticar com mais intensidade é a leitura, e as histórias em quadrinhos possuem a capacidade de estimular a formação de um espaço em nosso tempo diário para a assimilação de impressos, formando assim inúmeros novos leitores habituais.

6 VALE A PENA INCLUIR HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO ESCOLAR

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos os leitores que praticaram este saudável hábito tendo este livro em suas mãos e prestaram atenção nesta minha divagação urgente e necessária dum dilema atual que muito me aflige quando imagino um mundo sem leitura. A conclusão que trago a todos os amigos das palavras impressas, que investiram uns minutos de suas vidas acompanhando o meu raciocínio prolongado, é a de que a leitura deve começar cedo na vida de um ser humano através do exemplo dos pais e do incentivo da escola. Minha mãe tinha uma caixa de gibis acessíveis desde a minha mais tenra idade, que me alfabetizaram já aos três anos, antes mesmo do jardim de infância. Todos os pais deveriam fazer o mesmo. E também as escolas deveriam aderir aos quadrinhos e proporcionar em suas bibliotecas ou mesmo

nos corredores, no caminho das crianças, estantes com gibis (Disney, Turma da Mônica, Luluzinha, Mangás, enfim, todos os títulos possíveis direcionados às crianças), para incentivar o raciocínio, o foco e a concentração infantil, além de incentivar a imaginação e a criatividade. Mas o mais importante de tudo, é que as histórias em quadrinhos são cativantes e estimulam o gosto pela tão indispensável quanto abandonada atualmente leitura física.

Façamos um maior uso da nona arte!!

PERRENGUES E ANIVERSÁRIOS MUNDO AFORA

Marcos Eugênio Welter[1]

1 PULA... CUIDADO, COBRA

Quando era criança, morávamos no município do Schroeder (SC), a cidade das cachoeiras, onde meu pai tinha uma serraria. Trabalhava árduo durante a semana e nos domingos levantava cedinho, quando as últimas estrelas ainda brilhavam no sótão do céu, pegava seu bornal, seu cantil com água, sua espingarda e saía a caçar, voltava perto do meio dia. A mana Irene, então com sete anos, e eu, com seis, ao escutarmos papai levantar, combinávamos de ir junto, mas ele já tinha saído. Então saíamos correndo atrás, mas não o encontrávamos, e seguíamos pelo mato, descíamos correndo uma picada estreita e quando olhei na minha frene, a cerca de uns dois ou três metros, havia uma cobra grande, bem no meio do caminho, enrolada, pronta para dar o bote. Se eu parasse de correr, no embalo que estávamos morro a baixo, a Irene que estava logo atrás, me empurraria e ambos cairíamos em cima da cobra, então gritei: - olha a cobra! Pula alto! Ufa, que susto. Quando nosso paizinho chegou em casa, satisfeito pois havia matado inhambus, urus e outras aves de bom porte, a Mutti perguntou onde estavam as crianças, ao que ele respondeu que, como de costume, levantou cedo e foi caçar sozinho, então mamãe disse que escutou quando ele levantou, Marcos e Irene levantaram logo em seguida, ela pensava que o pai havia levado excepcionalmente as crianças junto. Desesperado saiu à nossa procura, corríamos sério perigo pois naquela selva ainda havia onça e outros animais ferozes. Felizmente nos encontrou sãos e salvos.

Num domingo seguinte, quando ele foi caçar, um vizinho atrevido, vendo que meu pai, como de costume, estava caçando, entrou lá em casa e foi se engraçando para o lado de minha mãe achando que seria fácil, mas percebendo as más intenções do malandro, ela simplesmente pôs a mão no bolso, engatilhou sua pistola "Schmitt Wesson" e deu um tiro no pé do safado que saiu berrando feito uma ovelha.

[1] Titular da cadeira nº 02 na Academia de Letras do Brasil de Brusque.

2 VOANDO PARA O CÉU

Quando meu filho Rodrigo tinha cinco anos de idade, infelizmente tivemos um acontecimento muito triste na família, faleceu um primo dele, o Peter, com oito anos de idade, então fomos ao enterro na cidade de Joinville e seguíamos de carro o cortejo fúnebre devagar quando o Rodrigo falou para eu acelerar, para ir mais ligeiro, eu argumentei que tínhamos que seguir o cortejo, mas ele estava extasiado, com os olhos arregalados e insistiu: - Pai, acelera. Eu fiquei meio invocado com isto então perguntei por que tamanha pressa, ao que ele me respondeu: - O Peter não vai para o céu, então quero chegar bem na frente para vê-lo voar para o céu.

3 NOSSA PRIMEIRA TELEVISÃO

Quando eu tinha 18 anos, morando em Joinville (SC), no ano de 1964, televisão era novidade, poucos abastados conseguiam ter uma. Então conheci um senhor que morava em Curitiba, ele tinha batido seu carro que estava numa funilaria para conserto da latoaria, e eu trabalhava nesta oficina, fiquei sabendo que ele tinha uma televisão usada, perguntei se ele não aceitaria trocar por um motor de popa usado que eu tinha e ele topou, mas disse que eu teria que levar o motor a Curitiba e buscar lá na sua casa a TV. Falei com meu pai que me emprestou o seu Jeep, e viajei a Curitiba. A BR 101 já estava nos planos dos governantes, mas até então era pela estrada velha mesmo, buraco e muita poeira. Em Curitiba, ele me disse que eu teria que ir à Receita Estadual tirar uma Nota Fiscal, pois levaria a mercadoria para outro estado. Tudo pronto, viajei de volta, mais feliz que uma criança com dois pirulitos, cheguei em casa, reuni toda nossa abençoada família de onze irmãos mais Mutti e Vati, nossos amados pais, fiz aquela encenação, todos muito ansiosos, liguei a TV 14 polegadas, preto e branco que fez um grande barulho ...puff, soltou uma fumaceira preta e apagou. Não deu certo. Levei a TV no Sr. Orlando Hang, que era eletrotécnico que me explicou que no estado do Paraná, onde comprei, a energia é 110 volts e aqui, 220, por isto queimou. Consertou e me vendeu um transformador (conversor de energia). Levei para casa e funcionou, foi a maior festa, os vizinhos vinham todos.

4 PEGA ELE

Sou de uma abençoada família de onze irmãos. Num domingo estávamos todos na missa num dos primeiros bancos, nossa amada Mutti com a caçula Kátia no colo, quando o Geninho, que devia ter uns três anos pediu colo e minha mãe falou para um de nós irmãos mais velhos o pegarmos dizendo: - Pega ele. Acontece que o padre estava fazendo o sermão, realmente dando um sermão, exaltado, quase esbravejando, falando que a comunidade estava se portando muito mal, as mulheres usavam trajes inconvenientes, falava alto, muito alto tanto que não ouvimos a solicitação de nossa mãe, mas quando o padre deu uma minúscula pausa para puxar o ar o Geninho falou bem alto: - Pega ele. As pessoas em nossa volta colocaram a mão na boca para disfarçar a risada.

5 ROUBARAM O FUSCA DO BERNARDO

Numa madrugada, em Joinville, roubaram o Fusca novo, recém-adquirido pelo meu cunhado. Fizemos Boletim de Ocorrência, colocamos anúncios no jornal e na rádio, mas eu pensei que o meliante deveria ser um daqueles que frequentavam a "casa da luz vermelha", então fizemos cartazes prometendo 30% do valor do veículo a quem desse informações sobre o seu paradeiro e colamos esses cartazes nas tais casas da região. Passados alguns dias recebi um telefonema de alguém dizendo: - Moro em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, perto da divisa com a Argentina e sei onde está o carro. Você me paga em dinheiro se eu te mostrar onde está? Concordei. Como trabalhávamos durante a semana, marcamos encontro para o próximo sábado um almoço numa churrascaria naquela cidade. Assim, sexta-feira, após o expediente, o mano Claudio, o cunhado Bernardo e eu com meu carro viajamos até Cruz Alta onde encontramos o informante. Ao me apresentar, abri o braço para ele ver que embaixo do paletó havia uma arma. Ele perguntou se trouxemos o dinheiro eu disse que sim então ele falou: - O problema é que o carro está no pátio da casa de uma das autoridades mais importantes da cidade. Levo vocês lá, vocês constatam que o carro é de vocês, me dão o dinheiro e vou embora. Concordamos. Chegamos à casa, lá estava o fusco novo do Bernardo, com a placa original, com o tapete diferenciado que havia sido colocado. Não havia dúvida de que era ele.

Pagamos o informante. Dois ficaram no outro lado da rua para evitar que o carro fosse retirado dali e um ligou para a delegacia especializada de Porto Alegre, não adiantaria ligar para autoridade da cidade, pois estava justo na casa de uma das figuras mais importantes do município. Esperamos, vieram algumas viaturas da polícia, foi feita a vistoria para ver se o chassis não havia sido alterado, assim viajamos de volta para casa felizes recuperando o carro.

6 O INCIDENTE NA BANDEIRA

No ano de 1988, tive uma atitude arrojada. Convidei os quinze pilotos de bicicross de Brusque para participarmos de nosso primeiro campeonato Brasileiro em São Paulo. Nossos pilotos eram crianças e jovens e disseram que seus pais não aceitariam. Assim, fui de casa em casa, falei com os pais de todos, levantei os recursos necessários para pagar o ônibus e hotel e também para que, no fim de semana, os pais fossem a São Paulo prestigiar seus filhos. Isso tudo custeado com recursos que eu consegui levantar junto de empresários amigos. Nossa participação foi positiva e nossos valorosos atletas conseguiram se destacar, obtendo bons resultados apesar de novatos em competições desse nível.

Cinco minutos antes de chamarem o Rodrigo para a final, pois havia se classificado em todas as baterias, ele, com seis anos de idade, portanto sem muita noção de tempo, disse que precisava fazer pipi. Eu sabia que se ele fosse até ao banheiro ia perder a largada, então, como ele era uma criança, vi um poste ali perto e disse para ele fazer ali naquele poste, mas quando eu levantei os olhos vi que justo em cima daquele poste estava a Bandeira do Brasil. Fiquei apreensivo, então alguém passou e disse:

– Este país já está todo cagado mesmo, mais uma mijada não vai fazer diferença.

7 O BANCO E A DATILOGRAFIA

Aos vinte anos de idade, após muito esforço, pois eu trabalhava meio expediente num escritório, à tarde cursava o Científico, à noite, das 19h às 22h, o curso de Contador e, das 22h30 até a 1h, o cursinho preparatório para o Banco do Brasil, fui aprovado para ingressar no

Banco, mas antes tinha que fazer uma bateria de exames e, na "chapa" do pulmão, apareceu um problema sério. Por conta disso, fiquei durante dois meses e vinte e oito dias internado numa clínica para tuberculosos em Florianópolis, sendo que usei esse interminável período para me aprimorar espiritualmente e, graças a Deus, me recuperei e pude tomar posse na cidade de Caçador-SC.

O concurso para o Banco do Brasil era muito concorrido, só três por cento dos inscritos conseguiam aprovação. Um dos testes era de datilografia. Devíamos bater 900 toques em 6 minutos sem errar. Fui aprovado e ingressei no Banco do Brasil. Uma das minhas tarefas era preencher os envelopes das cartas direcionadas aos clientes. Eu era fera, não olhava nos teclados, lia os nomes e escrevia, até que um dia o supervisor me chamou e disse:

– Olha, acho que o Dr. Marcelino não vai gostar de ver o jeito que você escreveu o nome dele, penso que você escorregou os dedos uma coluna na máquina de escrever, olha aqui como ficou o nome dele: Dr. Merdelino.

8 CACHORRO "ATROPELOU" A MULHER DO DELEGADO

Em Caçador, passei a morar numa "república", que era no último andar do único prédio da cidade, com três dormitórios. Dormiam dois em cada quarto, havia cozinha, ampla sala e uma varanda. Levei junto para lá meu cão pastor alemão, que passava o tempo entre a sala e a sacada e, quando ele precisava "fazer as necessidades", ele batia com a pata no quarto em que eu estava, eu abria a porta, ele corria os quatro andares para baixo e ia nos fundos do prédio onde tinha um matinho. Numa sexta-feira, fomos todos num baile e sábado eu dormi até mais tarde. O Killer, meu cachorro de estimação, bateu na porta com sua pata, pois estava "apurado", eu queria dormir mais um pouco, mas como ele tornou a bater, abri a porta e ele saiu meio desesperado, correndo escada abaixo. Não demorou dez minutos, bateram na porta de entrada da nossa "república". Era o delegado de polícia, que morava no segundo andar, e me perguntou:

– Um cachorrão desceu a toda o prédio e "atropelou" minha mulher, que vinha subindo com várias sacolas de compras na mão, esparramou tudo pelo chão. Esse cachorro é seu?

Respondi positivamente e pedi perdão. Ele recomendou que eu desse um jeito de deixar esse cachorro noutro lugar.

9 O AMIGO E O MAR

Naquela época, eu queria dar sequência nos estudos, mas a cidade com faculdade mais próxima era União da Vitória, no Paraná, distante a 94 km por estrada de terra. Então, após o expediente do Banco em Caçador, com meu carro Berlineta Interlagos (um carrão naquela época), eu viajava até União da Vitória para fazer faculdade de Letras. Como eu não conseguia ir todos os dias, escolhi o colega mais humilde da sala, o Antônio, e perguntei se ele copiaria as matérias para mim nos dias em que eu não pudesse ir, pois ainda não havia xerox, ao que ele concordou. Uma vez por mês, após a aula eu vinha para o litoral. Quando eu chegava a Balneário de Camboriú, o sol estava começando a aparecer e eu ficava dando cavalinho de pau na areia da praia. Um dia, convidei o Antônio para passar o fim de semana comigo na praia e ele disse que nunca tinha visto o mar e que sua mãe não deixaria. Fui até à sua casa e a convenci a deixá-lo ir comigo, eu me responsabilizaria por ele. Lembro que foi, para mim, maravilhoso observar a sensação de um adulto quando pisa no mar pela primeira vez, então ele falou:

- Mas que baita açude este tal do Oceano Atlântico! Eu tentava convencê-lo de estudar para o concurso preparatório para o Banco do Brasil, que era um dos melhores empregos naquela época, mas ele argumentava que na sua cidade não havia cursinho, não tinha chance, então emprestei para ele algumas apostilas. Acabei sendo transferido pelo Banco para a cidade de Brusque e perdi o contato com o Antônio. No Banco, fazíamos vários cursos de aperfeiçoamento em outras cidades como São Paulo, Londrina, Curitiba etc. Assim, fiz ao todo quarenta cursos fora e, numa dessas vezes, em Curitiba, fazendo o de Matemática Financeira, um dia nosso professor, ao término da aula, falou:

– Marcos Welter, dirija-se à sala dos professores.

Eu fiquei apreensivo, pois achei que devia ter cometido uma falha grave. Quando entrei na tal sala, havia vários professores e um deles, apontando o dedo para mim, falou em tom alto:

– A culpa é dele.

Olhei bem para aquele professor e o reconheci, era o Antônio que passou no concurso do Banco do Brasil e já se tornara professor. Foi um aprazível reencontro.

10 PERNA DE BARATA NO MEIO DAS HOSTIAS

Formado em direito na FEPEVI, hoje UNIVALI, passei a trabalhar meio expediente no Banco do Brasil em Brusque e o tempo restante como advogado. Tinha uma banca com seis funcionários, sendo que um dos meus clientes, a Cia de Cigarros Souza Cruz, uma potência na época, me entregou para cobrança um valor substancial cujo devedor era um grande produtor de fumo no município de Vidal Ramos, distante cerca de duas horas e meia de carro de Brusque por estrada de barro.

Fiquei sabendo que o devedor tinha um filho que era advogado em Curitiba, combinei com ele que iria fazer a cobrança num dia em que seu filho advogado estivesse presente, assim seria uma "briga de cachorro grande". Na data combinada, viajei, num sábado, a Vidal Ramos. Ao chegar lá, fui recebido pelo tal advogado, que me informou que, infelizmente, eles, ao marcarem o encontro, não haviam lembrado que justamente naquela data o padre viria de viagem para celebrar a missa na fazenda. Completou dizendo que, se eu ficasse para a missa, poderia depois almoçar com eles e o padre. Quando este fosse embora, poderíamos tratar de nosso assunto, ao que aquiesci. No meio da celebração da missa, o padre com a patena das hóstias na mão, virou-se para o público e perguntou:

– Quem é o responsável pela limpeza aqui das hóstias?

Ao que uma senhora apontou para um homem e este disse que era ele o responsável, então o padre pegou da patena alguma coisa, mostrou para todos e falou:

– Olha aqui, perna de barata no meio das hóstias, o senhor tem que ser mais cuidadoso.

Naquele dia eu não tomei comunhão. Após almoçarmos e, quando o reverendo foi embora, fizemos um acordo para o pagamento da dívida. Como meus honorários, propuseram uma parte em dinheiro mais um carro FIAT 147 zero, que tiraram da loja naquela semana e outro tanto em trinta dias. Voltei para casa feliz por ter conseguido um bom acordo e porque vim sentado "na grana" e de carro novo.

11 ADEUS VAINE

Num fim de tarde recebi um telefonema meio estranho de um amigo, ele me falou:

– Estou aqui na sacada do meu apartamento e presenciei uma cena horrível, um veículo, dirigido por um jovem, em altíssima velocidade atropelou uma mulher com tamanha violência que ela voou por cima o carro e caiu de cabeça no chão, está uma poça de sangue e seguramente ela está morta.

Eu pensei, por que será que ele está me contando isto? Ao que ele continuou dizendo que a vítima era a minha mulher.

Reuni meus três filhos e fomos ao hospital onde o médico Dr. André Karnikosky, todo ensanguentado, falou que fizeram o que era possível, mas infelizmente ela estava morta. Abraçados, nós quatro choramos muito e então tivemos que tomar as providências.

Passado um tempo, eu estava na Casa Paroquial São Luiz Gonzaga para combinar com o pároco, padre Diomar, detalhes da missa em que nosso grupo de Canto Alemão iria cantar três músicas sacras em alemão e, conversando com ele, estava a Sra. Alaíde Cavalca que disse: – Padre, eu nunca vi tamanha demonstração de cristandade e fé como foi o velório e enterro da esposa do Marcos Welter. Agradeço a DEUS, pela maravilhosa mãe que deu para meus filhos e então tomei uma atitude, deixei um dos dois empregos que eu tinha, pois agora eu não seria só pai, seria pai e mãe, portanto, teria que dedicar mais tempo para meus amados filhos.

12 OS ANIVERSÁRIOS

Uma das fases importantes da minha vida foi o bicicross praticado pelos filhos Marlon, Maicon e Rodrigo, que, em conjunto conquistaram o título de Campeões Brasileiros por 17 vezes, além de campeões Pan Americanos, Campeões Sul-Americanos, Vice-Campeão Mundial e Campeão Mundial, representaram o Brasil em 15 campeonatos mundiais, vestindo a camisa da seleção brasileira. Esses eventos, dos quais participavam cerca de 2.200 pilotos de 34 países, eram realizados entre julho e agosto de cada ano e eu era o Delegado da Confederação Brasileira. Assim, passei alguns aniversários fora do país.

ESPANHA

Em 1989, estávamos em Aranda de Duero, na Espanha. Eu, como responsável por trinta atletas brasileiros, fui chamado na portaria no hotel pelo gerente no segundo dia em que estávamos lá. Muito bravo, de forma áspera, ele me falou:

– Quero que o senhor se retire imediatamente do meu hotel com seu bando de porcos.

Fiquei assustado e disse que sairíamos, mas antes eu precisava saber o que eles tinham feito de errado para que eu os repreendesse e não viessem a cometer tais irregularidades, ao que ele falou ainda mais alterado:

– Onde é que já se viu as minhas funcionárias terem que ajuntar a "merda" desses guris.

Ao que pedi que me explicasse melhor. Ele, então, continuou dizendo que nossos atletas, após fazerem "o número dois", ao se limparem, ao invés de jogarem o papel dentro do vaso sanitário, colocavam esses papéis sujos ao lado do vaso. Então, eu lhe expliquei que, no Brasil, para evitar que o vaso sanitário seja entupido, sempre há um cesto ao lado, onde as pessoas colocam o papel usado. Ele então pediu desculpas pela grosseria, disse que iria providenciar pequenos cestos nos banheiros e, para superar o "mal entendido", mandou vir uma caixa de cervejas para tomarmos e continuar no seu hotel.

O Rodrigo, após vencer todas as oito baterias classificatórias com concorrentes de 32 países, conquistou para o Brasil o título de Vice-Campeão Mundial e, ao chegarmos de volta ao Brasil, desfilou em cima do carro do corpo de bombeiros pela cidade, que o recebeu com festa pelo glorioso título alcançado.

Mas lá na Espanha, havia uma carência na nossa alimentação que era a carne, pois o bife era de soja, uma carne borrachuda e sem sabor. Então, num sábado, eu conversei com o pessoal do hotel e perguntei se podia fazer um churrasco no pátio mais nos fundos, ao que concordaram. Como ao lado havia uma casa em construção, juntei uns tijolos, fiz o que chamamos de uma tijoleira, fiz amizade com um garçom que foi comigo num açougue, que lá eles chamam de *carnicería*, para comprar a carne para toda a delegação brasileira. No balcão, o vendedor me perguntou o que eu desejava, falei oito quilos de alcatra, ao que ele perguntou meu nome, então ele olhou no seu caderno de clientes e me respondeu:

– O Senhor não está cadastrado. Aqui só se vende carne para pessoas cadastradas e são 280 gramas por pessoa por semana.

Que decepção para nossos atletas. Voltamos ao hotel, agradeci ao garçom que nos acompanhou e desmontei a "tijoleira", sendo que a vontade de comer um churrasco permaneceu até o nosso retorno à Pátria Amada.

FRANÇA

Em 1990, o Campeonato mundial foi em Paul Ricard, na França. Voamos até Paris, estávamos embaixo da Torre Eiffel trocando ideia até onde subiríamos: no primeiro estágio, onde tem restaurante; no segundo, onde tem o museu de Eiffel; ou no último, onde tem uma esplendorosa vista da Cidade Luz. Então, o Rodrigo perguntou:

– Quando nós quatro vamos estar de novo aqui e teremos esta oportunidade? Vamos subir até o topo.

Ao que Marlon e Maicon concordaram. Como se trata de uma torre alta, ela balança um pouco. De dentro do elevador, olhávamos para cima, lá no alto, parecia uma caixa de fósforo. Era o final, muito longe, estávamos cerca de 20 pessoas no elevador que começou a balançar, o Maicon, julgando que não havia outros brasileiros no elevador falou:

– Essa merda vai cair.

Então, um casal que estava junto no outro lado do elevador começou a rir, falei para o Maicon:

– Disfarça que tem mais pessoas que entendem nossa língua.

A vista lá de cima é realmente um espetáculo inesquecível.

Viajamos até Toulon, que fica a 26 km de Paul Ricard. Lá, fui em uma agência de turismo para alugar hotel em Paul Ricard, ao que me informaram que não havia. Fui noutra agência em que me disseram a mesma coisa. Quando na terceira empresa de turismo me deram a mesma resposta, eu pedi para a moça me explicar, pois todos os anos assistimos pela TV às corridas de Fórmula 1 com as vitórias de Ayrton Senna e Emerson Fittipaldi lá realizadas. Ao que a atendente me falou que Paul Ricard fica no topo de uma montanha, um lugar plano, que não tem nada. Quando ocorrem as corridas, levam tudo para lá, montam o circo e, ao término, desmontam tudo. Então, pedi para ela a gentileza de tentar conseguir um hotel, hospedaria ou algo do gênero o mais próximo possível.

Após vários telefonemas, ela disse que, a quatro quilômetros de Paul Ricard, havia uma casa de repouso e que agora mesmo vagaram dois quartos. Perguntei se podia pagar para ela para garantir a reserva e ela concordou. Fiquei muito feliz. Pegamos dois táxis, um para nós e outro para as quatro bicicletas, e rumamos até a tal casa de repouso, onde tomamos posse dos dois quartos e seguimos com os dois táxis até a pista, pois eu pensava que se a subida não fosse muito íngreme, poderíamos ir de bicicleta, mas tínhamos que ver primeiro. Realmente, era tudo morro acima, portanto era impossível que os atletas, diariamente, pedalassem quatro quilômetros morro acima para chegarem ao Campeonato Mundial.

Lá na pista, falei com um dirigente, contei nosso problema, eu teria que diariamente pagar dois taxis para virem de Toulon até a casa de repouso, rodando 22 km sem ninguém, um para levar as bicicletas e outro para nós quatro até a pista, perguntei se ele não conseguia um espaço para guardarmos nossas bicicletas lá durante o campeonato, ao que ele gentilmente disse que poderia, excepcionalmente, guardar nossas bicicletas na sua barraca, mas pediu que não contássemos para ninguém, pois na

sua barraca não caberiam as 1.800 bicicletas dos competidores. Então, eu lhe falei que na área privativa da sua barraca eu não teria acesso com meu crachá de Delegado da Confederação Brasileira, ao que ele falou:

– Vamos estabelecer uma senha: "*Catre Velô Brasil*", (que em português significa "quatro bicicletas Brasil") eu passo para o segurança e, quando vocês disserem essa senha, terão acesso à barraca e às suas quatro bicicletas.

Fiquei feliz, a metade do problema estava resolvido. Seguimos com os dois táxis até a casa de repouso, onde agradeci aos motoristas e perguntei quanto era, me responderam:

– São duzentos e quatro dólares, (naquela época ainda não havia o Euro).

Eu, então, lhes perguntei se duzentos dólares pagavam, ao que me responderam:

– Cavalheiro, duzentos e quatro dólares não são duzentos dólares, o senhor, por gentileza, pague duzentos e quatro dólares.

Aprendi que na Europa não funciona o jeitinho brasileiro.

À noite, após o jantar na casa de repouso, uma senhora, que também jantava com seu marido e filha, me disse que seu marido gostaria de falar conosco. Disse que também estavam lá em função do Campeonato Mundial e perguntou como iríamos, diariamente, até a pista. Eu falei que iríamos de táxi, que viria de Toulon, distante a 22 km só para nos levar os quatro quilômetros até a pista. Então, ele falou que, como ele estava com um carro e a mulher com outro, ele nos emprestaria um carro por uma semana. Fiquei muito impressionado com a generosidade e perguntei no que ele trabalhava, ele respondeu que era engenheiro e preparava os turbos do Ayrton Senna por quem tinha profunda admiração, então entendi o porquê de tamanha disposição em nos ceder um automóvel.

No campeonato mundial, o Marlon superou seus adversários nas sete baterias classificatórias chegando até as semifinais. O Rodrigo venceu todas as etapas classificatórias, chegando na final em sétimo lugar. O Maicon superou seus adversários até a etapa final conquistando o título de quarto colocado no Campeonato Mundial. Naquele ano, meu aniversário foi comemorado de forma comedida na casa de repouso, pois fomos alertados de que deveria haver silêncio no local, onde quase todos eram idosos.

NORUEGA

No verão de 1991, toda a minha família estava no Balneário de Barra do Sul (SC) jogando voleibol. Meus amados pais, Affonso Eugênio Welter e Sonja Edith Welter, com seus onze filhos e netos, sentei-me ao lado de minha avó materna, sra. Elfrieda Hansson Schubert, que estava com mais de noventa anos e assistia aos jogos, e comecei a lhe perguntar acerca de seus ancestrais, ao que ela falou que sua mãe, Sra. Auguste tinha sido cozinheira no Palácio Real de Drottingholm, na Suécia, e seu pai, Jenns Hansson, havia sido comandante da artilharia naquele país. Anotei os dados apenas para registro de árvore genealógica, mas, dali há três meses veio, a convocação da Confederação Brasileira de Bicicross para o Marlon, Maicon e Rodrigo, face aos excelentes índices obtidos, mais uma vez representarem o Brasil no Campeonato Mundial de bicicross que seria em Stavangen, na Noruega, país limítrofe da Suécia, cuja rainha chama-se Sílvia, de ascendência brasileira.

Entrei em contato com o palácio e, após o campeonato mundial fomos recebidos, como convidados do Palácio Real, que tem 550 quartos, alguns dos quais visitamos, sendo que um tinha uma cadeira de cada século, outro tinha as peças que compunham o quarto da rainha anterior, noutra sala estavam os bustos dos reis ou rainhas que a Suécia já teve, dentre eles a rainha Sonja (Daí a razão do nome de minha amada mãe ser Sonja) outra sala estavam estampadas nas paredes as pinturas das batalhas que a Suécia já teve. Havia o nome da batalha, o ano, os principais militares daquela disputa, depois o desenho das montanhas e do outro lado as fortificações inimigas. Imaginei se um aluno daquele país tiver acesso a tudo isso, verá desenhada nas paredes uma sequência histórica importante. Depois de ver várias batalhas, numa delas, ao ver estampado na parede o nome do meu trisavô, Comandante Jenns Hansson, tirei do bolso a cópia da carta que havia escrito para me certificar de que eu estava certo. Senti uma sensação maravilhosa, como se eu fosse só luz, só espírito, ou seja, uma dimensão de prazer que eu nunca havia sentido justo no meu aniversário. Na volta de nossa viagem, sentado juntamente com meus filhos, mostramos as fotos para minha avó, que lacrimejava de emoção ao ver o palácio onde sua família havia morado e trabalhado.

SUCESSO

O maior presente de aniversário que ganhei foi em 1992, quando o Rodrigo conquistou para o Brasil o título de Campeão Mundial de Bicicross.

ALEMANHA

Em 6 de agosto de 1993, após o Campeonato Mundial na Holanda, em que o Rodrigo liderou de ponta a ponta todas as baterias até a semi-final, fizemos uma turnê, eu e meus bravos filhos, pela Bélgica, Inglaterra (para onde viajamos de navio), Luxemburgo e Alemanha, onde, na cidade de Trier, de onde vieram nossos ancestrais paternos, ficamos hospedados na casa das freiras, num convento que, ao serem avisadas pelos meus filhos da importância daquela data para mim, prepararam uma festinha com bolo, confete, serpentina e muito vinho. Se vinho de padre já é bom, imagina vinho de freira. Cantamos, tiramos fotos, enfim, pela seriedade do ambiente, foi tudo muito descontraído e as religiosas ficaram encantadas com as mímicas e brincadeiras do Rodrigo. Enquanto eu fui ao banheiro, as freiras disseram para meus filhos que gostariam de me dar de presente uma caixa daquele vinho de que eu tanto gostei, ao que eles disseram:

– Olha, nós já estamos com tanta bagagem além das quatro bicicletas, somos muito gratos, mas seria melhor as senhoras darem só uma garrafa.

Ainda hoje tenho vontade de tomar aquele vinho especial das freiras de Trier.

No dia seguinte, fomos ao cartório onde, após duas horas e meia de pesquisa folheando certidões antigas, parte delas em alemão e parte em francês – estas do tempo em que Napoleão invadiu a Alemanha –, finalmente me deparei com a da Certidão de Casamento do meu bisavô, Sr. Bernhard Welter. Isso graças às pesquisas de meu sábio pai Affonso Eugênio Welter. Em seguida, fomos à Casa Paroquial, onde consegui a certidão de embarque de meu trisavô, sua esposa e filhos de mudança para o Brasil em 1.848 e cópia desses preciosos documentos entreguei

para todos os familiares na realização da Welter-Fest, que foi em Joinville, após duas semanas de nosso retorno.

Em Londres, comprei de presente para mim um jogo de café de fina porcelana da Rússia e um aparelho de som. Dos filhos, ganhei um relógio dourado muito bonito que guardo com bastante carinho.

ESTADOS UNIDOS

Em 1994, de novo na ocasião de meu aniversário, estávamos fora do país. Dessa vez, em Miami, pois o Campeonato Mundial foi nos Estados Unidos, onde, junto com Marlon, Maicon e Rodrigo, preparamos uma festa para 60 brasileiros que faziam parte da delegação brasileira de bicicross, isso no hall de entrada do hotel, com a devida autorização do gerente. Lá pelas tantas, tivemos a desagradável visita da polícia dizendo que se em cinco minutos não parássemos com a algazarra, iríamos presos. Mostrei, então, minha identidade, provei que era data de meu aniversário e que não estávamos molestando ninguém, apenas o jeito de fazer festa do brasileiro é mais alegre e extrovertida, mas que não prejudica ninguém. Pediu-nos que fôssemos mais moderados em externar nossos sentimentos (nessas ocasiões é que nos damos conta de como é maravilhoso viver no Brasil).

MENDIGANDO NO CARIBE

Em 1995, resolvi passar meu aniversário mergulhando num paraíso chamado Arquipélago de Los Roques, no Caribe, que fica a 160 km de Caracas. A área protegida contém mais de 300 ilhas e recifes, um verdadeiro paraíso. Estava no aeroporto de Maiquetia, na Venezuela, fui a uma agência perguntar sobre voo para Los Roques e me informaram que só haveria no dia seguinte. Fui à outra agência, a mesma resposta, então fui abordado pela funcionária da primeira agência que saiu do seu guichê, veio ao meu encontro e perguntou:

– É o senhor que quer ir a Los Roques hoje?

Ao que respondi positivamente. Ela contou, então, que houve uma emergência e estava saindo um aviãozinho naquele momento para buscar um doente que passou mal lá:

– Se o senhor quiser ir junto, me acompanhe correndo.

Saímos pela pista afora, entrei num aviãozinho pequeno, com lugar para só seis pessoas, sentei-me na frente, ao lado do piloto, me senti o rei da cocada. Após quarenta minutos de voo, o mar começou a ficar azul turquesa, verde esmeralda, transparente, de uma beleza magnífica, pois Los Roques é um lugar de uma beleza extraordinária, um dos paraísos mais belos que Deus criou e o "*homo sapiens*" ainda não destruiu. Aterrizamos no minúsculo aeroporto, desembarquei e, então, um senhor me perguntou se queria um táxi. Disse que sim, então ele colocou minha mala num carrinho de mão e fomos até a hospedaria, pois lá não tinha nenhum veículo motorizado. Fiz mergulhos inesquecíveis, a sensação que a gente sente quando está lá embaixo mergulhando é indescritível, muito prazerosa, talvez porque voltamos a sentir o prazer que sentíamos quando estávamos ainda no ventre de nossa mãe.

Após uma semana em estado de êxtase, voei de volta para a Venezuela, mas a vontade de mergulhar não passou, então posterguei meu retorno e comprei um voo para Isla Margarita, no Caribe, que é do tamanho de Florianópolis. No primeiro dia, aluguei uma moto para dar a volta na ilha e conhecer os melhores pontos para mergulho. No segundo dia, pus no bolso só o dinheiro para o ônibus e para almoçar e saí com meu equipamento de mergulho. Quando cheguei ao ponto, o ônibus parou, entrei, todos os bancos estavam ocupados, estando vago só aquele do meio lá bem no fim sendo que em ambos os lados deste estavam sentados dois afrodescendentes que me fizeram sinal para sentar lá. Sentei e, dali a pouco, um deles começou a abrir a perna e roçar na minha. Fiquei incomodado, fechei as pernas e o outro começou a fazer a mesma coisa do outro lado. Me senti muito desconfortável, estava todo encolhido e os dois tirando sarro nas minhas pernas.

Quando cheguei ao local pré-estabelecido, desci do ônibus, me senti muito chateado, mas aliviado por aquilo ter terminado. Passei a mão no bolso e então tive uma surpresa: "Cadê o meu dinheiro"? Daí me dei conta de que os dois que estavam no meu lado faziam aquilo e estavam com os braços cruzados, assim com os dois dedos tiravam o dinheiro do meu bolso, mas eu, incomodado com as pernas deles me roçando, não percebia. Pensei cá com os meus botões, vou mergulhar, fico sem almoçar e na volta dou um jeito. Aquele mergulho não foi dos

melhores, embora mergulhar no Caribe seja sempre muito bom. No fim da tarde, fui até o ponto do ônibus, contei para as pessoas que eu havia sido furtado e que precisava de uma esmola para poder pagar o ônibus. Assim, consegui umas moedas de cada um, faltou ainda um pouco então contei meu caso para o cobrador que perdoou a diferença. Naquele ano, o que marcou o meu aniversário foi ter que pedir esmola.

ESTADOS UNIDOS NOVAMENTE

Em 1995, estava, na ocasião do meu aniversário, em Orlando, nos Estados Unidos, com Rodrigo, já que o Marlon e o Maicon ficaram tomando conta da imobiliária. Assim, com mais dezoito brasileiros amigos nossos, participantes do campeonato mundial de bicicross, paguei um jantar para todos num restaurante brasileiro, onde a comida era mais familiar e podíamos nos expandir e extravasar nossa alegria.

PERSONALIDADE BRASILEIRA

A Câmara Comercial, Industrial e Administrativa de São Paulo concedeu aos desportistas Ayrton Senna e Rodrigo Welter o título de PERSONALIDADE BRASILEIRA.

BRASIL

Em 1996, pude comemorar meus 50 anos no Brasil, numa festa na qual compareceram 136 pessoas, entre parentes e amigos. Após a missa solene (porque coincidiu com a primeira missa celebrada por um jovem padre na igreja de Azambuja, recém pintada e ricamente decorada), sentamos: meus pais, meus filhos, a juíza dra. Terezinha, meus irmãos e minhas irmãs com seus cônjuges, todos nas primeiras filas previamente reservadas. A cerimônia foi muito bonita e concorrida. Dali fomos ao clube Bandeirantes, onde serviram petiscos à base de caviar, bons uísques, vinho alemão, um bufê escolhido detalhe por detalhe, assim como também os arranjos, cortinas e bolo. Após fazer a apresentação de meus pais e meus irmãos aos amigos presentes, o Amilton e a Kátia emocionaram a todos com apresentações de música com as letras de composição deles próprios, e homenagens maravilhosas. A seguir, ao

som de Mimi Reis e Bia Barros, dançamos e festamos até de madrugada, quando contei os 67 presentes recebidos. Fiquei feliz em poder reunir minha família e amigos numa ocasião tão marcante.

HOMENS NUS

Estava no noroeste da Argentina, na cidade de San Antônio Del Sur Del Este, e procurei um camping. Na portaria, perguntei se tinha água quente e luz, me informaram que sim, era tudo o que eu queria. Lá pelas dezoito horas arrumei minha trocha de banho. Chovia muito. Quando entrei no banheiro, aquele piso estava todo enlameado e havia uma fila com cerca de vinte homens de pé, sendo que os três primeiros estavam pelados. Me assustei, algo estava errado, perguntei por que aquilo e me informaram que a energia era de gerador e apagaria às vinte horas e acabaria a água e a luz, portanto tinha que ser rápido. Entrei na fila e quando eu era o quarto olhei para traz. Ninguém me conhecia, isso diminuiu um pouco a vergonha, tirei a roupa e a coloquei num banco. Quando chegou a minha vez, afastei aquela cortina de plástico pegajosa, nojenta e, embaixo do chuveiro, havia meio palmo de água, xixi, cabelo, uma nojeira. Olhei em volta e vi lá num canto uma cadeira de plástico. Fiquei faceiro, pensei: estou salvo desta imundície. Botei a cadeira embaixo do chuveiro, subi nela, estava me ensaboando quando olhei para baixo e vi que a cadeira estava abrindo as pernas, pensei:

– Meu Deus, eu não queria sujar os pés nesta porcaria agora estou sujeito a cair por inteiro nesta imundície.

Me abaixei ligeiro, acabei tomando meu banho com um pé fora e o outro estendido para pegar uns pingos de água do chuveiro. Quando eu ia saindo, vi que, no banheiro das mulheres, do qual não se via o dos homens, estava entrando uma mulher. Como eu falei, tudo era lama e ela estava com uma criança de uns quatro anos no colo. O piá estava pelado, com desarranjo intestinal e fazia aquele "chuveirinho de caca" para completar a porcaria.

NOCHE MUY CALIENTE

Estava retornando de Machu Picchu, no Peru, cruzando a Bolívia, na cidade de Santa Cruz de La Sierra, próximo a La Paz, onde o meu

filho Rodrigo havia conquistado, para o Brasil, há cerca de dez anos, o título de Campeão Panamericano de Bicicross. A cidade fica a mais de três mil e seiscentos metros de altitude com relação ao nível do mar, ou seja, ar rarefeito, tanto que, na chegada da competição, havia dirigentes com tubos de oxigênio para auxiliar os pilotos que chegavam exaustos.

Primeiro, preciso contar sobre a sensação que se sente em Machu Picchu, após ter visitado todas as maravilhas da cidade sagrada dos Incas, não queremos sair de lá, é uma sensação de felicidade, de paz interior e de bem-estar. Então, me dei conta de que os Incas, que já foram eliminados da face da terra pelos que se dizem civilizados, escolhiam para sua morada o lugar com a melhor energia, e fico pensando como nós, que nos julgamos evoluídos, escolhemos o lugar para morar em função do preço, da localização próxima à escola, ao trabalho etc., mas raros se dão ao trabalho de pesquisar a energia do lugar, resultando em frustrações futuras cuja origem desconhecemos.

Estava, então, cruzando Santa Cruz de La Sierra, uma cidade com um milhão e setecentos mil habitantes, no tempo em que não havia GPS, quando um Jeep passou do meu lado devagar e o motorista me fez sinal para parar. Como eu havia passado por países com placas como "somente peça informações para policiais fardados", face ao risco de assaltos, nem dei atenção, segui. Mais para frente, a mesma pessoa voltou a me fazer um sinal para falar comigo, ignorei e segui. Na terceira vez, ele passou no meu lado e falou:

– Eu também sou brasileiro, meu nome é César, gostaria de falar contigo.

Então estacionei e ele contou que tem uma agropecuária, desejava muito retornar ao Brasil e perguntou para onde estávamos indo. Falei que estávamos retornando ao Brasil, ao que ele perguntou se voltaríamos pela Argentina e Chile. Expliquei, então, que minha intenção era cruzar a Bolívia. Ele tentou me dissuadir, dizendo que uma vez cruzou a Bolívia com seu Jeep, que quase desmanchou todo, uma estrada horrível segundo ele. Isso me agradou, pois estava há semanas viajando pelo asfalto e queria mesmo uma aventura. Então, lhe afirmei que definitivamente iria cruzar a Bolívia. Ele falou que um percentual elevado de veículos que estão emplacados naquele país foi roubado no Brasil e emplacado "regularmente" lá, portanto sugeriu cautela e continuou falando:

– Se você realmente quer encarar essa aventura, me siga por cerca de vinte quilômetros, pois o trânsito para cruzar a cidade é complicado, daí paramos e eu faço um mapinha com o roteiro.

Seguimos, ele fez anotações para mim e recomendou:

– Daqui você segue vinte e dois quilômetros, vai ter três pinheiros, entra à direita e segue, mas chegue ali de manhã cedo, tanque cheio, pois o percurso é de 580 km pela rodovia Binacional, sendo que no meio, ou seja após 290 km que levam um dia inteiro, vai ter a única cidade, chamada Roboré. Ali você reabastece e dorme, pois terá outro dia inteiro na selva.

Agradeci e segui as recomendações.

No outro dia, acordei cedo, tanque cheio, segui até os três pinheiros e dobrei à direita. Era uma estrada de barro com um palmo de poeira. Pensei que deveria estar numa estrada errada. Segui mais um pouco e havia um boteco onde quatro pessoas estavam sentadas em cadeiras numa mesa fora, ao ar livre, bem perto da estrada, fui chegando perto e quando acionei o freio aquela poeira passou à minha frente, não vi mais nada, pensei apenas que não poderia atropelar aquela gente. Felizmente deu certo, perguntei o nome da estrada e me disseram:

– *Acá és Binacional.*

Barbaridade, eu queria estar errado, mas segui e com um palmo de poeira não via os buracos e pedras, era uma pancadaria sem tamanho. Então, começou a chover forte e tudo virou lama. Coloquei a tração nas quatro rodas e segui, lembrando do que dissera o Carlos, que a estrada era infernal. Realmente, era uma pancada atrás da outra. Já estava anoitecendo e nada de chegar a tal cidade de Robore, estava começando a me preocupar. Então, quando apareceu lixo na beira da estrada, pensei: bem, por aqui mora o "ser inteligente". Segui mais um pouco e havia duas carretas em frente a uma casa, pensei: deve ser aqui a pensão ou hotel. Desci com lama até as canelas, quando cheguei na porta, uma dama vestida com roupa transparente abriu a porta pelo lado de dentro e falou:

– *Veni acá mi amor, hoy tendremos una noche muy caliente.*

Falei que procurava um hotel familiar ao que ela me indicou para seguir duas quadras adiante. Na pensão, após o jantar, o filho da proprietária me perguntou aonde eu iria, falei que para o Brasil, ao que ele me falou:

– *Entónces, usted no sabe? Mucha lluvia, el puente se fué por causa de la inundación*. (A chuva tinha levado a ponte).

OUTROS ANIVERSÁRIOS

Em 2016, quando completei 70 anos, meus irmãos vieram todos de várias cidades e festamos no restaurante Chef do Mar, em Brusque. Um ambiente muito agradável, com orquídeas, riachos, peixes ornamentais, um lugar em meio ao verde, escolhido para homenagear o saudoso e amado paizinho, que lá do céu se jubilou com o encontro dos filhos. Fizeram um banner para marcar a data. Foi um privilégio ver que os irmãos se empenharam em viajar para estarmos juntos, e isso resultou em grande felicidade.

Em 2017, fui com o Maicon visitar o Marlon e família, que moram em Fortaleza. Como era meu aniversário, já fizeram festa na chegada, com balões, salgados, doces, bolo e velas. À noite, fomos jantar no Coco Bambu, um restaurante tradicional de lá. Dia 7 de agosto, fomos ao Beach Park e no fim da tarde fomos os três na feirinha. Dia 8, fomos andar de stand up na praia do Meireles. No dia seguinte, fizemos um passeio de bicicleta. As ruas estavam reservadas e fechadas com cones, além das ciclo-faixas, com água sendo distribuída e com orientadores nas esquinas. Seguimos depois de bike dentro do Parque do Cocó, onde vimos seis macacos saguis. Voltamos uma parte correndo e, ao chegarmos no apartamento, a Sandra tinha feito um delicioso almoço. À tarde, de caiaque, fomos até o porto do Mucuripe e vimos um magnífico pôr do sol. À noite, fui jantar com Maicon e Marlon, uma deliciosa lagosta. Dia 9, fomos à Praia do Futuro, onde, na beira do mar, comemos caranguejo e, à noite, fomos jantar todos mais o Hugo e a Denise, que são compadres do Marlon e da Sandra. Dia 11, fomos ao Mercado Público, na praia do Meireles e, à noite, comi pizza com Marlon, passeamos pela famosa feirinha onde comprei, feito de madeira, um símbolo da maçonaria, e o Maicon comprou uma estátua de carranca. Foram dias intensos e felizes.

SAFARI NA ÁFRICA

Fui passar umas férias na Ilhas Mauritius, no Oceano Índico, mar transparente, dava para ver os peixes, um lugar realmente paradisíaco

e ao retornar, como a aeronave tinha que parar para reabastecer em Johanesburgo, na África do Sul, resolvi aproveitar para fazer um safari. Fiquei muito impressionado já no aeroporto, pois ao sair, na praça havia 36 automóveis de taxi, todos Mercedes Benz, prédios de luxo, e o único hotel 6 estrelas do mundo naquela época, fiquei sabendo que tamanha opulência provinha da exploração de minério, principalmente brilhantes, tão cobiçados pelas madames.

Embarquei com outras pessoas num pequeno avião para 8 passageiros e rumamos durante cerca de uma hora para o norte, sobrevoando a selva e a savana africana, apreciando aquelas belezas, tendo como destino o Kruger Park.

Novamente fiquei impressionado com o hotel, no meio do mato, de luxo, sendo que da varanda podia ver os animais "não agressivos", tipo zebra, girafa e outros que circulavam livremente ali muito próximos da gente.

No outro dia, quando as últimas estrelas ainda brilhavam lá em cima no sótão do céu, porque os safaris começam cedo quando os animais estão mais ativos, embarcamos num Jeep, o motorista, que também é guarda florestal armado com uma Winchester Magnun calibre .458, colocou munição então eu perguntei a ele se era anestésico, ao que ele respondeu:

– Não senhor, são balas de verdade, se os animais atacarem eu tenho que defender vocês. Na frente do Jeep, junto ao para-choque havia instalada uma cadeira, portanto bem baixinho, próxima ao chão, e ali sentava um "mateiro", um expert em pegadas que avisava ao motorista as pegadas de cada tipo de animal que avistava, seguimos e lá pelas tantas o "mateiro" informou que cruzaram para a direita uma família de leões, então o motorista começou a seguir estas pegadas até que avistamos caminhando uma leoa, mais à frente um leãozinho e à frente, como que comandando o pelotão, um leão, com sua imponente juba. Eles seguiam num rumo e nós apreciávamos maravilhados aquela cena, até que o leãozinho parou junto a uma árvore, começou a arranha-la, como que querendo subir, então o leão voltou, deu um urro bravo como que dissesse: - Não é hora de brincar, vamos em frente, e seguiram. A melhor época para um safari é em setembro, pois o inverno secou as folhas então os animais não tem onde se esconder e ficam mais visíveis.

O grande objetivo de quem faz um safari na África é apreciar "Os Cinco Grandes", que são: Leopardo, leão, búfalo africano, elefante e rinoceronte, sendo que este é o que mais nos assustava, pois com aquele osso enorme no nariz, se investisse contra o Jeep faria um grande estrago, mas o que os guias e motoristas mais temem é o búfalo, pois do nada, sem ser atacado, investe contra tudo e contra todos. No final da tarde, paramos a certa distância de um lago onde os animais vem beber água antes de irem dormir enquanto nós tomávamos uma champagne para comemorar mais esta experiência. O jantar no hotel foi servido embaixo de árvores, sendo a iluminação de tochas de fogo, muito bacana.

Assim como nosso grupo fez um safari de contemplação, próximo dali há fazendas onde os turistas vão para caçar, realmente matar os animais selvagens, tudo permitido pela lei, então nesta última noite, antes do jantar, nos sentamos em torno de uma fogueira e conversamos sobre o dia, exatamente como Ernest Hemingway, que escreveu bastante sobre caça e pesca e então nós comemos a carne dos animais que haviam sido abatidos pela outra turma, só que a carne destes é muito forte, dá uma reviravolta no estômago, tanto que no outro dia, rumando ao aeroporto, corri ligeiro para o banheiro, maio desesperado, felizmente cheguei em tempo. Agradeço a Deus por me permitir mais esta maravilhosa experiência.

ÍNDIA

Sugestão do "amigo da onça": alugue um carro na Índia e saia dirigindo, vem gente a pé, de moto, de tuc-tuc, de carro, vêm camelos e as intocáveis vacas sagradas. Isso de todos os lados, embora o trânsito seja mão inglesa, todos buzinam, todos os caminhões têm escrito: buzine, é uma cultura. Penso que foi aqui que inventaram a expressão trânsito caótico. Por precaução, contratei um carro com motorista por três dias para fazer um *city tour* por Nova Delhi, me levar até a cidade de Agra para conhecer o famoso Taj Mahal, em estilo mongol, feito em mármore branco, que é o símbolo do amor, e até Jaipur, a Cidade Rosa, na qual circulam livremente 7.000 macacos. Nos três dias, nosso motorista bateu o carro duas vezes.

Os hindus frequentam Templos, os muçulmanos, que professam a fé islâmica, frequentam Mesquitas e os sihs frequentam Templos e usam turbante, rezam para o Guru e têm o templo Gurudiwara.

Visitei o templo de Akshardham, morada divina de deus, o maior templo hindu do mundo, um dos principais atrativos da Índia, com milhares de figuras entalhadas. Dentro, há uma imagem do Buda enorme revestida em ouro, o mais belo, mais conservado e mais trabalhado, energia ótima, me arrepiei várias vezes. É magnifico, com figuras feitas em mármore de 148 elefantes em tamanho real, 869 pavões reais, sendo essa ave um símbolo de beleza e pureza, ave nacional da Índia. Há, também, 125 esculturas humanas, num total de 20.000 figuras esplendorosamente esculpidas, algumas com 18 metros de altura. Painéis em bronze, tendo um altar de Banyan Swamina Raya, rendem homenagem a Krishna. Naquela noite, fiquei três horas sem dormir, sem qualquer motivo, sem qualquer preocupação, extasiado com o que vi. Agradeço a Deus pelas maravilhas que me proporciona.

SEGURANDO UMA COBRA NAJA

Na hora do almoço, pedi ao motorista Rocky para me levar a um restaurante de comida típica indiana. Ao chegarmos, no lado de fora da porta, havia um legítimo encantador de serpentes. Ele me viu, percebeu meu interesse e me fez sinal para sentar ao seu lado no chão, colocou uma cobra nos meus ombros, abriu o cesto onde estava uma naja, começou a tocar a flauta, a naja começou a se agigantar, ele deu o cesto na minha mão e continuou a tocar a flauta. Eu estava com a naja eriçada me olhando a meio metro de distância, mostrando a língua, o que rendeu boas fotos. Depois é que a gente se dá conta de que algo poderia ter dado errado. Felizmente tudo deu certo, valeu mais essa emoção.

A Índia é um país milenar, místico e misterioso, país multicolorido nos sáris das mulheres e nos turbantes dos homens, país dos cheiros fortes, quase embriagantes, onde as vacas são mais respeitadas e consideradas que os homens, pois estes são considerados "impuros". País onde as castas e as classes sociais são absurdas, desde a opulência chocante dos marajás até as crianças vestindo apenas farrapos, com suas carinhas tristes e sujas pedindo desesperadamente comida pelas ruas da cidade.

AINDA NÃO MATABICHEI

Para Moçambique, na África, fui em 2018 para visitar as obras da Irmã Emília Welter que, dentre outras, fundou uma escola desde o pré-primário e que hoje tem 568 alunos em todos os níveis até o pré-vestibular. Fui também com a intenção de obter lá, junto à comissão de Justiça e Paz, documentos que comprovassem os extraordinários feitos da Irmã Emília com vistas a fazer a indicação do seu nome, em Estocolmo, na Suécia, ao Prêmio Nobel da Paz. Um dia, saí do Convento das Freiras acompanhado de um seminarista, caminhamos uns vinte minutos até a estrada principal, onde embarcamos numa chiapa, que é o único meio de locomoção naquela região. Chiapa é uma Kombi, ou uma Besta, com capacidade para 12 pessoas, mas cuja lotação é ultrapassada, indo em torno de 26 pessoas. Assim, antes de entrar, a gente segura o dinheiro na mão, pois, se entrarmos primeiro, levaremos alguém no colo e, se entrarmos depois, vamos no colo de alguém. Quando é necessário sentar nos bancos que ficam muito próximos, um de frente ao outro, ficamos, literalmente, encoxados com o da frente. O problema é que eles tomam banho uma vez por semana no rio, sem sabonete, e o desodorante ainda não é conhecido deles. Então, quando entramos numa chiapa, levantamos o nariz lá em cima, respiramos só um pouquinho para sobreviver e ficamos rezando para a condução não bater. Quando chegamos à vila, o seminarista me falou:

– Ainda não matabichei.

Fiquei tentando adivinhar o que aquilo significava, pensei: ainda não matei o bicho e perguntei se ele estava em jejum ao que concordou. Fomos, então, a uma padaria para ele matabichar.

Ao meio-dia, após retornarmos, a irmã Emília me falou que às 14 horas teríamos um encontro com as 84 alunas internas, que moram em tribos distantes nas montanhas e, por isso, não têm condições de diariamente retornar a suas casas, portanto dormem no internato.

Conforme combinado, no horário aprazado, estava eu sentado num salão ao lado da Irmã Emília. As 84 moças tocavam chocalho e tambor, faziam danças típicas. Quando a música parou, uma delas de dirigiu a mim dizendo:

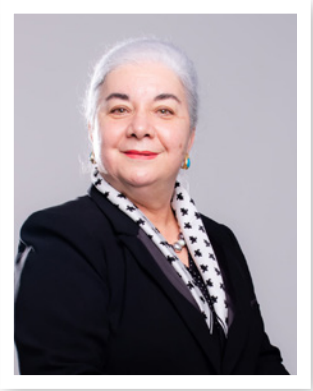
– Senhor Marcos Welter, como gratidão pelo senhor ter encaminhado para nossa escola o valor do seguro de vida de sua mãe com o que foram adquiridos os primeiros computadores e edificadas novas salas, queremos pedir permissão para colocar uma coroa de flores na sua cabeça.

Não me contive, chorei e agradeci mentalmente aos meus irmãos por terem, anos antes, concordado que o valor do seguro de vida de nossa amada, quando do seu passamento, fosse todo destinado às obras de benemerência em Moçambique.

Agradeço a Deus, que é o Grande Arquiteto do Universo, que a nosso favor tudo arquiteta por me ter dado a oportunidade de conhecer 73 países e observar Suas maravilhosas obras.

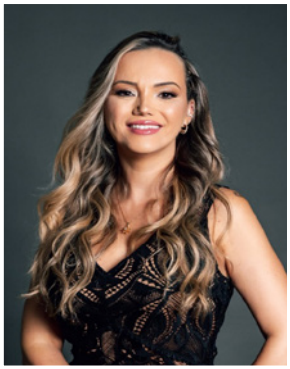
SOBRE OS AUTORES

MARIA GLÓRIA DITTRICH



Possui graduação em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque (1993), mestrado em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (2000) e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008). É professora titular e pesquisadora da Universidade do Vale do Itajaí no Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Ciências Políticas, onde também está atuando como coordenadora; e no Curso de Graduação em Enfermagem 2008-2018. É membro integrante nas linhas de pesquisa Dinâmicas Institucionais das Políticas Públicas; Políticas Públicas: Aspectos Socioambientais e Sócios Culturais no referido Mestrado. Atua também nos Grupos de Pesquisas: Saúde, Educação e Tecnologias para Políticas Públicas UNIVALI; e Rede Internacional de Escolas Criativas - Investigando Escolas Criativas e Inovadoras, com a Universidade de Tocantins e Universidade Federal de Goiás. É membro integrante da Red de Formación Universitaria Transdisciplinar REDFUT, da Comunidad Internacional Científica Virtual para el Cambio CCVC e Rede Internacional de Escolas Criativas UB - Espanha. Coordenou e trabalha no projeto de extensão Mãos de Vida: uma escola criativa para humanescer na cidadania, valorizando as ODS no desenvolvimento do potencial humano e sua interação com a natureza como ambiente vital para a educação e saúde. Tem experiência na área da Filosofia, da Educação, da Saúde e da Arte, dentro de uma visão transdisciplinar e ecoformativa. Atua principalmente nos seguintes temas: corpo-criante, arte, arteterapia, criatividade, espiritualidade, educação, saúde, cultura e ser humano. É fundadora da Associação Catarinense de Arteterapia ACAT, avaliadora do MEC 2006-2023, conselheira no Observatório Social de Itajaí e conselheira da UNIÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE ARTETERAPIA. Diretora do Centro Da Vinci de Belas Artes e Ecoformação 2004 - 2020 e Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Arteterapia: Fundamentos Filosóficos e Prática - FSL 2006-2018. É artista plástica, autora e organizadora do I ENCONTRO INTERNACIONAL E CIÊNCIAS ECO-ESPIRITUAIS - Transdisciplinaridade, Ecoformação e Saúde- 2010. Escritora e promotora de eventos culturais e científicos. Seu trabalho nas artes plásticas é marcado por várias exposições e premiações no Brasil e no exterior. Membro da Academia de Letras do Brasil – seccional de Brusque – SC.

FERNANDA ANALÚ MARCOLLA



Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ (2023). Mestre em Direito Público pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Regional de Blumenau (FURB-2022). Especialista em Direitos Humanos e Direito Constitucional pela Universidade de Direito de Coimbra/Portugal. Especialista em Direito Penal e Direito Processual Penal pela Universidade Damásio de Jesus. Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Brusque/SC (UNIFEBE). Advogada Criminalista. Presidente da Comissão de Direito Criminal da Subseção de Brusque da OAB/SC (2022-2023). Integrante da Associação dos Advogados Criminalistas do Estado de Santa Catarina - AACRIMESC. Integrante voluntária do Laboratório de Educação em Cidadania e Direitos Humanos - LACEDH. Integrante da Academia de Letras do Brasil, subseção Brusque/SC. Autora do Livro "Castração química como pena para os crimes sexuais: reflexões históricas e constitucionais" e coautora do livro Tráfico Privilegiado: jurisprudência defensiva do Supremo Tribunal Federal. Organizadora do Livro Direito, Contos e outras fábulas, vol. 1. Organizadora dos volumes 1, 2, 3 e 4 do livro Temas de Direito Criminal. Organizadora do Livro Direito e Sociedade volumes 1 e 2. Organizadora do Livro Direitos Humanos e Cinema vol. 1 e 2.

ROGÉRIO RISTOW

Mestre em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí (2004). Especialista em Direito Penal e Processual Penal pelo Programa de Pós-Graduação da Fundação universidade Regional de Blumenau (FURB). Possui graduação em Direito pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1998) e atualmente é professor das Disciplinas de Direito Penal, Direito Processual Penal e Direitos Humanos na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e no Centro Educacional de Brusque (UNIFEBE). Advogado Criminalista desde 1.998. Presidente da Comissão de Direito Criminal da Subseção de Brusque da OAB/SC (2019-2021). Representante no Vale do Itajaí da Associação dos Advogados Criminalistas do Estado de Santa Catarina (AACRIMESC). Representante Docente do Curso de Direito na Comissão de Direitos Humanos do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). Membro do Laboratório de Educação em Cidadania e Direitos Humanos da UNIFEBE. Membro da Academia de Letras do Brasil Seccional de Brusque-SC. Autor do livro Introdução ao Estudo do Direito Penal: teoria do crime. Organizador dos volumes 1, 2, 3 e 4 do livro Temas de Direito Criminal.

GILBERTO RAU

Nasceu em Brusque (SC), em 4 de janeiro de 1956. Graduado em Engenharia Química. Membro vitalício da Academia de Letras do Brasil – Brusque. Empossado na cadeira n.º 04 em 12 de abril de 2014. Patrono: Octacílio Schüler Sobrinho. Filho de Ingo Euwaldo Rau (*in memoriam*) e de Olímpia dos Santos Rau (*in memoriam*). Bisneto de imigrantes alemães que aqui chegaram em 22 de maio de 1865. Atividades culturais: Músico amador, pratica sax-tenor, escritor e membro da AMCLA. Obras publicadas: A livre procura da Verdade; Jerusalém Celeste; A Verdade; Educação e Cidadania; As Colunas Jônica, Dórica e Coríntia; A Sábia Lição de Amós e O Prumo; O Despertar da Consciência e outros.Livro publicado: Levantando Templos às Virtudes.

RICARDO VIANNA HOFFMANN

Especialista em Mercado de Trabalho em Ciência Jurídica – UNIVALI (2002). Graduado em Direito pela FEPEVI/UNIVALI (1983). Advogado - Ordem dos Advogados do Brasil de Santa Catarina. Graduado e Licenciado em Estudos Sociais pelo Fundação Educacional de Brusque - FEBE (1993). Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE (2008). Coordenador do Laboratório de Cidadania e Educação em Direitos Humanos – LACEDH da UNIFEBE. Professor do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE.

TALITA GARCIA

Talita Garcia (1984) é natural de Brusque (SC). Titular da cadeira nº 09 da Academia de Letras do Brasil – Brusque e jornalista na Câmara Municipal de Brusque. É atriz, produtora e assessora de imprensa no Trama Grupo de Teatro, do qual é cofundadora. É bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008) e especialista em História do Teatro Brasileiro e Ocidental: do Moderno ao Contemporâneo (Séc. XIX - Séc. XXI) pela Casa das Artes de Laranjeiras (2022). Cursa Licenciatura em Teatro pela UniCesumar. Integrou o elenco dos espetáculos A Ilha Deserta (2016-2017), da Cia Híbridos de Teatro,

Ao Som dos Teares (2016-2019) e Fanny, A Rainha da Cidade (2019), do Trama, dos quais foi coautora dos textos dramatúrgicos. Protagonizou Até Onde a Vista Alcança (2021), curta-metragem viabilizado pela Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (2020) em Brusque. Em 2021, o filme recebeu o Prêmio do Público de Melhor Ficção no 1º Festival de Cinema Nacional de Chapecó (SC), participou do Festival de Cinema Guarnicê, em São Luís (MA), do Festival de Cinema de Santa Teresa (ES) e do Festival de Cinema Sol Maior, em Niterói (RJ). Em 2022, integrou a programação do Festival Florianópolis Audiovisual Mercosul. Desde 2023, Talita interpreta Sue no espetáculo Não Contém Glúten, do Trama, contemplado pelo Prêmio Wilson Erasmo Quintino dos Santos (2022) e pela Lei Paulo Gustavo em Brusque (2023). Neste ano, como proponente de projeto cultural contemplado pelo Prêmio Wilson Erasmo Quintino dos Santos, do Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Brusque (FMAC), prepara o lançamento em livro da peça teatral Ao Som dos Teares, escrita em coautoria com Claiton Bigliardi e Everton Girardi.

MARIA TERESINHA DEBATIN

Natural de Brusque (SC), nascida em 04 de julho de 1956. Formação em: Gestão de Negócios/Gestão de pessoas e Capacitação gerencial - pela Dom Cabral de Minas Gerais/UFSC e Administração incompleto pela Univali -Facilitação de Grupo e Facilitação de Consultório pelo CIEPH- Cursos Diversos nas áreas de Administração, liderança e gerenciamento. Numeróloga-cabalista.

Histórico profissional – Principais cargos: Atual Presidente da Fundação Catarinense de Cultura. Foi Secretária da Casa Civil do Estado de Santa Catarina entre 2023 e 2024 e Secretária da Administração. Iniciou sua carreira como Bancária: 1 - Funcionária do Banco do Estado de Santa Catarina por 26 anos, dos quais 23 como gerente geral nas agências de Brusque, Guabiruba, Botuverá, São João Batista, Itajaí, Balneário Camboriú, finalizando a carreira como Diretora. Única mulher funcionária a assumir uma Diretoria dentro da Instituição 2 -Diretora da BESCOR- BESC Corretora de Seguros por 4 anos 3 - Diretora da CASAN 4 - Diretora da Imprensa Oficial e Editora do Estado de Santa Catarina e do Arquivo Público do Estado entre 19.03.2007 até o dia 07.11.2011. 2012 - Secretária Adjunta da Secretaria de Esporte Turismo e Cultura 2012/2017 - Presidente da FCC Fundação Catarinense de Cultural. Com Formação em Gestão de Pessoas/Gestão de Negócios e Capacitação Gerencial com foco em contrato de Resultados, numeróloga-cabalista, facilita Grupos na "Jornada de saber" Foco no ser e no desenvolvimento das potencialidades, autoconhecimento visando o sucesso profissional. Ministra Seminário e Palestras. Escritora – Presidente da Academia do Brasil – BRUSQUE- SC. Autora das seguintes obras: 1 - As muitas Faces de um Sujeito chamado "EU" – Poesias e Crônicas; 2 - Depois de Ontem. . . A vida sem meias verdades –Poesias e Crônicas; 3

- Gestão do SER – Tomada de consciência para as probabilidades que um Sujeito tem de Ser Feliz – Autoconhecimento (Metas); 4 - Três Reis e Um Mago- A lenda dos Reis Magos contada pelo viés e conhecimento da Cabala; 5 - Pronta Para Remessa- Bloco de Mensagens com temas variados para as mais diversas datas comemorativas; 6 - De Zero a Dez! Qual é o seu Número? Um Novo Livro que está em fase de correção e para o qual pretendo buscar Editora para parceria; 7 - "FELIZ ANIVERSÁRIO", CD com letra e melodia de minha autoria; Um jeito novo de cantar parabéns a você. Arranjo e voz Alécio Studio; 8 - A Lua e o Caminhante: Quarenta e nove dias de aprendizado transformador; 9 - A Coelha Florisbella - Primeiro livro infantil – História em forma de poema; 10 - Donna á Formiga – Segunda obra infantil – História em forma de poema; 11 - O Menino João - Que foi meu avô - Terceira obra infantil.

ALDO MAES DOS ANJOS

Sou escritor, desenhista e editor da Revista em Quadrinhos CARTUM INTERATIVA, a qual completou 23 anos de existência em junho de 2024. Nasci em Curitiba (PR), em 10 de noveMbro de 1974, mas sempre tive fortes laços afetivos com a cidade de Brusque. Fui alfabetizado já aos 3 anos, antes de ingressar no Jardim de Infância, ouvindo as histórias em quadrinhos que minha mãe, dona Yêda, contava todas as noites antes de dormir. Em junho de 2001, lançamos a primeira edição da Revista CARTUM, com 3.000 exemplares distribuídos gratuitamente em cerca de 80 pontos comerciais da cidade. Em 2010, obtive o primeiro lugar no I Salão de Humor de Jaraguá do Sul, na categoria História em Quadrinho. No dia 19 de Março de 2019, tornei-me um Imortal da Academia de Letras do Brasil – seccional de Brusque/SC. Até o mês de junho de 2024, já haviam sido lançadas, ao todo, 386 edições diversas da Revista CARTUM, com 1028 histórias em quadrinhos autorais diferentes. Se as 386 edições fossem colocadas lado a lado, resultaria em um livrão com 9.122 páginas. Entre junho de 2001 e junho de 2024, foram distribuídos gratuitamente 974.850 exemplares, somando as tiragens de 386 publicações.

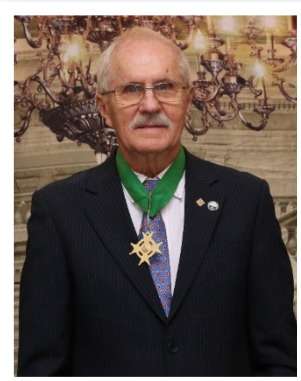
Contato: ALDO MAES DOS ANJOS

Whatsapp: (47) 99956-4787

Email: revistascartum@gmail.com

SAIBA MAIS sobre a Vida Literária de Aldo Maes dos Anjos, acessando o *QR Code* a seguir:

MARCOS EUGÊNIO WELTER



Berçou em Joinville (SC), quando criança foi catador – catava e vendia ferro velho e vidros, também plantava verduras e vendia nas vizinhanças, estudou muito, trabalhou no Banco do Brasil e também como advogado, lecionou Matemática e Português no Colégio Nossa Senhora Aparecida em Caçador (SC), e também matemática no cursinho preparatório para o Banco do Brasil. Foi secretário e orador da Associação Comercial e Industrial de Caçador (SC). Pai de três filhos, trabalhava em dois empregos: Banco do Brasil e advogado, mas viuvou e decidiu deixar um dos empregos e dedicar-se aos filhos Marlon Maicon e Rodrigo que eram atletas que praticavam o esporte do bicicross com alta performance, tanto que conquistaram os títulos de Campeões Brasileiros por 17 vezes, além de Campeões Panamericanos, Campeões Sul-Americanos, Vice-Campeão Mundial e Campeão Mundial. Rodrigo foi um dos brasileiros que conduziu a Tocha Olímpica na Olimpíada Rio 2016. Marcos presidiu a Associação Brusquense de Bicicross bem como a Federação Catarinense de Bicicross por 10 anos. Foi Delegado da Confederação Brasileira de Bicicross, defendendo os interesses esportivos brasileiros em congressos e conferências na Espanha, França, Holanda, Noruega. Colômbia, Canadá e Estados Unidos. Convocou os representantes de todos os órgãos de classe, de todas as entidades representativas e de todos os segmentos da sociedade e presidiu, em nome do Banco do Brasil, a Assembléia de Constituição da "Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria e Pela Vida" em Brusque, com reuniões quinzenais em todos os bairros, ministrando palestras apolíticas e apartidárias, levantando as necessidades dos bairros, priorizando a solução dos problemas apontados, propondo mutirões para solucionar o que for viável, encaminhando aos órgãos públicos os problemas que lhes dizem respeito, acompanhando-os até a solução final. Participa como cantor, de dois grupos de Canto Alemão divulgando a cultura e canções de nossos ancestrais. A Câmara Comercial Industrial e Administrativa de São Paulo, através da Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística, com reconhecimento do Ministério da Educação e Cultura condecorou o Dr. Marcos como título de "Comendador do Mérito Cívico e Cultural". Tem 200 publicações como: Bom humor, santo Remédio; A Cura; 20.000 km pela América; O Caminho do Conhecimento; A Luz que está em nós nos guia; Fé, esperança e caridade; O resultado do justo equilíbrio entre o material, o moral e o espiritual. Tem artigos publicados em mais de 20 coletâneas em vários estados. Ocupa a cadeira nº 02 na Academia de Letras do Brasil – Brusque. É membro do Conselho Superior Internacional da Academia de Letras do Brasil; membro do Círculo Universal dos Embaixadores da Paz (Paris 2013); Doutor em Filosofia Univérsica (Brasília 2014), é Patrono Nacional dos Elos Literários e vice-presidente nacional da Academia de Letras do Brasil. Preside o Instituto Bom Samaritano. Ama a natureza e viajar. Seu passaporte tem o carimbo de 79 países, sendo uma das viagens de camionete durante 6 meses, de Brusque para Ushuaia no extremo Sul da América, e depois para Prudhoe Bay no extremo Norte do Alasca, que resultou no livro Alasca Via Terra do Fogo. Para melhor contribuir com o bem-estar dos demais tornou-se mestre reikiano. Recebeu, em nome da Academia de Letras do Brasil no Palácio do Parlamento Britânico em Londres o Troféu de Os Melhores do Brasil no Mundo.

ÍNDICE REMISSIVO

A
Alunos 49–54, 59–60, 66, 72, 75–77, 79, 81–83, 85–94, 96–100, 102–107, 115–116, 126, 155
Aniversário 142–145, 147, 151
Aposentados 42–45
Apresentação 93, 110, 147
Artistas 111
Atendimento 85, 87–88, 91–92, 106

B
Banco 134–137, 148
Bandeira 100, 120, 134
Bem viver 13
Brusque 85–86, 89–90, 92–96, 98–102, 104, 106–107, 124–127, 134, 136–137, 151

C
Câmara Municipal 85–86, 88–90, 92, 94–96, 98, 100–102, 104, 106
Cartilhas 88, 100, 104, 124
Cidadania 42, 50, 59, 85, 87–88, 90, 101–102, 106–107, 111–112, 114, 116
Comunicação 13, 20, 22, 49, 79, 85, 87–90, 92, 95, 101–103, 105–107
Comunicação Pública 85, 87–89, 103, 106–107
Conhecimento 12–15, 17–18, 20–21, 23, 26, 31, 45, 47–51, 53, 59, 62, 67, 75, 81–83, 89, 91, 97, 109, 111, 113, 117–119, 125
Controle ideológico 80
Cotidiano 12, 14, 17, 31, 88, 123
Crianças 42–44, 46–47, 49, 56, 73, 75–78, 80, 82–83, 87–89, 93–94, 96, 99, 104, 106–107, 114, 116, 121, 123, 130–131, 134, 154
Crítica educacional 69
Cultura 11–23, 25, 33, 37–38, 43–44, 55, 61–67, 70–72, 109–114, 116–121, 153
Cultura educativa 15–17, 19, 21–22

D
Datilografia 134–135
Declaração de inocência 30
Delegado 135, 139, 142
Desenvolvimento 20–21, 32, 39–40, 42–62, 64–66, 70, 72, 77–79, 81, 83, 101, 113–114, 126
Deus 16–17, 20, 27–29, 34–36, 135, 138, 146, 148, 153–154, 156
Diálogo 40, 59, 70, 79–81, 83, 88, 100, 105, 122

E
Educação 11–14, 16–20, 22–23, 39–40, 42–70, 72–73, 75–77, 79, 81–83, 85, 87, 91, 98, 100–101, 105–106, 109–113, 115–121, 124–125
Educação familiar 109
Egito 25–26, 30–34, 36–37
Empresários 41, 43–44, 57, 134
Ensino Escolar 39, 129
Equilíbrio 25, 27, 33, 35–37, 39, 53, 58–59, 79, 129

F
Família 42–44, 110, 120, 128, 132–133, 143, 148, 151–152
Fenômeno 11, 13, 15–16, 18, 20–22, 76, 78
Fusca 133

G
Gibi 123

H
Histórias 121, 123–125, 127–130
HQ 122, 124
Humanitária 39, 59–61, 65, 67–68
Humano 11–22, 26, 40, 43, 48–49, 61–62, 64, 66, 72, 81, 83, 129

I
Identidade 19–22, 58, 63, 69, 72, 78, 96, 110–112, 119, 145
Imagens 11, 13, 36, 103, 122
Informação 12–13, 19, 85, 87–88, 93, 95–97, 105, 111, 113, 118–119, 121

J
Jornais 85, 128
Jornalistas 85, 91–93, 99, 107
Julgamento 25, 27, 29–38
Justiça 23, 25–27, 30, 32–38, 45–46, 49, 60, 65, 67–68, 155

L
Legislativo 85–93, 95–97, 99–103, 105–107
Liberalismo 115
Livro dos Mortos 26, 28–34, 36
Livros 36, 90, 114, 116–117, 125–128

M
Mercado de trabalho 46–49, 53–54, 67–68
Mundo afora 131
Música 69–74, 77–78, 80, 82–83, 147, 155

N
Nona Arte 122, 130

O
Opressão 71, 77, 80, 82–83

P
Padre 89, 133, 137–138, 144, 147
Papiro 25–26, 30, 32–34, 36–38
Perrengues 131
Plenário 93, 99, 103
Povo 15, 57, 72, 109, 112, 117, 119, 125
Professor 73–74, 76, 78, 80–82, 92, 94, 109, 118, 125–126, 136–137
Projetos 55, 87, 93, 95, 97, 101, 109, 125

Q
Quadrinhos 121–130

R
Realidade cultural 71–72
Resiliência 50, 105
Revista 46, 121, 124–128

S
Sabedoria 12–13, 16–17, 20, 22, 35, 53, 62, 64, 111, 118–119
Saberes 11, 17–18, 20, 22, 26, 105–106, 109–112, 116, 118, 120
Servidores Públicos 42–44, 97
Simbologia 25, 32, 38, 75
Sociedade 13–14, 17, 25, 32, 37–40, 45–46, 48, 50, 53–55, 57–63, 65–68, 70–72, 74–76, 78, 80–81, 88, 103–104, 107, 112–113, 117–119
Sociedade Tecnológica 13

T
Televisão 132

U
Universitários 11, 50, 105, 113, 117

V
Vereadores 86–87, 89–90, 93, 95–99, 101, 103
Voando 132

ISBN 978-65-5368-508-6

Este livro foi composto pela Editora Bagai.

www.editorabagai.com.br
/editorabagai
/editorabagai
contato@editorabagai.com.br